21.063
a
21063

ut
videam
ANO
1926 X 1936
DA REVOLUÇÃO
NACIONAL

21063

Ao meu bom amigo
Brito e Cunha
aff.

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

BIBLIOTHECA
DE
CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario
LUCIANO CORDEIRO

Proprietario e fundador
MELLO D'AZEVEDO

Mello d'Azevedo

H.G.
21063

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTECA NACIONAL LISBOA

CHRONICA

DE

EL-REI D. FERNANDO

POR

Fernão Lopes

VOL. I

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

1895

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

CHRONICA

DO

SENHOR REI D. FERNANDO

NONO REI DE PORTUGAL

Do reinado d'el-rei D. Fernando e das condições que n'elle havia.

REINOU o infante D. Fernando, primogenito filho d'el-rei D. Pedro, depois de sua morte, havendo então de sua edade vinte e dois annos e sete mezes e dezoito dias: mancebo valente, ledo e namorado, amador de mulheres e achegador a ellas. Havia bem composto corpo e de razoada altura, formoso em parecer e muito vistoso; tal que estando cerca de muitos homens, posto que conhecido não fosse, logo o julgavam por rei dos outros.

Foi grande creador de fidalgos, e muito companheiro com elles; e era tão mavioso de todos os que com elle viviam que não chorava menos por um seu escudeiro, quando morria, como se fosse seu filho. De nenhum a que bem quizesse podia crêr mal que lhe d'elle fosse dito, mas amava elle e todas suas cousas muito de vontade.

Era cavalgante e torneador, grande justador e lançador atovolado. Era muito braceiro, que não achava homem que o mais fosse; cortava muito com uma espada e remessava bem a cavallo. Amava justiça e era prestador e grado muito liberal a todos, e grande agasalhador dos estrangeiros. Fez muitas doações de terras aos fidalgos de seu reino, tantas e muitas mais que nenhum rei que ante elle fosse. Amou muito seu povo, e trabalhava de o bem reger, e todas as cousas que por seu serviço e defensão do reino mandava fazer todas eram fundadas em boa razão e muito justamente ordenadas.

Desfalleceu isto quando começou a guerra e nasceu outro mundo novo muito contrario ao primeiro, passados os folgados annos do tempo que reinou seu pae; e vieram depois dobradas tristezas com que muitos choraram suas desventuradas mesquindades. Se se contentara viver em paz, abastado de suas rendas, com grandes e largos thesouros que lhe de seus avós ficaram, nenhum no mundo vivera mais ledo, nem gastara seus dias em tanto prazer; mas por ventura não era ordenado de cima.

Era ainda el-rei D. Fernando muito caçador e monteiro, em guisa que nenhum tempo asado para elle deixara que o não uzasse. A ordenança como elle partia o anno em taes desenfadamentos, contado tudo pelo miudo, seria longo de ouvir, cá elle mandava chamar todos seus monteiros, no tempo para elle pertencente, e não se partiam de sua casa até que os falcões sahiam da muda, e então, desembargados, iam-se para onde viviam, e vinham os falcoeiros e outros que de fazer aves tinham cuidado. Elle trazia quarenta e cinco falcoeiros de

besta, afóra outros de pé e moços de caça e dizia, que não havia de folgar até que povoasse em Santarem uma rua em que houvesse cem falcoeiros. Quando mandava fóra da terra por aves, não lhe traziam menos de cincoenta, entre açores e falcões nevris e girofalcos, todos primas. Com elle andavam mouros que apresavam garças e outras aves, e estes nadavam os pegos e paúes se os falcões cahiam n'elles.

Quando el-rei ia á caça, todas as maneiras d'aves e cães que se cuidar podem para tal desenfadamento todas iam em sua companha, em guisa que nenhuma ave grande nem pequena se levantar podia, posto que fosse grou e betarda, até o pardal e pequena follosa, que antes que suas ligeiras pennas a podessem pôr em salvo primeiro era presa do seu contrario; nem as simplesas pombas, que a nenhum fazer impecimento, em semelhante caso não eram isentas de seus inimigos. Para raposas, coelhos e lebres e outras semelhantes selvagens montezes, levava el-rei tantos cães de seguir suas pegadas e cheiro, que nenhuma arte nem multidão de covas lhes prestar podia que logo não fossem tomadas. E porém nunca el-rei ia vez alguma á caça que sempre n'ella não houvesse grande sabor e desenfadamento.

Este rei D. Fernando começou de reinar o mais rico rei que em Portugal foi até o seu tempo, cá elle achou grandes thesouros que seu pae e avós guardaram, em guisa que sómente na torre do Haver, do castello de Lisboa, foram achadas oitocentas mil peças d'ouro e quatrocentos mil marcos de prata, afóra moedas e outras cousas de grande valor que ahi estavam, e mais todo o outro haver,

em grande quantidade, que em certos logares pelo reino era posto. Alem d'isto, havia el-rei em cada um anno, de seus direitos reaes, oitocentas mil libras, que eram duzentas mil dobras, afóra as rendas da alfandega de Lisboa e do Porto, das quaes el-rei havia tanto que aduz é ora de crêr, cá, antes que elle reinasse foi achado que uns annos por outros a alfandega de Lisboa rendia de trinta e cinco mil até quarenta mil dobras, afóra algumas outras cousas que á sua dizima pertencem.

E não vos maravilheis d'isto e de ser muito mais, cá os reis d'ante elle tinham tal geito com o povo, sentindo-o por um serviço e proveito, que era por força serem todos ricos, e os reis haverem grandes e grossas rendas, cá elles emprestaram sobre fiança dinheiros aos que carregar queriam, e haviam dizima duas vezes no anno do retorno que lhe vinha, e, visto o que cada um ganhava, do ganho deixava logo a dizima em começo de pago; e assim, não sentindo, pagavam pouco e pouco, e elles ficavam ricos e el-rei havia todo o seu.

Havia outrosim mais em Lisboa estantes de muitas terras, não em uma só casa, mas muitas casas de uma nação, assim como genovezes, e prazentins, e lombardos, e catalães d'Aragão, e de Maiorca, e de Milão, que chamavam milanezes, e corcins, e biscainhos, e assim d'outras nações a que os reis davam privilegios e liberdades, sentindo-o por seu serviço e proveito; e estes faziam vir e enviavam do reino grandes e grossas mercadorias, em guisa que, afóra as outras cousas de que n'essa cidade abastadamente carregar podiam, sómente de vinhos foi um anno achado que se carregaram

doze mil toneis, afóra os que levaram depois os navios na segunda carregação de março. E portanto vinham de desvairadas partes muitos navios a ella, em guisa que com aquelles que vinham de fóra e com que os que no reino havia jaziam muitos vezes ante a cidade quatrocentos e quinhentos navios de carregação; e estavam á carga no rio de Sacavem e á ponta do Montijo, da parte de Riba-Tejo, sessenta e setenta navios em cada logar, carregando de sal e de vinhos; e por a grande espessura de muitos navios que assim jaziam ante a cidade, como dizemos, iam antes as barcas d'Almada aportar a Santos, que é um grande espaço da cidade, não podendo marear por entre elles.

E receando os visinhos de Lisboa, que ainda então não era cercada, que gentes de desvairadas misturas e tantas podiam fazer alguns damnos e roubos na cidade, ordenaram que cada noite certos homens de pé e de cavallo guardassem as ruas quando taes navios jaziam ante ella.

El-rei D. Fernando não comprava para carregar nenhuma d'aquellas cousas que os mercadores compram, e porque tem seu costume de viver, salvo aquellas que havia de seus direitos reaes; e, se alguns mercadores queriam tomar cargo de lhe trazer de fóra de seus reinos as cousas que mister havia para suas tercenas, não carregava nenhuma cousa d'ellas, dizendo que seu talante era que os mercadores de sua terra fossem ricos e abastados, e não lhes fazer cousa que fosse em seu prejuizo e descimento de sua honra; e portanto mandava que nenhuns estantes estrangeiros não comprassem, por si nem por outrem, fóra da cidade de Lisboa, nenhum haver de peso, nem comesinho, salvo para

seu mantimento, afóra vinhos e fructa e sal; mas nos portos da cidade podiam comprar soltamente, para carregar quaesquer mercadorias. Nenhuns senhores, nem fidalgos, nem clerigos, nem outras pessoas poderosas consentia que comprassem nenhumas mercadorias para revender, porquanto tiravam a vivenda aos mercadores de sua terra, dizendo que contra razão parecia que taes pessoas uzassem d'actos a ellas pouco pertencentes, mórmente pois por direito lhes era defezo, salvo que comprassem aquillo que lhes cumprisse para seu mantimento e guarnimento de suas casas. E porque Lisboa é grande cidade, de muitas e desvairadas gentes, e ser purgada de furtos e roubos, e d'outros maleficios que n'ella faziam, os quaes presumiam que eram feitos por homens que não viviam com senhores, nem hão bens nem rendas, nem outros mesteres, e jogam e gastam em grande abundancia: porém mandava elle que em cada uma freguezia houvesse dois homens bons que cada mez se inquirissem e soubessem que vivenda faziam os que moravam nella, e os que se com elles colhiam de que fama eram; e se achavam alguns que não uzavam como deviam faziam-n'o saber em segredo a Estevão Vasques e a Affonso Furtado, seus escudeiros, que d'isto tinham cargo, e elles os mandavam prender por seus homens e entregavam á justiça, por se fazer d'elles cumprimento de direito, dizendo que sua vontade era que pessoas que mester não houvessem, nem vivessem com senhores continuadamente, que taes como estes não morassem nas villas e logares de seu senhorio, e que pois elle era teùdo de manter seus povos em direito e justiça, que, recebendo elles damno e sem razão e

elle ahi não tornasse, daria a Deus d'ello grave conta.

Nem consentia que nenhum senhor, nem fidalgo, nem outra pessoa coutasse em bairro em que pousasse nenhum malfeitor, mas mandava que os prendessem dentro nos bairros que se coutavam, pondo grandes penas áquelles que os defender quizessem. Fidalgo nenhum, nem outra pessoa mandava que não pousasse em Lisboa quando elle ahi não fosse, salvo com aquelles que quizessem ter casas e estalagens por pousadias, aos quaes mandava que pagassem por as pousadas rasoados preços, e mandava ás justiças que lh'os fizesse pagar, porque sua vontade era que não pousassem por outra guisa, posto que bairros ahi tivessem. E, para se isto melhor fazer, mandou todos os bispos e mestres e commendadores, e quaesquer outras pessoas a que houvessem de dar pousadas de aposentadoria, que tivesem casas nas villas e logares de seu senhorio, que as corregessem todas até certo tempo, de guisa que podessem n'ellas pousar, e que fossem logo requeridos seus donos d'ellas e seus procuradores que as corregessem; e, se os senhores d'ellas ou seus procnradores fossem a ello negligentes, mandava aos juizes que dos seus bens dessem mantimento a taes que as fizessem correger; e se os juizes punham n'ello tardança mandava ao corregedor da comarca que pelos bens dos juizes as fizesse correger; e se o corregedor era negligente mandava el-rei que se corregessem pelos bens do corregedor; e d'esta guisa eram todos aguçosos a pôr em obra o que el-rei mandava e os poderosos tinham casas em que pouzassem, relevando o povo de muita semrasão que antes d'isto padecia.

Muitas ordenações outras fez e mandou cumprir, por bom regimento e prol do seu povo, este nobre rei D. Fernando, que razoadas todas por miudo fariam tão grande tratado qual aqui não cumpre de ser escripto.

CAPITULO I

Como el-rei de Aragão e el-rei D. Henrique trataram suas avenças com el-rei D. Fernando.

DEIXANDO estas cousas que dissemos, que se em outro logar tambem dizer não podem, e tornando ao começo do reinado d'este rei D. Fernando, deveis de saber que, partindo elle d'aquelle mosteiro aonde seu pae fôra trazido e elle levantado por rei, veiu-se a um castello que chamam Porto de Móz, onde esteve alguns dias, e, assim como se elle esperasse nova e grande guerra com algum rei seu visinho, mandou logo por todo o seu reino que soubessem parte quaes poderiam ter cavallos e armas e ser bésteiros e homens de pé; e isso mesmo fez vêr os castellos de que guisa estavam, e mandou-os repairar de muros e torres e cavas de redor, e poços e cisternas onde cumpriam; e ás portas, paredes, travessas e pontes levadiças e cadafalsos; e fornecel-os d'armas e cubas e d'outras vasilhas, segundo os logares onde

cada uns eram; e deu d'isto cargo aos corregedores das comarcas, e aos seus almoxarifes mandou fazer toda a despeza.

D'ali partiu el-rei e veiu-se a Santarem, e no mez de março, estando elle em Alcanhões, termo d'esse logar, chegaram mensageiros d'el-rei d'Aragão, a saber, *monse* Alfonso de Crasto Novo e fr. Guilherme, mestre em theologia, da ordem dos pregadores, os quaes vinham para tratar paz e amisade entre el-rei d'Aragão, seu senhor, e o dito rei D. Fernando. E foi assim que, falando *monse* Alfonso sobre isto a el-rei, propoz ante elle os grandes assignados dividos que entre os reis d'Aragão e de Portugal de longos tempos houvera, por a qual rasão, com outras muitas boas, que a seu proposito trouve, veiu a concluir que vontade era d'el-rei, seu senhor, haver com elle boa e firme paz para sempre e ser seu verdadeiro amigo e de seus filhos e reinos e gentes a elles sujeitas.

A el-rei prouve de sua embaixada e deu-lhe boa e graciosa resposta; e firmaram suas avenças o mais firme que se fazer póde: que fossem ambos fielmente amigos, sem outra ajuda nem prestança que se prometessem fazer contra algum outro reino nem senhorio, posto que guerra acontecesse de haver com elle.

Semelhavelmente n'esta sazão ordenou el-rei de Castella d'enviar a elle seu certo recado, para haver com elle paz e amisade, e estando em Burgos fez seu procurador Diogo Lopes Pacheco, que em sua mercê então vivia, para vir tratar esta avença; e, não sendo ainda os embaixadores d'el-rei de Aragão partidos d'aquelle logar d'Alcanhões, chegou Diogo Lopes Pacheco, e devisado o dia para

falar a el-rei sobre aquillo porque vinha, propoz ante elle, dizendo assim:

«—Senhor. El-rei D. Henrique de Castella, meu senhor, me envia a vós com sua mensagem, como aquelle que deseja haver boa paz e amorio comvosco, e ser vosso verdadeiro amigo sem nenhum engano; e porem, antes que eu diga nenhuma cousa das por que a vós sou enviado, vos peço por mercê que praza a vossa grande alteza de me dizerdes declaradamente que vontade tendes em haver paz e amor com elle, para eu, com a mercê de Deus e vossa, dizer aquillo que me é mandado e tornar a elle com tal resposta qual cumpre de se dar entre tão nobres reis como vós sois e que hão entre si tão grandes e assignados dividos.»

A estas rasões, respondeu el-rei dizendo: «que elle bem sabia e era certo dos grandes e extremados dividos, assim de linhagem como de bons e compridos merecimentos, que entre elles sempre houvera como irmãos e amigos, os quaes, prazendo a Deus, elle tinha em vontade levar adiante com boa e aguisada rasão, e pois que Deus encommendara paz e amor entre os homens e extremadamente entre os reis mais que outros nenhuns, por seus reinos serem guardados de perigos, que elle por isto e por o logar que de Deus tinha sobre a terra qual sua mercê fôra de lh'o dar, e pelos grandes dividos que entre os reis de Portugal e de Castella sempre houvera serem accrescentados mais cada vez, que a elle prazia de ser seu verdadeiro amigo e haver com elle paz e bom amorio; e que porem elle dissesse sobre tudo o que lhe era mandado e rasoado parecesse de dizer.»

Então firmaram suas amisades e posturas, quaes

entre el-rei D. Pedro, seu pae, e el-rei D. Henrique de Castella antes d'isto foram firmadas, e feitas escripturas sobre ella, quejandas, viram que cumpria; partiu-se Diogo Lopes e foi-se seu caminho, e dizem que d'esta vez falou Diogo Lopes a el-rei como se queria vir para sua mercê.

CAPITULO II

Das preitesias que el-rei D. Henrique fez com el-rei de Navarra.

CONVEM que sigamos os feitos d'el-rei D. Pedro de Castella com seu irmão el-rei D. Henrique, no ponto que deixamos de fallar d'elles, e isto por de tudo haverdes em breve conhecimento e a ordenança de nossa obra não desvairar do seu primeiro começo; mórmente pois d'el-rei D. Fernando nenhuma couza temos que contar até a morte d'este rei D. Pedro.

E porém deveis de saber que feita esta alliança com el-rei D. Fernando de Portugal, e sendo certo el-rei D. Henrique das muitas gentes que o principe de Galles juntava para vir com el-rei D. Pedro, e como não tinham outro passo tão bom como pelas portas de Roncesvalles, que são no reino de Navarra, e isto cumpria por ser por grado d'el-rei e não d'outra guisa, trabalhou de se vêr com elle e ordenar como não houvesse por ahi passagem. E foi assim que se viram el-rei D. Henrique

e D. Carlos, rei de Navarra, em uma villa do extremo que dizem Santa Cruz de Campaço e ali fizeram seus preitos e menagens juradas sobre o Corpo de Deus, presentes muitos fidalgos: que el-rei de Navarra não desse passagem por aquelles portos ao principe nem a suas gentes, e que passando elles por força, o que entendia que não podia ser, que elle por seu corpo com todo seu poder fosse na batalha em ajuda d'el-rei D. Henrique.

E por segurança d'esta promessa poz el-rei de Navarra em arrefens tres castellos de sua terra, a saber, a Guarda e S. Vicente e o castello de Buradom, o qual havia de ter D. Lopo Fernandez de Lima, arcebispo de Saragoça, e *monse* Beltram de Claquim, um grande cavalleiro de França, que ajudava el-rei D. Henrique e o outro João Ramirez Darelhano; e havia de dar el-rei D. Henrique a el-rei de Navarra, por esta ajuda que lhe promettia, e por defender os portos a el-rei D. Pedro e ao principe, a villa do Gronho.

E estas avenças assim firmadas tornou-se el-rei de Navarra para Pamplona, e el-rei D Henrique se veiu a Burgos mui ledo, crendo que el-rei D. Pedro nem o principe não haviam poder de passar por aquella comarca dos portos de Roncesvalles, porquanto el-rei de Navarra lh'o podia mui bem defender e havia de ser em sua ajuda.

E de Burgos se veiu el-rei a Alfaro e ali se partiu d'elle *monse* Hugo de Carnaboi, inglez, com quatrocentos de cavallo, e foi-se para o principe, seu senhor, que da outra parte vinha; e el-rei D. Henrique, pero lhe muito pesou e lhe podera fazer nojo, não o quiz fazer, tendo que fazia direito em ir servir o principe, filho d'el-rei seu senhor.

CAPITULO III

Como el-rei D. Pedro se viu com o principe de Galles e juntaram suas gentes para entrar por Castella.

Tornando a contar d'el-rei D. Pedro, onde ficámos quando passou por Portugal, elle chegou a Baiona, segundo ouvistes, e não achou n'aquella cidade o principe de Galles, mas a poucos dias se viu com elle e falou com o principe quanto havia mister a ajuda de seu pae e sua; e elle lhe respondeu que el-rei de Inglaterra, seu senhor e pae, e elle isso mesmo, estavam mui prestes de o ajudar, e que já lhe escrevera sobre ello e que era bem certo que lhe prazeria. El-rei D. Pedro, mui ledo da resposta, foi em tanto vêr a princeza sua mulher, em uma villa que dizem Guchesma, e deu-lhe muitas joias das que trazia.

N'isto vieram cartas d'el-rei de Inglaterra a el-rei D. Pedro, em que lhe fez saber como escrevia ao principe seu filho e ao duque d'Alencastre seu irmão, que por seus corpos, com as mais gentes

que haver podessem, o ajudassem a pôr em posse de seu reino; e isso mesmo vieram outras cartas ao principe, em que lhe el-rei fez saber quanto lhe prazeria de toda ajuda que lhe fosse feita por elle e pelos seus, aos quaes escrevia que se juntassem todos com elle; e d'ali adeante começou o principe de mandar por gentes, e juntaram-se muitas para esta cavalgada.

E accordaram el-rei D. Pedro e o principe o que haviam d'haver suas gentes de soldo, e fazia-lhes el-rei pago em ouro e joias, assim das dobras que levava como d'ouro amoedado, que lhe o principe emprestara sobre pedras de gran valor. E foi tratado n'estas avenças que el-rei D. Pedro desse ao principe terra de Biscaya e a villa de Castro Dordialles, e a *monse* João Chantes, condestavel de Guiana, que era um bom e grande cavalleiro, muito privado do principe, a cidade de Soria; e accordaram mais que, até que o principe e todos os seus houvessem pagamento de que haviam d'haver do tempo que servissem e estivessem em Castella, ficassem em tanto em Baiona, em maneira d'arrefens, as suas tres filhas d'el-rei. E, juntas as companhas para entrarem em Castella, fizeram saber a el-rei de Navarra que lhes desse passagem pelos portos de Roncesvalles, e que fosse com elles por corpo na batalha, e que lhe daria el-rei D. Pedro por isto as villas do Gronho e de Bitoria; e el-rei de Navarra, sabendo como as gentes do principe eram muitas mais que as d'el-rei D. Henrique, outhorgou de as deixar passar e de ser com elle na batalha por corpo.

CAPITULO IV

Como el-rei de Navarra ordenou de não ser na batalha em ajuda d'el-rei D. Pedro.

El-rei de Navarra, posto em gran cuidado, por a promessa que feita havia a el-rei D. Henrique e depois a el-rei D. Pedro, que era seu contrario, fel-o de feito, porém feiamente.

E foi assim que depois que deu logar ás gentes d'el-rei D. Pedro e do principe, que passassem pelos portos de Roncesvalles, havendo receio de ser na batalha, não quiz attender em Pamplona, mas deixou ahi Martim Henriquez, seu alferes, com trezentas lanças, que se fosse com elles; e foi-se a uma sua villa que chamam Tudella, que é cêrca do reino d'Aragão, e ali tratou com um cavalleiro primo de *monse* Beltram de Claquim, que diziam *monse* Oliver de Manar, que estava na villa de Borja, que era sua, que fizesse d'esta guisa: que el-rei de Navarra andaria á caça entre Borja e Tudella, que eram quatro leguas d'uma á outra, e que

monse Oliver sahisse a elle e o prendesse e levasse preso ao castello, e que o tivesse ali preso em Borja, até que a batalha entre el-rei D. Pedro e el-rei D. Henrique fosse acabada; e d'esta maneira teria boa escusa que não podera por seu corpo ser com elle na batalha, e que por isto lhe daria el-rei de Navarra, em moradia, uma sua villa què chamam Gabrai, com tres mil francos de renda.

Ordenado isto, e feitas suas juras e promettimentos, foi-se el-rei um dia á caça e sahiu a elle *monse* Olivier, e prendeu-o e teve-o preso até que a batalha fosse feita; e então cuidou el-rei outra arte porque sahisse de seu poder sem lhe dar nenhuma cousa, e tratou com elle que lhe deixaria ali em refens o infante D. Pedro seu filho, e que *monse* Oliver o levasse á sua villa de Tudella, e que ali lhe daria recado de tudo o que com elle pozera.

Monse Oliver disse que lhe prazia, e troveram o infante e elle foi-se com el-rei; e, elles em Tudella, mandou el-rei prender *monse* Oliver e um seu irmão, e o irmão, fugindo por uns telhados, foi morto: e preso *monse* Oliver, deram o infante D. Pedro por elle.

Assim que n'esta preitesia elle perdeu o irmão e nenhuma cousa houve do que promettido fôra.

CAPITULO V

Das gentes que el-rei D. Henrique tinha para pelejar, e como ordenou de pôr sua batalha.

QUANDO el-rei D. Henrique soube como o principe, com suas gentes, passaram as portas de Roncesvalles, por grado d'el-rei de Navarra, e como se partira da cidade de Pamplona e se fizera prender por arte, ajuntou suas companhas e foi-se aposentar cêrca de S. Domingos da Calçada, em um azinhal mui grande que ahi está, e ali fez alardo e partiu e passou o Ebro, e poz seu arraial cêrca da aldeia de Anastro; e ahi lhe disseram como uns seiscentos de cavallo, dos seus, entre castellãos e ginetes, que elle mandara por cobrar a villa Dagreda, que estava contra elle, eram passados para el-rei D. Pedro, e el-rel D. Henrique não curou d'aquillo, mas cada dia ordenava suas gentes para a batalha.

E os estrangeiros que com elle estavam d'Aragão eram estes: D. Affonso, filho do infante D. Pedro,

neto d'el-rei D. James; D. Philippe de Castro, ricohomem, cunhado d'el-rei D. Henrique, casado com sua irmã D. Joanna; D. João de Luna, D. Pedro Boil, D. Pero Fernandez Dixar, D. Pedro Jordam Durres, e outros; e de França eram ahi estes cavalleiros: *monse* Beltram de Claquim, e o mariscal de França, e o begue de Vilhenes e outros; e de Castella e de Leão eram ahi todos os senhores e fidalgos e, salvo D. Gonçalo Mexia e D. João Affonso de Gusman.

E, porque soube que seus inimigos vinham a pé, ordenou sua batalha por esta guisa:

Na deanteira, poz a pé *monse* Beltram e os outros cavalleiros francezes e com o seu pendão da banda que levava Pero Lopez d'Ayala, D. Sancho seu irmão, e Pero Manrique, adeantado-mór de Castella, e Pero Fernandez de Vallasco, e Gomez Gonçalves de Castanheda, e João Rodrigues, e Pero Rodrigues Sarmento, e Rui Dias de Bojas, e d'outros cavalleiros até mil homens d'armas pé terra.

A' mão esquerda da batalha, onde estavam os que iam de pé, poz el-rei em uma ala que fossem a cavallo o conde D. Tello seu irmão e D. Gomes Perez de Parras, prior de S. João, e outros fidalgos até mil de cavallo, em que iam muitos cavallos armados.

Na outra ala da mão direita dos que iam tambem de pé, poz el-rei a cavallo D. Affonso, neto d'el-rei D. James, e D. Pedro Moniz, mestre de Calatrava, e D. Fernão Osorez, e D. Pedro Rodriguez do Sandoval; e eram n'esta batalha outros mil de cavallo e muitos cavallos armados.

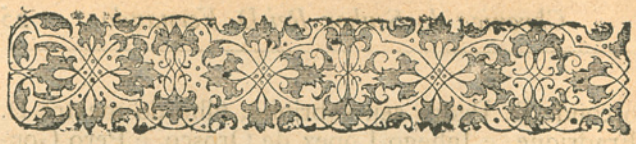
Na batalha de meio d'estas duas batalhas, ia el-rei D. Henrique e o conde D. Affonso seu filho, e

o conde D. Pedro seu sobrinho, filho do mestre D. Fradrique, e Inhego Lopez de Orosco, e Pero Gonçalvez de Mendonça, e D. Fernão Perez d'Ayala, e *micer* Ambrosio, almirante, e outros que dizer não curamos, até mil e quinhentos de cavallo; e assim eram por todos quatro mil e quinhentos de cavallo, afóra muitos escudeiros das Asturias e de Biscaya, que pouco aproveitaram, porque toda a peleja foi dos homens d'armas.

N'isto enviou el-rei de França suas cartas a el-rei D. Henrique, em que lhe enviava dizer e rogar que escuzasse aquella batalha e fizesse guerra por outra guisa, ca fosse certo que com o principe vinha a flôr da cavallaria do mundo, e que o principe e aquellas gentes não eram de condição para muito durarem no reino de Castella, e d'ahi a pouco se tornariam, e que porém desviasse aquella peleja a todo seu poder que se não fizesse.

E escreveu áquelles cavalleiros francezes que assim lh'o aconselhassem, os quaes, falando a el-rei sobre isto, respondeu elle que o falaria em segredo com os seus; e todos lhe aconselharam que todavia pozesse a batalha, ca, se sómente fizesse mostrança e pozesse duvida em não querer pelejar, que os mais do reino se partiriam d'elle e se iriam para el-rei D. Pedro, e isso mesmo fariam as villas e cidades, pelo grão medo que d'elle haviam; e se vissem que elle queria pelejar que todos esperavam a ventura da batalha, a qual fiavam na mercê de Deus que elle venceria.

E esta resposta deu el-rei a *monse* Beltram e aos outros, e determinou de pôr batalha.



CAPITULO VI

Como el-rei D. Pedro e o principe ordenaram sua batalha, e foi el-rei D. Pedro armado cavalleiro.

Da parte d'el-rei D. Pedro, foi ordenada a batalha d'esta maneira:

Elles todos vinham pé terra, e na vanguarda vinha o duque d'Alencastre, irmão do principe, a que diziam D. João, e *monse* João de Chantos, condestavel pelo principe em Guiana, e *monse* Ruberte Chaullos, e *monse* Hugo Carvaloi, e *monse* Oliver, senhor de Absom, e muitos outros cavalleiros d'Inglaterra, que eram tres mil homens d'armas, assás de bons e usados em guerra.

E na ala da mão direita vinham o conde Darminhaque, e o senhor de Leberte e seus parentes, e o senhor de Rosam, e outros cavalleiros de Guiana, do bando do conde de Foix, e muitos capitães de companhias, até dois mil homens d'armas.

Na batalha postumeira vinha el-rei D. Pedro, e el-rei de Neapol, e o principe de Galles, e o pendão

d'el-rei de Navarra com trezentos homens d'armas, e muitos cavalleiros d'Inglaterra, até tres mil lanças.

Assim que eram por todos dez mil homens d'armas e outros tantos frecheiros, e estes homens d'armas eram então a flor da cavallaria do mundo, ca era paz entre França e Inglaterra, e todo o ducado de Guiana e Arminhaques, e do condado de Foix, e todos os cavalleiros e ricos-homens de Bretanha, e toda a cavallaria d'Inglaterra; e vinham com el-rei D. Pedro, dos seus, até oitocentos homens d'armas, de castellãos e ginetes.

E d'esta maneira foram ordenadas as batalhas de cada uma parte para o dia que se houvesse de fazer, e partiu el-rei D. Henrique d'aquelle logar onde estava, e foi-se contra aquella comarca d'onde el-rei D. Pedro era, e poz seu arraial em uma serra alta que está sobre Alava, onde as gentes d'el-rei D. Pedro não podiam pelejar com elles, pela fortaleza do assentamento, e cobraram os inglezes esforço por isto, porquanto viram que el-rei D. Henrique se pozera n'aquella serra e não descia ao campo, onde elles estavam prestes para lhe dar batalha; e ali soube el-rei D. Henrique como muitos do principe se estendiam pela terra a buscar viandas, e mandou lá alguns capitães com gentes e acharam-n'os derramados buscando viandas, e tomaram-n'os todos; e duzentos homens d'armas e outros tantos frecheiros acolheram-se a um outeiro, e, pero se bem defendessem, em cima, foram mortos d'elles e os outros tomados.

El-rei D. Pedro e o principe, que estavam alem da villa de Bitoria, quando souberam que as gentes d'el-rei D. Henrique ali eram, cuidaram que era elle

que lhe vinha pôr a batalha, e pozeram-se todos em um outeiro álem de Bitoria, que dizem S. Romão, e ali reglaram sua batalha; e foi el-rei D. Pedro armado cavalleiro de mão do principe, e outros muitos áquella hora, e tornaram-se os d'el-rei D. Henrique para seu arraial, e não se fez mais aquelle dia.

CAPITULO VII

Como o principe de Galles enviou a el-rei D. Henrique uma carta, e das rasões conteúdas n'ella.

SABENDO el-rei D. Henrique como el-rei D. Pedro e o principe de Galles iam caminho do Gronho por passar o rio Debro, partiu d'onde estava e foi-se para Najara, e poz seu arraial áquem da villa, em guisa que o rio de Najara estava o seu arraial e o caminho por hu el-rei D. Pedro havia d'ir. El-rei D. Pedro e o principe, com suas gèntes, partiram do Gronho e vieram para Navarrete, e d'ali enviou o principe a el-rei D. Henrique um seu arauto com uma carta, que dizia assim: «Eduardo, filho primogenito d'el-rei d'Inglaterra, principe de Galles e de Guiana, e duque de Cornoalha, e conde de Cestre. Ao nobre e poderoso principe D. Henrique, conde de Trastamara.

«Sabei que n'estes dias passados o mui alto e mui poderoso principe D. Pedro, rei de Castella e de Leão, nosso mui caro e mui amado parente,

chegou ás partes de Guiana onde nós estavamos, e fez-nos entender que, quando el-rei D. Affonso, seu pae, morreu, todos os povos dos reinos de Castella e de Leão pacificamente o tomaram por seu rei e senhor, entre os quaes vós fostes um dos que assim lhe obedeceram e estivestes grão tempo em sua obediencia.

«E diz que depois d'isto, pode ora haver um anno, vós, com gentes extranhas, entrastes em seu reino e lh'o tendes occupado por força, chamando-vos rei de Castella, tomando-lhe seus thesouros e rendas, dizendo vós que o defendereis d'elle e d'aquelles que o ajudar quizerem; da qual cousa somos mui maravilhado que um tão nobre homem como vós, e de mais filho de rei, fizesses cousa vergonhosa contra vosso rei e senhor.

«E o dito rei D. Pedro enviou mostrar estas cousas a el-rei d'Inglaterra, meu senhor e pae, e lhe requereu que, pelo grão divido de linhagem que entre as casas d'Inglaterra e de Castella houveram em um e pelas ligas e amisades que com o dito rei meu senhor e commigo tinha feitas, o quizesse ajudar a cobrar seu reino e senhorio.

«El-rei meu senhor e pae, vendo que el-rei D. Pedro seu parente lhe enviava pedir cousa justa e arrasoada a que todo rei deve d'ajudar, prouve-lhe fazel-o assim, e mandou-nos que com todos seus vassallos e amigos o houvessemos ajudar, segundo a sua honra pertence, pela qual rasão somos aqui chegados e estamos n'este logar de Navarrete, que é nos termos de Castella.

«E porque se vontade de Deus fosse de se escusar tão grande espargimento de sangue de christãos, como é por força de ahi haver se a batalha

se fizer, de que Deus sabe que a nós pesa muito, vos rogamos e requeremos da parte de Deus e do martyr S. Jorge que, se vos praz que nós sejamos bom medianeiro entre o dito rei D. Pedro e vós, nol-o façaes saber, e nós trabalharemos como vós hajaes em seus reinos e em sua boa graça e mercê tão gran parte por que mui abastadamente possaes manter vosso bom e honrado estado; e, se algumas outras cousas entendeis de livrar com elle, com a mercê de Deus entendemos de pôr ahi tal meio como vós sejaes de todo bem contento.

«E se vos d'isto não praz, e quereis que se livre por batalha, sabe Deus que nos despraz d'ello muito, pero não podemos escusar de ir com el-rei D. Pedro, nosso parente e amigo, por seu reino, e se nos alguns quizerem embargar o caminho nós fazemos muito pelo ajudar, com a ajuda e graça de Deus.

«Escripta em Navarrete, villa de Castella, primeiro dia d'abril.»

CAPITULO VIII

Da resposta que el-rei D. Henrique enviou ao principe por sua carta.

El-rei D. Henrique, vendo esta carta, recebeu bem o arauto e deu-lhe pannos d'ouro e dobras, e houve conselho como responderia ao principe, porque alguns diziam que, pois lhe não chamara rei, lhe escrevesse por outra maneira; e accordaram que lhe escrevesse cortezmente, e foi a carta n'esta forma:

«D. Henrique, pela graça de Deus, rei de Castella e de Leão. Ao mui alto e mui poderoso principe D. Duarte, filho primogenito d'el-rei d'Inglaterra, principe de Galles e de Guiana, e duque de Cornoalha, e conde de Cestre.

«Recebemos por um arauto vossa carta, na qual se continham muitas rasões que vos foram ditas por esse nosso adversario que ahi é, e não nos parece que fostes bem informado, como assim seja que nos tempos passados elle regeu estes reinos de

tal maneira que todos o que o sabem e ouvem se podem maravilhar de tanto tempo ser soffrido no senhorio que teve.

«E todos os dos reinos de Castella e de Leão, com grão damno e trabalho e mortes e perigos e malezas que seriam longas de contar, supportaram até aqui seus feitos, os quaes não poderam mais encobrir nem soffrer; e Deus por sua mercê, havendo piedade de todos os d'estes reinos por tão grande mal não ir mais adeante, sem lhe fazendo nenhum de sua terra, salvo obediencia qual devia.

«E estando todos com elle em Burgos, para o servir e ajudar a defender seus reinos, deu Deus sentença contra elle, e de sua vontade propria os desamparou e se foi, e todos os de seu senhorio houveram mui grande prazer, tendo que Deus enviara sobre elles a sua misericordia, por os livrar de tão duro e tão perigoso senhorio que tinham; e todos os dos ditos reinos, assim prelados como cavalleiros e fidalgos e cidadãos, de sua vontade vieram a nós e nos receberam por seu rei e senhor; assim que entendemos, por estas cousas sobreditas, que isto foi obra de Deus.

«E portanto, pois por vontade de Deus e de todos os do reino nos foi dado, vós não tendo rasão por que nos hajaes d'estorvar, e se batalha houver de ser sabe Deus que nos despraz d'ello, pero não podemos escusar de pôr nosso corpo por defender estes reinos, a que teúdos somos, áquelle que contra elles quer ser; e por onde vos rogamos e requeremos, da parte de Deus e do apostolo S. Thiago, que vos não queiraes tremetter assim poderosamente de em nossos reinos fazerdes damno, ca fazendo-o não podemos escusar de os defender.

«Escripta no nosso arraial cêrca de Fajara, segundo dia d'abril.

Mostrou o principe esta carta a el-rei D. Pedro, e disseram que estas rasões não eram bastantes para se escusar de não pôr logo a batalha, e pois todo era na vontade de Deus que com sua mercê fosse assim o livrasse.

CAPITULO IX

Como se fez a batalha entre os reis ambos e foi vencido el-rei D. Henrique.

Já ouvistes como el-rei D. Henrique tinha seu arraial posto por onde havia de vir el-rei D. Pedro, de guisa que o rio de Najara estava entre uns e outros, e houve então seu conselho de passar o rio e pôr a batalha em uma grande praça que é contra Navarrete, por onde os inimigos haviam de vir, e d'isto pesou a muitos dos seus, porque tinham á primeira seu arrail posto com mór vantagem do que o depois tiveram; mas el-rei D. Henrique era homem de grão coração e esforço, e disse que não queria pôr batalha, salvo em na praça chã, sem vantagem nenhuma.

E el-rei D. Pedro e o principe, com todas suas companhas, partiram de Navarrete sabbado pela manhã, pozeram-se todos pé terra ante uma gran peça que chegassem aos d'el-rei D. Henrique, ordenados em batalha segundo havemos contado. El-rei

D. Henrique isso mesmo ordenou sua batalha na maneira que dissemos, e ante que as batalhas juntassem, alguns ginetes e o pendão de Santo Estevão, com homens d'esse logar que estavam com el-rei D. Henrique, passaram-se para el-rei D. Pedro.

N'isto moveram as batalhas e chegaram uns aos outros, e o conde D. Sancho, irmão d'el-rei D. Henrique, e *monse* Beltram e todos os cavalleiros que estavam com o pendão da banda foram ferir na vanguarda, onde vinha o duque de Alencastre e o condestavel, e os da parte d'el-rei D. Pedro e do principe traziam todos cruzes vermelhas em campo branco, e os d'el-rei D. Henrique levavam esse dia bandas; e assim de vontade juntaram uns com os outros que cahiram as lanças a todos, e começaram de se ferir ás espadas e achas e porras, chamando os da parte d'el-rei D. Pedro «Guiana S. Jorge» e os d'el-rei D. Henrique «Castella S. Thiago;» e tão rijamente se feriram que os da vanguarda do principe se começaram de retrahir quanto seria uma passada, e foram alguns d'elles derribados, em guisa que os d'el-rei D. Henrique cuidaram que venciam, e chegaram-se mais a elles e começaram-se outra vez a ferir.

D. Tello, irmão d'el-rei D. Henrique, que estava de cavallo, da mão esquerda da vanguarda d'el-rei D. Henrique, não movia para pelejar, que foi um grande azo de se perder a batalha, e por que lhe el-rei D. Henrique depois sempre quiz mal; e os da ala direita da vanguarda do principe aderençaram contra D. Tello, e elle e os que com elle estavam não os ousaram d'attender, e moveram do campo a todo romper, seguindo-os os d'aquella ala que iam a D. Tello, e, vendo que lhe não podiam

empecer, tornaram sobre as espaldas dos que estavam de pé na vanguarda d'el-rei D. Henrique, com o pendão da banda que pelejaram com a vanguarda do principe, e ferindo-os pelas espaldas começaram de matar d'elles, e isso mesmo fez a outra ala da mão séstra da vanguarda do principe, depois que não achou gentes de cavallo que pelejassem com elles; assim que ali era toda a pressa da batalha, sendo D. Sancho e os outros todos cercados de cada parte dos inimigos, porém o pendão da banda ainda não era derribado.

E el-rei D. Henrique, como ardido cavalleiro, chegou por vezes em cima de seu cavallo, armado de loriga, ali hu era a pressa tão grande, por occorrer aos seus, tendo que assim o fariam os outros que estavam com elle de cavallo; e quando viu que os seus não pelejavam, não poude soffrer os inimigos e houve de volver costas e todos os que com elle eram, e d'esta guisa se perdeu a batalha.

E affirma-se, se é verdode, que, sendo a batalha da sua parte bem pelejada, era gran duvida não ser el-rei D. Pedro desbaratado, e assim, mal como ella foi, se não fôra o grande esforço e ardideza do principe e do duque d'Alencastre, que eram extremados homens d'armas, ainda o vencimento d'ella esteve em grande aventura, e foram mortos dos de pé que guardaram o pendão da banda, e entre cavalleiros e homens d'armas até quatrocentos, e presos outros muitos, assim como D. Sancho, e *monse* Beltram, e o mariscal, e D. Philippe de Castro e outros, cujos nomes deixamos por não alongar.

E dos de cavallo foram isso mesmo presos o conde de Denja, e o conde D. Affonso, e o conde D. Pedro, e o mestre de Calatrava, e outros que

dizer não curamos, e foram mortos, no encalso até villa de Najara, muitos d'el-rei D. Henrique; e matou el-rei D. Pedro depois por sua mão, tendo preso, um cavalleiro do principe, Inhego Lopez de Orosco, e fez matar Gomes Carrilho de Quintina, camareiro mór d'el-rei D. Henrique, e Sancho Sanchez de Orosco, e Garcia Jofre Tenoiro, que foram presos na batalha, e tiveram-n'o todos a mal; e foi esta batalha vencida sabbado de Lazaro, seis dias d'abril da era de Cesar de mil e quatrocentos e cinco annos.

CAPITULO X

Como o principe disse contra o mariscal de França que merecia mortes e como se livrou por juizo de cavalleiros.

No dia seguinte, que era domingo, trouveram ante o principe todos os prisioneiros que na batalha foram tomados, porque dizia el-rei D. Pedro que alguns contra que elle passara por sentença lhe deviam ser entregues, para d'elles fazer justiça; entre os quaes veiu o mariscal de França, homem de sessenta annos e mais, e o principe, quando o viu, chamou-lhe traidor e fementido que merecia morte, e o mariscal respondeu dizendo: «Senhor, vós sois filho de rei e não vos respondo como poderia n'este caso, mas eu não sou traidor nem fementido»; e o principe disse que queria estar a juizo de cavalleiros e que lh'o provaria, e elle disse que sim, e foram juizes doze cavalleiros de desvairadas nações; e disse o principe contra elle que na batalha de Piteus, que elle vencera, onde fôra preso el-rei de França, e fôra elle seu prisioneiro e posto

a rendição, e lhe fizera preito e menagem sob pena de traição e fementido, que se não fosse em companha d'el-rei de França ou com algum de seu linhagem da flôr de lys, que se não armasse contra el-rei d'Inglaterra nem contra o principe, até que sua rendição fosse pagada, o que ainda não era; e ora não foi n'esta batalha el-rei de França nem homem de seu linhagem, e vejo-vos armado contra mim, não tendo pagado o por que ficastes, e portanto haveis cahido em mau caso.

Muitos cuidaram, ouvindo aquisto, que o mariscal tinha muito mau feito e que se não escusava de morte por ello; e disse o principe ao mariscal que seguramente dissesse todo o que entendesse por defender sua fama e honra, ca isto era feito de guerra entre cavalleiros; e elle respondeu dizendo que verdade era todo o que dizia. «Mas eu, senhor, disse elle, não me armei contra vós como capitão d'esta batalha, ca el-rei D. Pedro o é, a cujas gajas como soldadeiro vós aqui vindes, e, pois vós não sois o capitão e vindes assoldadado, eu não errei em me armar contra vós, salvo contra el-rei D. Pedro, cuja é a requesta d'esta batalha.»

Os juizes disseram ao principe que o mariscal respondia mui bem, com direito, e deram-n'o por quite da accusação que lhe fazia; e foi bem notada esta resposta, de guisa que por tal sentença se livravam depois semelhantes casos, quando aconteciam na guerra.

CAPITULO XI

Das razões que el-rei D. Pedro houve com o principe sobre a tomada dos prisioneiros.

Na segunda feira, partiu el-rei e o principe do campo para a cidade de Burgos, não bem contentes, por duas rasões : a primeira, porque o dia da batalha matara el-rei por sua mão Inhego Lopez de Orosco, tendo-o preso um cavalleiro gascão, o qual se queixou ao principe como lhe fizera perder seu prisioneiro, e da deshonra que lhe havia feita ; e o principe disse a el-rei que bem parecia que não havia vontade de lhe guardar o que com elle pozera, pois este que era um dos principaes capitulos, que não matasse nenhum homem de conta sem primeiro sendo julgado, elle começava de quebrantar; e el-rei se escusou o melhor que poude. A outra razão, porque o domingo depois da batalha pediu el-rei D. Pedro ao principe que todos os cavalleiros e escudeiros castellãos, que de conta eram, lhe fossem entregues por arrasoados preços,

pelos quaes ficasse o principe áquelles que os tinham, que elle lhes faria uma obrigação por o que ahi montasse, e que havendo taes homens que falaria com elles em tal maneira que ficassem da sua parte; e por esta cousa se aficou muito el-rei D. Pedro, dizendo que se d'outra guisa se livrassem que sempre seriam em seu serviço.

O principe disse que não pedia razão, ca os prisioneiros eram d'aquelles que os tinham, e que eram taes homens que por mil tanto do que valiam não lhe daria nenhum o que tivesse, ca logo cuidariam que os comprava para os matar, e que d'isto não se trabalhasse, ca não era cousa para vir a fim.

El-rei D. Pedro disse que, se estas cousas assim haviam de passar, que fazia conta que o principe o não ajudara, e que mais perdido tinha então seu reino que da primeira, e que dispendera seus thesouros de balde.

O principe houve melancolia e disse a el-rei: «Parente senhor, a mim parece que vós tendes agora mais forte maneira para perder o reino do que tivestes quando o regieis e governastel-o de tal guisa que o houvestes de perder; porém, vos aconselho que tenhaes tal geito com todos que cobreis os corações dos grandes e fidalgos de vossa terra, e se o fizerdes como da primeira estaes em ponto de perder o reino e vossa pessoa, e el-rei meu senhor nem eu não vos poderemos mais accorrer.»

CAPITULO XII

Das avenças que foram feitas entre o principe e el-rei D. Pedro sobre as cousas que lhe promettidas tinha.

PASSADAS estas cousas, fez o principe requerer por alguns dos seus a el-rei D. Pedro, como bem sabia que fôrà ordenado entre elles, que assim a elle como aos outros senhores e gentes d'armas que ali eram fossem pagas suas gajas e estados e soldos a cada um, sem nenhuma falta que n'ello houvessem.

E como quer que el-rei havia pago em Bayona a elle e aos outros parte do que haviam d'haver, que porém elle ficava em divida de grandes quantias a todos elles, pelas quaes elle fizera juramentos e menagens aos seus com os d'el-rei, segundo bem sabia; e portanto fosse sua mercê, pois já estava em posse de seu reino, de ordenar como houvessem pagamento e elle fosse fóra das obrigações que lhes feitas havia.

Além d'isto, pois lhe de seu grado promettera, sem lh'o elle requerer, que em todas guisas queria que houvesse alguma terra e renda no reino de Castella, e lhe outhorgara o senhorio de Biscaya e a villa de Castro Urdiales, segundo por suas cartas tinha outhorgado, que lhe aprouvesse de o cumprir assim, para se tornar cedo para sua terra, ca não era proveito, mas perda grande, estar muito tempo com tantas gentes em seus reinos accrescentando despeza.

El-rei ouviu isto que lhe disseram, e mandou-lhe responder, por outros, que verdade era o que dito haviam, e que lhe prazia de cumprir tudo o que promettera, porém que sobre a paga da divida quizera el-rei pôr revolta, dizendo que pagara grandes soldos e gajas em joias e pedras, havendo-as d'elle por mais pouco preço d'aquillo que valiam; e o principe dizendo que os seus foram aggravados em tal paga, dando-lhes pedras e joias que lhe não cumpriam, e não moeda, que mister haviam para comprar cavallos e armas para o servirem, assim que de tal cousa não devia de fazer palavra; e disse mais o principe que, ao que el-rei dizia — que lhe deixasse mil lanças dos seus a sua despeza e gajas e soldo, até que fosse bem assocegado no reino — que bem lhe prazia, mas que os seus queriam vêr primeiro como pagavam os homens d'armas do tempo todo que haviam servido.

Sobre isto, passaram muitas falas e rasões entre el-rei D. Pedro e o principe; no fim, accordaram fazer conta das gentes que vieram, e que houveram de soldo, e quanto lhes deviam, e acharam que montava em todo mui grande quantia, pela qual o principe pediu que lhe desse vinte castellos, quaes elle

nomeasse, em refens, por segurança da paga, e que a cidade de Soria, que promettida havia a *monse* João, condestavel, por suas cartas, que lh'a fizesse entregar.

El-rei disse que por nenhuma guisa não podia taes castellos pôr em fieldade, ca diriam os do reino que queria dar a terra a gentes extranhas, nem as mil lanças que lhe requeria, que não havia por bem de ficarem em seu reino, mas que o senhorio de Biscaya e Castro Urdiales e Soria a *monse* João que bem lhe prazia de o outhorgar.

E sobre estas cousas houve muitos debates, falando-se tudo por aquelles de que fiavam, dizendo o principe que queria saber como haviam de ser pagos os seus, e elle ser fóra de sua obrigação.

El-rei lhe enviou dizer que logo mandava por todo seu reino a pedir ajuda para paga d'estas dividas, e que a um dia certo lhe faria paga de metade; e pelo mais tivessem em refens as suas tres filhas que em Bayona ficaram, até que fosse pago de tudo. E deu lhe cartas por que entregassem ao principe terra de Biscaya e a *monse* João terra de Soria, e ao principe não se quizeram dar os moradores da terra, pero lá mandou seu recado, porque lhes escreveu el-rei caladamente d'outra guisa que se lhe não dessem; e ao condestavel pediram dez mil dobras de chancelleria da carta e elle não a quiz tomar, dizendo que lhe não pediam tanto, salvo por lhe não darem a dita cidade.

O principe, vendo como estas cousas iam por dar logar que el-rei não se tivesse por mal contente d'elle, disse que lhe prazia attender alguns dias em Castella, e que lhe fizesse el-rei juramento de lhe cumprir tudo o que havia promettido; e el-rei disse

que lhe prazia, e accordaram que viesse o principe das Olgas de Burgos, onde pousava, dentro á cidade, á egreja de Santa Maria, e que lhe jurasse el-rei publicamente, perante todos, a lhe cumprir todas as cousas que entre elles eram devisadas.

O principe disse que não iria dentro, salvo que lhe dessem uma porta da cidade com sua torre, em que pozesse gente d'armas por sua segurança; e el-rei lh'a mandou dar, e foram postos na torre homens d'armas e frecheiros, e a fundo da porta, em uma grande praça que se fazia dentro, contra a cidade, poz o principe mil homens d'armas, e fóra da cidade, ao redor do mosteiro onde elle pousava, as mais das gentes que convieram, todos armados.

Entrou o principe dentro na cidade por aquella porta que era guardada, e iam de béstas elle e seu irmão, pero não armados, e ao redor d'elle alguns capitães e outros homens d'armas até quinhentos, e assim chegou á egreja maior, onde haviam de ser os juramentos. El-rei D. Pedro veiu ali, e publicamente leram as escripturas do que el-rei D. Pedro era teúdo de dar ao principe e aos seus, e como se obrigava de dar a elle ou a seus thesoureiros metade da quantia d'aquelle dia a quatro mezes dentro em Castella e a outra metade em Bayona d'ahi a um anno, por a qual tivesse em refens suas filhas, que lá ficaram quando d'ahi partira.

Outrosim, jurou el-rei aquelle dia que faria entregar o senhorio de Biscaya e Castro Urdiales ao principe, e a *monse* Chantos, condestavel de Guianna, a cidade de Soria, que lhe promettido havia. Feito isto, foi-se el-rei para seu paço e o principe para o mosteiro onde pousava; el-rei D. Pedro o foi depois vêr, e disse como havia enviado muitos

por seu reino, para juntar dinheiros para a primeira paga, e, por dar aguça muito maior n'ello, que elle mesmo queria ir pela terra, por pôr nello melhor recado.

O principe disse que fazia bem e lh'o agradecia, por manter sua verdade e juramentos que fizera; e disse-lhe mais que a elle era dito que elle mandava suas cartas aos de terra de Biscaya que o não tomassem por senhor, e que isto não podia crêr, e que lhe rogava que lh'a fizesse entregar, como lhe havia promettido, e a cidade de Soria ao condestavel. E el-rei disse que nunca taes cartas mandara, e que de a haver e lhe ser entregue lhe prazia muito, e que em tudo lhe poria bom remedio n'este espaço dos quatro mezes; e assim se despediu d'elle.

CAPITULO XIII

Quaes pessoas matou el-rei D. Pedro depois que partiu de Burgos, e como tratou paz com el-rei D. Fernando de Portugal.

PARTIU el-rei D. Pedro de Burgos, e o principe para um logar que dizem Arrusto; e indo el-rei para Toledo, antes que chegasse á cidade, mandou matar Ruy Ponce Palomeque, cavalleiro, e Fernão Martins, homem honrado do logar porque andaram com el-rei D. Henrique depois que entrara no reino, e levou refens dos da cidade por ser d'elles seguro; e d'ali partiu e chegou a Cordova, e d'ahi a dois dias armou-se de noite e, com outros, andou pela cidade por casas certas e fez matar dezeseis homens dos honrados que n'ella havia, dizendo que estes foram os primeiros que foram receber el-rei D. Henrique quando ali chegara.

D'ali se partiu e foi a Sevilha, e antes que chegasse fez matar *micer* Gil Bocca Negra, almirante de Castella, e D. João, filho de D. Pedro Ponce de

Leon, e Affonso Arcas de Cadios, e Affonso Fernandez, e outros; e mandou a Martim Lopez de Cardova, mestre de Calatrava, que estava n'essa cidade, que matasse D. Gonçalo Fernandez de Cardova e D. Affonso Fernandez, senhor de Montemayor, e Diego Fernandez, aguazil-mór da cidade, e elle não o quiz fazer, entendendo que faria mal, e el-rei D. Pedro houve d'elle queixume por isto, e ordenou que o prendessem por traição, e a rogo d'el-rei de Granada, por receio que el-rei d'elle houve, soltou D. Martim Lopez e assim escapou de morte; e por queixume que el-rei havia de D. João Affonso de Gusman, que depois foi conde de Nebra, porque se não fôra nem chegara a elle quando outra vez foi o alvoroço de Sevilha, que el-rei D. Pedro fugira para Portugal e o não achou na cidade para o prender, mandou matar D. Branca, sua mãe, de cruel morte, e tomou todos os bens que ambos haviam; e mandou matar Martinhanes, seu thesoureiro-mór, a que fôra tomada a galé do haver, segundo haveis ouvido.

Estando el-rei assim em Sevilha, mandou a Portugal, a el-rei D. Fernando, Matheus Fernandez, seu chanceller-mór e do seu conselho, para tratar com elle paz e amisade, o qual chegou a Coimbra, onde el rei D. Fernando era então, e tratou com elle e disse que el-rei D. Pedro queria com elle paz e amisade e ser seu verdadeiro amigo por sempre em todas as cousas que cumprisse, e confirmaram suas amisades o mais firmemente que poderam, fazendo sobre ello suas escripturas quaes para tal feito cumpriam; e, partido o embaixador de Castella, mandou el-rei D. Fernando João Gonçalves, do seu conselho, para confirmar este amor e paz que o procu-

rador d'el-rei D. Pedro com elle tratara, e João Gonçalves chegou a Sevilha, e el-rei confirmou tudo o que Matheus Fernandez havia tratado; e veiu-se João Gonçalves, e el-rei D. Pedro mandou outra vez João de Cayom, seu alcaide-mór, que chegasse a el-rei D. Fernando e lhe requeresse que ratificasse a amisade que feita haviam, e elle chegou a Tentugal, onde el-rei então estava, e, requerido por elle, outhorgou el-rei D. Fernando a paz e amor que antes d'isto feito havia, e recebeu d'elle o mensageiro preito e menagem por aquellas avenças, e despediu-se d'el-rei e foi-se caminho de Sevilha.

Onde deixamos estar el-rei D. Pedro, e tornemos a contar d'el-rei D. Henrique que se fez d'elle depois que fugiu da batalha até que tornou outra vez a Castella, e isso mesmo de sua mulher e filhos; ca posto que antes queriamos dizer da paga que el-rei D. Pedro fez ao principe, e como lhe entregou as terras que lhe de dar havia, e se despediu d'elle e foi para sua terra, que era rasão de dizermos primeiro, nós isto fazer não podemos, porque nas obras dos antigos que antes de nós fizeram historias taes cousas não achamos nas escripturas a nós por elles communicadas, antes entendemos que foi pelo contrario e que nunca lhe mais fez pagamento, segundo adeante ouvireis, e que o principe se partiu sem lhe mais falar, por novas que havia dos francezes que começavam guerra no ducado de Guianna, por maneira de companhias; e porém tornaremos aos feitos d'el-rei D. Henrique, de que muitos deixando, alguns diremos por abreviar.

CAPITULO XIV

Do que aveio a el-rei D. Henrique, depois que fugiu da batalha, e á rainha sua mulher.

Fugiu el-rei D. Henrique, como ouvistes, depois que viu perdida a batalha, e elle andava aquelle dia em um grande cavallo russo castellão, todo armado de loriga, e por grande trabalho que havia passado não o podia levar o cavallo como cumpria; e um escudeiro seu creado, que tinha um bom cavallo ginete, quando o viu assim chegou-se a elle e disse: «Senhor, tomae este cavallo, ca esse vosso não se póde mover,» e el-rei fel-o assim e partiu da villa de Najára e levou caminho de Soria para Aragão, e iam com elle D. Fernão Sanchez de Thoar e D. Affonso Perez de Gusman e *mice* Ambrosio, filho do almirante, e outros.

E em outro dia sahiram a elles, d'uma aldeia de terra de Soria, alguns de cavallo, porque os viram ir assim apressurados, e taes ahi houve que o conheceram e quizeram-no prender ou matar, por haver a gra-

ça d'el-rei D. Pedro, e elle, que os viu estar assim duvidando, accommetteu-os e desbaratou-os, e matou aquelle que o quizera prender; e d'ali chegou a Aragão, a um logar que dizem Lucca, e achou ahi D. Pedro de Luna, que depois disseram papa Benedicto, e foi-se com elle até fóra d'Aragão, e d'ali partiu e chegou a Ortes, uma villa do conde de Foix, a que muito pesou porque fôra vencido e ainda porque chegara a sua casa, porque se receava do principe, que via então um dos poderosos homens do mundo, de ter achaque contra elle, porque o não prendera, pois que o em sua casa tinha.

E dizem que perguntou o conde a el-rei como vinha assim, e elle respondeu e disse: «Venho com aquelle aquecimento que acontece aos cavalleiros— puz o campo e perdi-o, e ora venho assim como vêdes» —; e o conde o confortou e recebeu mui bem e deu-lhe cavallos e dinheiros e homens que foram com elle até Toulouse, onde esteve por alguns dias. E foi-se a Villa Nova, cêrca d'Avignon, onde era então o duque d'Anjou, irmão d'el-rei de França, no qual achou grande acolhimento, dando-lhe de seus dinheiros, e foi-lhe grande ajuda n'isto o papa Urbano V, que estava em Avignon e queria bem a el-rei D. Henrique; pero el-rei não viu então o papa, ca todos se receavam do principe de Galles, porque o viam assim poderoso.

Os arcebispos de Toledo e de Saragoça, que ficaram em Burgos com a rainha e infantes emquanto el-rei fôra á batalha, como souberam que era perdida, partiram á pressa caminho de Saragoça, onde chegaram com muito medo e grandes trabalhos, achando contrario gasalhado do que cuidavam em el-rei d'Aragão, ca elle, porque via o principe em

Castella mui poderoso e isso mesmo el-rei D. Pedro, receando-se d'elles, disse que el-rei D. Henrique, como cobrára o reino de Castella, não lhe cumprira as cousas que entre elles foram accordadas, e tomou logo a infante sua filha, que a rainha D. Joanna trazia por esposa do infante seu filho, e disse que não queria estar por aquelle casamento; e em tudo isto não sabia a rainha parte que era d'elrei seu marido depois que fugira da batalha.

O principe de Galles e el-rei D. Pedro trataram logo suas amisades com el-rei d'Aragão, e tudo se fazia por el-rei D. Henrique não haver acolhimento em sua terra. Por azo d'este não bom acolhimento, houve entre os senhores e fidalgos d'Aragão grandes bandos perante el-rei, dizendo alguns a el-rei d'Aragão que tivesse a parte d'el-rei D. Henrique, o qual em seus mesteres de guerra que houvera com Castella sempre o achara bom ajudador e leal amigo, e que em tal tempo lh'o devia d'agradecer, mórmente que se el-rei D. Pedro ficasse assocegado em seu reino que lhe poderia fazer guerra como da primeira. Outros diziam que el-rei D. Henrique não cumprira a el-rei d'Aragão o que lhe promettera dar quando cobrasse o reino de Castella, e que portanto não era rasão de o ajudar.

A rainha, vendo n'estes feitos que lhe não cumpria estar em Aragão, pois dos senhores ahi havia taes que queriam mal a seu marido, houve accordo de se ir para elle, ca já sabia o logar onde estava, e partiu de Saragoça caminho de França, e achou el-rei D. Henrique em Servianai, que é uma villa em Languedoc.

CAPITULO XV

Como el-rei D. Henrique se viu com o duque d'Anjou, e do grande acolhimento que achou em el-rei de França.

TORNANDO a contar d'el-rei D. Henrique, que fez depois que foi cêrca d'Avignon, elle em Villa Nova, segundo ouvistes, onde então era o duque d'Anjou; não embargando que o bem recebesse e partisse com elle de seus dinheiros, pezou-lhe muito de sua vinda, porquanto el-rei de França e el-rei d'Inglaterra haviam novamente feitas pazes e entregue ao principe o ducado de Guyanna; e receando-se o duque, pelo gazalhado que fazia a el-rei D. Henrique, que desprazeria a el-rei de França seu irmão, tendo o principe achaque contra elle, que outra vez quereria a volver guerra, colhendo em sua terra homens a que bem não queria, mórmente tal como el-rei D. Henrique, de que se o principe ainda receava.

E quizera-se escusar o duque, quanto poude, de não vêr então el-rei D. Henrique, pero, quando viu

que se escusar não podia, ordenou que lhe dessem pousada na torre da ponte d'Avignon, que é contra França; e ali o viu escondidamnnte a primeira vez que lhe o duque falou, e deu-lhe conselho que escrevesse a el-rei seu irmão, fazendo-lhe saber o mester em que era.

El-rei D. Henrique fel-o assim, e chegaram seus mensageiros a Paris, onde el-rei de França estava, e contaram-lhe o desbarato da batalha e como a perdera el-rei D. Henrique; e, pois que a casa de França era a maior do reino dos christãos, que não devia fallecer sua ajuda aos que em tal caso houvessem cahido, e que porém lhe pedia que o quizesse ajudar n'aquella maneira que visse que lhe cumpria, mórmente contra homens que lhe bem não queriam, posto que de presente com elles houvesse paz.

El-rei de França, como viu suas cartas, escreveu logo ao duque seu irmão que lhe desse cincoenta mil francos d'ouro e mais um forte castello que diziam Pera Pertusa, em que tivesse sua mulher e filhos; e mais lhe fez tornar o condado de Seseno, que seu antecessor el-rei D. João de França dera a el-rei D. Henrique quando o servira na guerra contra os inglezes, e depois o houvera este rei Carlos empenhado d'elle sobre certo ouro; então desembargou-lh'o e foi entregue de todas estas cousas, as quaes lhe o duque fez haver muito despachadamente.

N'este comenos, vinham-se para el-rei cada dia cavalleiros e escudeiros de Castella, e davam-lhe novas como o principe com el-rei D. Pedro não eram avindos, nem em bom accordo, e que os mais da sua parte, que foram presos na batalha, eram já

soltos e estavam nos castellos que primeiro tinham, de que faziam guerra a el-rei D. Pedro; e soube mais como algumas villas e cidades estavam por elle e toda Biscaya. E houve cartas d'alguns seus amigos cavalleiros inglezes, que andavam com o principe e foram em seu serviço quando el-rei D. Henrique entrara em Castella, que não tornasse ao reino até que o principe fosse fóra d'elle, porque el-rei D. Pedro, depois que partira de Burgos, e fôra para Sevilha, pero o principe esperava os quatro mezes da primeira paga, que nunca mais houvera recado nem lhe fôra entregue nenhuma cousa de quantas lhe havia prometttidas, e que entendiam que cedo se partiria para sua terra desavindo d'el-rei D. Pedro, e que o não tornaria mais a ajudar nem as gentes que com elle vieram, por todos serem d'elle mal contentes; e mais que o principe havia novas que Lemosim e Perrim de Saboya, com outros, por modo de companhias, lhe faziam guerra no ducado de Guyanna, que sua estada não seria muito em Castella.

Assim que, com estas novas e outras similhantes que a el-rei D. Henrique vinham cada dia, era mui ledo e cobrava esforço.

CAPITULO XVI

Como el-rei D. Henrique ordenou de tornar para Castella e como el-rei d'Aragão embargava a passagem por seu reino.

QUANTO o principe durou em Castella, e como partiu, nem de que maneira, nós mais não sabemos ao que tendes ouvido; mas como el-rei D. Henrique soube novas certas de sua partida ordenou de se tornar a Castella, e viu-se na villa que chamam Aguas Mortas, com o duque d'Anjou e D. Guilherme, cardeal de Bolonha, parente d'el-rei de França, e ali fizeram seus tratos com el-rei D. Henrique, em nome d'el-rei de França, os mais fortes que poderam, firmados com juramentos e deu o duque a el-rei D. Henrique somma de dinheiros para ajuda de sua vinda.

D'ali partiu el-rei e tornou-se a Pera Pertusa, onde deixara sua mulher e filhos; e tinha então até duzentas lanças, e mandou buscar companhas para trazer comsigo, e vieram-lhe capitães com gentes, a saber: o conde da Ilha, e D. Bernal, conde de Os-

sona e o bastardo de Learmen, e *monse* Berni de Villamur, e el begue de Vilhenes; e partiu logo caminho de Castella com elles, e levou comsigo a rainha sua mulher e o infante D. João, e a infante D. Leonor, com outras donas e donzellas, deixou no castello de Pera Pertusa.

El-rei d'Aragão, que parte soube de sua tornada, e como havia de passar por seu reino, mandou-lhe dizer que elle era amigo do principe de Galles e que lhe não queria fazer nojo, e que porém lhe requeria que não passasse por sua terra, e se o d'outra guisa quizesse fazer que não podia escusar de lh'a defender.

El-rei respondeu áquelle que lhe levou estas novas e disse:

— «Maravilho-me muito d'el-rei d'Aragão enviar-me dizer tal cousa como esta, ca bem sabe elle que, no tempo que lhe eu fui cumpridoiro em sua guerra, que nunca lhe falleci cada vez que me mister houve, e por a entrada que eu fiz em Castella cobrou elle cento e vinte castellos que lhe el-rei D. Pedro tinha tomados; e hora manda-me dizer que nem passe por seu reino! A mim convem d'ir a Castella e não posso escusar que não passe por elle, e, se me elle quizer torvar e têr o caminho, fará n'elle sua vontade, mas eu não posso escusar, a quem me torva der ou quizer embargar, que me não defenda d'elle o melhor que puder».

Tornou-se o cavalleiro com esta resposta e el-rei ordenou de lhe têr os caminhos.

Em Aragão havia muitos que tinham por parte d'el-rei D. Henrique e amavam muito seu serviço e honra, assim como o infante D. Pedro, conde de Denia, e o conde Dampurjas, e D. Pedro de Luna, e

o arcebispo de Saragoça e outros; e o infante D. Pedro enviou a el-rei D. Henrique um seu escudeiro que o guiasse por terra de Ribagorça. E vinha el-rei pelo reino d'Aragão recebendo grande nojo dos que lhe tinham os caminhos, pero não ousaram de lhe attender a batalha, e chegou el-rei a uma villa do infante D. Pedro que dizem Arrens, e ali esteve dois dias repousando; depois, partiu d'ali, continuando seu caminho, e achou-o em outro seu logar que chamam a Bem a rapa, e o infante fez-lhe dar viandas e tudo o que mister houve.

Moveu el-rei por suas jornadas e chegou a Estadilha, e ali houve novas como el-rei d'Aragão mandava aos seus que sahissem de Saragoça ao caminho, a pelejar com elle; e foi essa noite dormir a Belvastro, e ali lhe disseram como el-rei d'Aragão era em Saragoça, e que mandava a todos os seus passar a ponte de sobre Ebro, que lhe fossem têr o caminho; e elles faziam-n'o de mui má mente, ca os mais d'elles queriam bem a el-rei D. Henrique. E, seguindo seu caminho, passou pelo reino de Navarra, e chegou á vista de Calahorra, na fronteira de Castella; e, antes que chegasse á cidade, perguntou el-rei aos que com elle vinham se estavam já no termo de Castella, e disseram que sim, e el-rei desceu-se do cavallo e fincou os joelhos em terra, e fez o signal da cruz em um areal que ali era e disse:

—«Eu juro a esta significança de cruz que nunca em minha vida, por mester que me avenha, saio do reino de Castella, e que antes espere minha morte, ou qualquer ventura que me avier, que jámais sahir d'elle.»

E isto dizia el-rei porque sahira do reino depois

da batalha de Najara, e achara assás graves todas as cousas que houve de livrar com seus amigos em feito de sua ajuda.

E armou alguns cavalleiros antes que chegasse a Calahorra, onde foi bem recebido com todos os que com elle vinham; e chegaram ali, a el-rei, D. João Affonso d'Alfaro, e D. João Ramirez d'Arellano e outros cavalleiros e escudeiros que andavam por Castella, até seiscentos homens d'armas, e el-rei folgou muito com elles e foram d'elle mui bem recebidos.

CAPITULO XVII

Como el-rei D. Henrique entrou em Burgos e cobrou o castello e a judiaria.

Esteve el-rei ali alguns dias, onde se muitos vieram para elle, e partiu caminho de Burgos; e, passando cerca da villa de Logroño, que tinha da parte d'el-rei D. Pedro, não a poude cobrar, e encaminhou para a cidade; e antes que lá chegasse mandou saber a vontade dos do loger, se o colheriam n'ella. Aos da cidade aprouve muito com sua vinda, e enviaram-lhe seus mensageiros que no outro dia entrasse n'ella, ca todos eram prestes de lhe obedecer, e posto que o castello estivesse por el-rei D. Pedro, e dentro com o alcaide até duzentos homens d'armas, e isso mesmo a judiaria tivesse sua voz, que não deixasse d'ir porém, ca todos se viriam depois a sua mercê.

El-rei partiu logo e foi-se a Burgos, e receberam-n'o mui honradamente todo o povo e cleresia, não embargando que do castello atiravam settas e

trons. El-rei ordenou de combater o castello e a judiaria, e fez fazer cavas e atirar com engenhos, e os judeus preitejaram logo de ficarem por seus, e fizeram-lhe serviço de um conto.

Affonso Fernandes, alcaide do castello, porfiou alguns dias por se defender, ácima deu o castello a el-rei D. Henrique, e entregou-lhe el-rei de Neapol, que estava dentro, que viera em ajuda d'el-rei D. Pedro á batalha de Najara, e el-rei mandou-o ao castello de Turiel, e depois houve d'elle oitenta mil dobras, que pagou de rendição á rainha D. Joanna, sua mulher.

Ali houve novas el-rei D. Henrique como a cidade de Cordova estava por elle, e como el-rei D. Pedro estava em Sevilha e abastecia muito a villa de Carmona, e foi bem ledo com estes recados, e mandou a rainha sua mulher e o infante seu filho para terra de Toledo, ca tinha n'essa comarca muitos logares que estavam por elle, e foram com ella o arcebispo de Toledo e o bispo de Palença, e outros.

El-rei, depois d'isto, foi cercar a villa de Dueñas, porque aquelle logar é no caminha de Burgos e de Valladolid, e faziam d'ali muito damno e estorvo; e el-rei D. Henrique, depois que ahi chegou, fel-a cercar e atirar com engenhos. Ruy Rodrigues, que no logar estava, aprazou-se até certos dias, e, não havendo soccorro d'el-rei D. Pedro, passado o prazo, deu o logar a el-rei, e ficaram todos em sua mercê.

CAPITULO XVIII

Como el-rei D. Henrique cercou a cidade de Leão e mandou lavrar a moeda dos sesseres.

Começou-se a era de quatrocentos e seis, e no terceiro anno que reinava el-rei D. Henrique, e no mez de janeiro, partiu el-rei da villa de Dueñas e foi cercar a cidade de Leão; e a cidade estava por el-rei D. Pedro e os fidalgos da terra por el-rei D. Henrique, e fez uma bastida no mosteiro de S. Domingos, e posta a uma torre do logar não a poderam os de dentro defender e deram-lhe a cidade, e ficaram todos por seus.

Partiu el-rei de Leão, depois que a cobrou, e foi combater Outer de fumos, que estava por el-rei D. Pedro, e deu-se-lhe, e assim fizeram outros logares; e accordou d'ir a Hilhescas, que são seis leguas de Toledo, onde estava a rainha sua mulher, e ali esteve alguns dias perguntando a todos que lhe parecia que era bem de fazer: se andaria pelo reino ou se cercaria a cidade de Toledo.

Sobre isto houve muitos conselhos, e emfim accordaram que a fosse cercar, pelas muitas viandas que n'aquella comarca havia; e poz seu arraial da parte da veiga, aos trinta dias do mez d'abril.

Com el-rei estavam até mil homens d'armas, e na cidade havia até seiscentos de cavallo e muita gente de pé; e, por se el-rei mais apoderar sobre o cerco da cidade, fez logo cercar todo o arraial e fazer no Tejo uma ponte de madeira, e certas gentes d'armas passar além e pousar ali; e mandou ir a rainha sua mulher e o infante para a cidade de Burgos, para terem azo d'estar de socego. E havia no arraial muitas viandas e grande soccorro de dinheiros dos logares que el-rei cobrou jazendo ali, e d'outros de redor que tinham sua parte; e para paga das gentes que com el-rei andavam houve accordo de lavrar moeda nova, e fizeram uns que chamavam sessenes, que um d'elles vaiia seis dinheiros, e esta moeda lavraram em Burgos e em Talavera, e com ella houve el-rei acorrimento para paga das gentes que comsigo tinha.

CAPITULO XIX

Como el-rei D. Pedro fez vir el-rei de Granada em sua ajuda, e como se houvera de perder a cidade de Cordova.

DEIXEMOS estar Toledo cercada e vejamos el-rei D. Pedro que fazia emtanto, estando em Sevilha.

El-rei D. Pedro foi certificado de todas as cousas que seu irmão fizera desde que no reino entrara até que cercou a cidade de Toledo, e houve por ello mui grão pesar, e não se trabalhava d'outra cousa senão de abastecer a villa de Carmona o mais que podia; e quando soube que Toledo era cercada tratou com el-rei de Granada que o viesse ajudar com as mais gentes que podesse. O rei mouro foi d'isto mui ledo e veiu com grão poder, ca trouxe comsigo nove mil de cavallo ginetes e oitenta mil de pé, dos quaes eram doze mil bésteiros, e el-rei D. Pedro havia mil e quinhentos de cavallo e seis mil homens de pé, assim que eram por todos noventa e oito

mil e quinhentas pessoas; e com este ajuntamento foi el-rei D. Pedro cercar a cidade de Cardova, que não tinha da sua parte, e era logar de que lhe faziam grande guerra.

Na cidade estavam muitos e bons fidalgos, com gentes assás para se defender, e, cuidando que os mouros pelejariam com elles nas barreiras, não se aperceberam de pôr recado nos muros. Os mouros eram muitos e chegaram rijamente á cidade, emtanto que com a muita béstaria foi o combate tão grande por uma parte que Aben Fallos, capitão mouro que ahi vinha, cobrou a couraça que dizem de Calahorra, e tomaram o alcaçar velho e fizeram n'elle seis portaes, e subiram em cima do muro alguns mouros, com seus pendões.

O desmanho foi tão grande na cidade, por esta rasão, que cuidaram que eram entrados. As donas e donzellas que eram na cidade, vendo aquesto, sahiam ás ruas e praças, chorando escabelladas, pedindo mercê áquelles senhores e cavalleiros, que houvessem d'ellas dó e piedade e não as deixassem ser deshonradas e postas em captiveiro de mouros; e tantas lagrimas e gritos e taes palavras diziam que não havia homem que as ouvisse que não houvesse d'ellas compaixão e dó, o qual tanto esforço fez cobrar aos que dentro eram que rijamente aderençaram para aquelle logar em que os mouros estavam, e pelejaram com elles assim de vontade que por força e mau seu grado lhes fizeram desamparar o muro e os deitaram fóra da cidade, matando d'elles muitos e outros captivando, e ficaram ahi os seus pendões; e fizeram á pressa correger mui bem aquelle rompimento do muro, porque em outro dia esperavam similhante e muito maior combate, toman-

do muito grão prazer porque os Deus livrara de tamanho perigo em que foram postos.

Em outro dia, tornaram os mouros e a gente d'el-rei ao combate, e acharam a cidade apercebida d'outra maneira e arredaram-se a fóra; e aprouvera muito a el-rei de os mouros cobrarem Cordova e a destruirem, havendo d'ella gran sanha, porque estavam ahi alguns taes que lhe haviam feito muita guerra; e tornou-se el-rei D. Pedro a Sevilha e el-rei de Granada para sua terra.

Tornou el-rei de Granada outra vez e cercou a cidade de Jaen; os de dentro sahiram ás barreiras e, aficados dos mouros, houveram-se de retrahir, e entraram os mouros com elles de volta e cobraram a cidade, e na entrada foram alguns dos christãos mortos e captivos e os outros acolheram-se ao alcaçar e d'ali preitejaram com os mouros que lhe dariam certa quantia de dobras e que os descercassem.

Desde ahi, partiu el-rei D. Pedro de Sevilha, e chegaram a Cordova elle e el-rei de Granada, e acharam-n'a apercebida de tal guisa que não provaram de lhe fazer nojo; e tomou el-rei de Granada a cidade de Ubeda, que não era bem cercada, e roubou-a de tudo e fel-a queimar, e entrou Utreira e Marchena, e levou d'estas villas quantos ahi achou captivos, e perdeu-se muita gente; ca foi certo que sómente do logar d'Utreira levaram os mouros onze mil prisioneiros entre homens e mulheres e moços pequenos; e cobrou el-rei de Granada os castellos que el-rei D. Pedro tomara quando foi em sua ajuda contra el-rei Vermelho, e ainda mais alguns outros, e fez-se n'este tempo muito damno na terra dos christãos, por a divisão d'estes reis.

Feito isto, tornou-se el-rei D. Pedro a Sevilha, fazendo todavia abastecer a villa de Carmona, que é a seis leguas d'essa cidade, receando-se que se havia de vêr em algum grão perigo e ter ali acorrimento.

CAPITULO XX

Como el-rei D. Henrique houvera de cobrar Toledo, e como juntou suas gentes para pelejar com el-rei D. Pedro.

Tornando a Toledo, que deixámos cercada, el-rei D. Henrique fez de guisa que cobrou uma bastida que os da cidade haviam feito em uma egreja de sobre a ponte, que chamam San Servande, e alguns de dentro que amavam el-rei D. Henrique tomaram um dia a Torre dos Abbades, que é mui alta e mui forte, e começaram de chamar por el-rei D. Henrique. Os do arraial pozeram logo escadas á torre, e subiram acima bem quarenta homens e pozeram n'ella bem cinco bandeiras; os da cidade, vendo aquesto, pozeram fogo á torre da parte de dentro, que era mais baixa, e os de cima, não o podendo soffrer, houveram todos de deixar a torre e desceram se pelas escadas. Alguns outros da cidade, que quizeram dar entrada a el-rei D. Henrique por vezes, sendo descobertos, foram mortos por ello.

E havendo já dez mezes e meio que Toledo era cercada, aficando-a el-rei por desvairadas guisas, era já o logar mui minguado de gentes e de mantimentos, em guisa que comiam cavallos e mulas e valia a fanga de trigo mil e duzentos maravedis.

El-rei D. Pedro, que havia novas do logar quanto havia mister seu acorro e que se não podia longamente ter, por azo da fome que n'elle havia, mandou chamar todos os que sua parte tinham, e tratou com el-rei de Granada que lhe desse ajuda d'algumas gentes; e antes que partisse de Sevilha levou seus filhos e thesouro e armas, e poz tudo n'aquella villa de Carmona, que abastecida tinha. Feito isto, deixou ahi homens de que se fiava e partiu para Alcantara, onde recolheu todas as gentes por quem havia enviado, com intenção de acorrer a Toledo.

El-rei D. Henrique, sabendo d'isto parte, enviou a Cordova, a todos os seus, que se viessem para elle ali a Toledo, onde tinha o cerco, como soubessem que el-rei D. Pedro partia de Sevilha, porquanto sua vontade era de pelejar com elle. Vendo elles suas cartas, fizeram-no assim, e seriam por todos mil e quinhentos homens d'armas; e quando el-rei D. Pedro chegou a Alcaçar, que é na comarca de Toledo, eram elles em Villa Real, dezoito leguas d'essa cidade.

El-rei D. Henrique, em tudo isto, não era certo se el-rei D. Pedro vinha por lhe dar batalha ou descercar a cidade, e pois a batalha estava em duvida houve accordo de deixar gentes sobre a cidade, que não se fazendo que não perdessem o tempo e trabalho que pozera em a ter cercada, ca se receava que el-rei D. Pedro fingisse que lhe queria dar

batalha, e elle, levantado o arraial, açalmar a cidade de gentes e d'armas e avondo de viandas; e porém deixou no arraial seiscentos homens d'armas, e peões e bésteiros com elles, e partindo de Toledo foi-se para uma villa que chamam Orgas, que são cinco leguas d'essa cidade, e ali chegaram a elle as gentes que dissemos que vinham de Cordova, e mais chegou ali *monse* João de Claquim que vinha de França; e com aquelles que vinham com elle e d'outros estrangeiros que com el-rei andavam seriam até seiscentas lanças.

Assim que se juntaram ali por todos, com estes e com outras gentes, até tres mil outros homens de pé, não curou el-rei de juntar salvo aquelles que cada um costumava de trazer comsigo, e ali ordenou sua batalha por esta guisa: a vanguarda deu a *monse* Beltran e aos outros cavalleiros que vieram de Cordova, e a outra gente toda que fossem com elle em outra batalha, sem fazer mais alas nem mandar outra ordenança.

E, partindo d'ali, soube como el-rei D. Pedro passara pelo campo de Calatrava e que era cêrca de um castello que chamam Montel, que é da ordem de S. Thiago, e que eram com elle D. Fernando de Castro e Fernando Affonso de Samora, e os concelhos de Sevilha e d'outros logares, até tres mil lanças, e de mouros que el-rei de Granada mandara em sua ajuda mil e quinhentos de cavallo.

CAPITULO XXI

Como houveram batalha el-rei D. Henrique e el-rei D. Pedro, e foi vencido el-rei D. Pedro.

El-rei D. Henrique houve seu conselho de trigosamente andar seu caminho, e catar maneira como pelejasse com el-rei D. Pedro, ca bem via que durando a guerra prolongadamente cobraria el-rei D. Pedro muitas vantagens, e portanto andou quanto poude por dar aguça a pôr a batalha, de guisa que chegou cêrca de Montel, onde estava el rei D. Pedro, e alguns dos que iam com elle punham fogo aos mattos, por vêr o caminho que lh'embargava a escuridão da noite.

El-rei D. Pedro não sabia novas d'el-rei D. Henrique, nem era certo se partira do arraial de sobre Toledo, e tinha suas companhas arramadas pelas aldeias, a duas e tres leguas do logar de Montel.

Garcia Moram, alcaide do castello, vendo taes fogos, disse a el-rei como appareciam, e que visse se eram de seus inimigos. El-rei D. Pedro disse que

pensava que era D. Gonçalo Mexia e os outros que partiram de Cordova e se iam juntar com aquelles que estavam em Toledo; pero n'esta duvida mandou el-rei suas cartas a todos os seus, que pousavam pelas aldeias de redor, que na alva da manhã fossem com elle no logar de Montel, onde estava.

Outro dia, grande manhã, chegou el-rei D. Henrique com suas gentes, que desde meia noite haviam andado á vista do logar de Montel, e alguns d'el-rei D. Pedro, que elle enviara ao caminho d'onde appareciam os fogos, tornaram-se á pressa, dizendo que el rei D. Henrique, com suas companhas, vinham já todos muito perto d'ali. El-rei D. Pedro, como isto ouviu, armou-se elle e os seus, e pozeram-se em batalha cêrca do logar de Montel, e não eram ainda vindos todos os da sua parte, que elle mandara chamar ás aldeias.

El-rei D. Henrique, como chegou, aderençou com suas gentes para a batalha; e *monse* Beltram de Claquim e os mestres de S. Thiago e de Culatrava, com os outros que eram na vanguarda, quando moveram para juntar com os de d'el-rei D. Pedro, acharam um valle que não poderam passar, e el-rei D. Henrique, com os que com elle iam, que era a segunda batalha, passaram por outra parte e aderençaram para os pendões d'el-rei D. Pedro, e tanto que chegaram a elles foram logo desbaratados, ca el-rei D. Pedro nem os seus não se tiveram por nenhum espaço, e começaram de se ir.

Os d'el-rei D. Henrique, uns seguiam os mouros matando n'elles, outros se detiveram com os d'el rei D. Pedro até que se acolheu ao castello de Montel e se encerrou n'elle, e parte dos seus se acolheram dentro, outros fugiram, e d'elles foram mortos; e

d'el-rei D. Henrique não morreu outrem, salvo um cavalleiro de Cordova que diziam João Ximenez.

E foi esta batalha á hora de prima, quarta feira, quatorze dias de março de mil e quatrocentos e sete annos.

Martim Lopez de Cordova, que el-rei D. Pedro fizera mestre de Calatrava, vinha esse dia com gentes para ser com elle na batalha, e alguns d'aquelles que iam fugindo deram-lhe novas como era vencido, e elle tornou-se para Carmona, onde estavam os filhos d'el-rei D. Pedro, a saber, D. Diego e D. Sancho e outros, que el-rei D. Pedro, depois da morte de D. Maria de Padilha, houvera d'algumas outras mulheres, e apoderou-se dos alcaçares da villa, todos tres, e dos thesouros d'el-rei e de quanto ahi achou; e acolheram-se dentro ao logar, com elle, até oitocentos de cavallo e muitos bésteiros e homens de pé, ca o logar era abastecido d'armas e viandas em grande abundancia.

CAPITULO XXII

Das razões que houve Mem Rodrigues de Seabra com «monse» Beltram de Claquim, sobre o cerco d'el-rei D. Pedro.

DESBARATADA aquella batalha, e posto el-rei D. Pedro no castello de Montel, fez logo el-rei D. Henrique, a mui grande pressa, fazer uma parede de taipas e de pedra secca com que cercou o logar de redor, de guisa que el-rei não se fosse d'ali.

Com el-rei D. Pedro estava no castello um cavalleiro de Galliza, que diziam Mem Rodrigues de Seabra, que fôra preso na villa de Brevesca, quando el-rei D. Henrique entrara novamento no reino, e, tendo preso e rendido um cavalleiro que chamavam *monse* Beltram de Della Salla, pagou por elle *monse* Beltram de Claquim cinco mil francos, porquanto lhe disse o dito Mem Rodrigues que era natural de terra de Trastamara, que *monse* Beltram houvera então novamente por condado; e por esta razão esteve aquelle Mem Rodrigues com *monse* Beltram

um tempo e depois se foi para el-rei D. Pedro; e por este conhecimento que Mem Rodrigues havia com *monse* Beltram falou-lhe um dia do castello, e disse que se a elle prouvesse que lhe queria falar em segredo. *Monse* Beltram disse que lhe prazia, e devisaram a hora quando fosse a fala, e porque a guarda d'aquella parte era de *monse* Beltram veio-lhe Mem Rodrigues falar de noite, e suas razões foram estas:

— «Senhor *monse* Beltram, el-rei D. Pedro, meu senhor, me mandou que falasse comvosco, e vos envia dizer assim que bem sabe que vós sois mui nobre cavalleiro, e que sempre vos pagastes de fazer façanhas de bons feitos; e, porque vós vêdes bem o estado em que elle é posto, que se vos prouver de o livrar d'aqui e pôr em salvo, sendo com elle e da sua parte, que elle vos dará duzentas mil dobras castelhanas e mais seis villas de juro e herdade, para vós e vossos successores que depois vós vierem, e peço-vos por mercê que o façaes, ca grande honra cobrareis acorrer a um rei tal como este, quando todo o mundo souber que por vós cobrou sua vida e reino.»

Monse Beltram respondeu a Mem Rodrigues dizendo:

— «Amigo, vós sabeis bem que eu sou vassallo d'el-rei de França, meu senhor, e natural de sua terra, e sou aqui vindo por seu mandado a servir el-rei D. Henrique, porque el-rei D. Pedro tem a parte dos inglezes e fez alliança com elles, especialmente contra aquelle que eu tenho por senhor; além d'isto, eu sirvo el-rei D. Henrique e ando a suas gajas e soldo, e não me cumpria fazer cousa que contra seu serviço e honra fosse, nem vós não

m'o devieis aconselhar, e rogo-vos que, se algum bem ou cortezia em mim achastes, que m'o não digaes mais.

— «Senhor *monse* Beltram, disse Mem Rodriguez, eu entendo que vos digo cousa que, fazendo-o, não vos é nenhuma vergonha, e peço-vos por mercê que cuideis n'ello e havei sobre isto bom conselho.»

Monse Beltram, ouvidas estas razões, disse que se queria avisar sobre ello, para vêr o que lhe cumpria de fazer em tal caso.

Tornou-se Mem Rodriguez com este recado a el-rei, e alguns diziam depois que elle dissera isto com arte a *monse* Beltram, sendo em conselho d'el-rei D. Pedro ser escarnecido, como depois foi, e que pero elle fôra preso quando el-rei D. Pedro foi morto, que tudo fôra arte do dito Mem Rodriguez, porquanto lhe el-rei D. Henrique depois deu em Galliza dois logares de juro e herdade. Outros dizem que isto não pareceu ser assim, porque Mem Rodriguez era mui bom cavalleiro, e não é de crêr que fizesse tal cousa contra seu senhor, mórmente que depois tomou a parte d'el-rei D. Pedro e perseverando n'ella acabou sua vida.

CAPITULO XXIII

Como el-rei D. Pedro sahiu de Montel, e como foi morto e em que logar.

Monse Beltram ficou bem cuidoso pelas razões que lhe Mem Rodriguez disse, e outro dia chamou seus parentes e amigos que ali eram com elle, especialmente um seu primo que diziam *monse* Oliver de Mani, e disse-lhe todas as razões que lhe Mem Rodriguez havia propostas, e que lhe dessem conselho como lhe parecia que devia fazer, porém que logo lhe notificava que em nenhuma maneira do mundo elle não faria tal cousa, sendo el-rei D. Pedro inimigo d'el-rei de França, seu senhor, e de mais d'el-rei D. Henrique, a cujas gajas e serviço elle andava; mas que lhe perguntava se esta razão que lhe Mem Rodriguez commettera se a diria a el-rei ou se faria mais sobre ello, pois lhe commettia cousa que, fazendo-a, era desserviço dos ditos senhores, desde ahi era caso de traição.

Os cavalleiros parentes de *monse* Beltram e alguns outros com quem este falou, ouvidas as razões que entre elle e Mem Rodriguez houvera, disseram que elles n'aquelle conselho outhorgavam que elle não fizesse cousa que contra serviço d'el-rei de França seu senhor, fosse, nem isso mesmo d'el-rei D. Henrique, a cujas gajas estavm demais, pois sabia que el-rei D. Pedro era bem inimigo dos ditos senhores; mas disseram-lhe que lhes parecia bem que o fizesse saber a el-rei D. Henrique.

Monse Beltram, crendo-os de conselho, falou a el rei tudo o que lhe aviera com Mem Rodriguez de Seabra, el-rei D. Henrique lh'o agradeceu muito, e disse que a Deus graças melhor guisado tinha elle de lhe dar aquellas villas e dobras que lhe el-rei D. Pedro promettia, que não elle; e prometteu logo de lh'as dar, rogando-lhe que dissesse a Mem Rodriguez que el-rei D. Pedro viesse seguro a sua tenda e que elle o poria em salvo, e como ahi fosse que lh'o fizesse saber.

Monse Beltram duvidou de fazer isto, pero por aficamento d'alguns parentes seus demoveu-se ao fazer, e não tiveram porém os que esta razão ouviram salvo que fôra mui mal feito, ca dizem alguns que, quando *monse* Beltram tornou a resposta a Mem Rodriguez, que passaram mui grandes juramentos entre elles que poria el-rei D. Pedro em salvo, de guisa que el-rei se teve por seguro d'elle. Nem é de cuidar que el-rei D. Pedro d'outra guisa sahira do castello e se pozera em seu poder; mas pelo grande aficamento em que se via, em se partirem alguns dos seus d'elle e virem-se para el-rei D. Henrique, desde ahi pela agua, que não tinham senão muito pouca, e com esforço das juras que

lhe feitas haviam, houve-se d'aventurar uma noite, havendo já nove dias que jazia no castello. E vestiu umas solhas e cavalgou em cima d'um cavallo ginete, e com elle D. Fernando de Castro e Diego Gonçalves, filho do mestre d'Alcantara, e Mem Rodriguez e outros, e veiu-se para a pousada de *monse* Beltram, e descavalgou do cavallo e disse-lhe: «Cavalgae, ca tempo é que nos vamos;» e nenhum respondeu a isto, porque fizeram já saber a el-rei D. Henrique como elle estava com *monse* Beltram.

Quando isto viu, el-rei D. Pedro poz duvida em sua estada e não houve isto por bom signal, e quizera cavalgar em seu cavallo, e um dos que estavam com *monse* Beltram travou d'elle e disse: «Esperae um pouco, Senhor», e deteve-o que não partisse. N'isto, chegou el-rei D. Henrique, armado de todas as armas, com o bacinete posto na cabeça como estava prestes para este feito, e como entrou na tenda de *monse* Beltram travou d'el-rei D. Pedro e não o conhecia bem, por haver grão tempo que o não via.

Mas aqui são desvairadas opiniões, posto que afim toda seja uma, ca uns dizem que, travando el-rei D. Henrique d'elle, que ainda duvidava se era el-rei, e que um cavalleiro de *monse* Beltram lhe disse: «Vêde ca esse é vosso inimigo,» e que respondeu logo el-rei D. Pedro duas vezes, dizendo: «Eu sou, eu sou»; e que então o conheceu melhor el-rei D. Henrique e lhe deu com uma adaga pelo rosto e o derribou em terra, ferindo-o d'outras feridas foi morto áquella hora.

Outros affirmam, escrevendo em seus livros, que el-rei D. Pedro, quando se viu em poder de seu irmão, e como era trahido d'aquella guisa, que se

lançou a elle rijamente, dizendo: «Oh! traidor, aqui estás tu,» e, como homem de grão coração, quizera-lhe dar com uma adaga que lhe já tomada tinham, e quando a não achou que se enviou a elle a braços e deu com elle em terra, e que então Fernam Sanchez de Thoar, que era um dos cavalleiros que el-rei D. Henrique comsigo levava, tirou el-rei D. Pedro de cima, e voltou el-rei D. Henrique sobre elle, e que d'esta guisa foi morto; em outra maneira, se os deixaram ambos, crê-se todavia que el-rei D. Pedro matara seu irmão.

Ora nós concordando o desvairado rasoar d'estes e d'outros auctores, dizemos por esta maneira: a queda seja d'ambos, e el-rei D. Pedro havido por bom e ardido cavalleiro, que em tal tempo não perdeu coração e esforço, mas elle sem nenhuma ajuda e el-rei D. Henrique com muitos matou-o por sua mão e assim acabou sua trabalhosa vida.

CAPITULO XXIV

Como foi sabido pelo reino que el-rei D. Pedro era morto, e da maneira que el-rei D. Henrique teve em alguns logares.

GRANDE ruido foi no arraial quando souberam que el-rei era morto, e foram presos n'essa hora D. Fernando de Castro e Mem Rodriguez de Seabra e Gonçalo Gonalvez d'Avila e outros que com el-rei sahiram do castello; e foi sua morte vinte e tres dias de março de mil quatrocentos e sete annos, havendo então de sua edade trinta e cinco annos e sete mezes. Homem de bom corpo, branco e ruivo, e ciciava um pouco na fala e viveu em seu reino até que se D. Henrique chamou rei em Calahorra, dezeseis annos cumpridos, e reinou tres annos em contenda com elle; e morto assim, segundo ouvistes, depois foi levado a Toledo, e sepultado com os outros reis.

Os que no castello de Montel estavam deram-se todos a el-rei D. Henrique e entregaram-lhe todas as cousas que d'el-rei D. Pedro foram, e isso mesmo

se lhe deu Toledo, aquella cidade que tinha cercada. De Montel partiu el-rei D. Henrique e encaminhou para Sevilha, que já tinha tomada voz por elle, e d'ali mandou todas as gentes para suas terras.

Outrosim foi certo que Ciudad Rodrigo e Samora e Carmona, que d'antes estavam por el-rei D. Pedro, não queriam tomar sua voz, com alguns outros logares, e el rei fez commetter a Martim Lopez de Cordova, mestre que se chamava de Calatrava, e aos outros que estavam em Carmona com os filhos d'el-rei D. Pedro, que elle poria os moços e elles todos, com os thesouros e joias que d'el-rei D. Pedro ficaram, e com tudo o seu, dentro em Portugal ou em Granada ou em Inglaterra, qual antes quizessem, e deixassem o logar sem mais contenda; e elles não quizeram fazer nenhuma preitesia.

Além d'isto, fez commetter a el-rei de Granada treguas por algum tempo, e o rei mouro não se outhorgou n'ello; e el-rei, vendo isto, deixou seus fronteiros n'aquella comarca e encaminhou para Toledo, que já tinha sua voz d'elle, e ali houve conselho que, posto que lançasse grande peita pelo reino, não havia poder de chegar a cumprimento de pagar o soldo que devia, e, por não annojar e aggravar os povos, mudou a moeda em mais baixa lei; e esta mudança presente para paga dos estrangeiros, mas damnou muito a terra, subindo as cousas em tão grandes preços, por a moeda, que era febre, que valia uma dobra trezentos maravedis e um cavallo sessenta mil.

CAPITULO XXV

Quaes logares tomaram voz por el-rei D. Fernando, e d'algumas gentes que se vieram para elle.

Como el-rei D. Pedro foi morto, alguns dos que tinham os logares por elle, tomaram voz por el-rei D. Henrique; outros, que lhe obedecer não quizeram, escreveram logo a el-rei de Portugal que se sua mercê fosse de os haver por seus que levantariam voz por elle, e que começasse a entrar por Castella e que lhe dariam as villas e o receberiam por senhor, fazendo-lhe d'ellas menagem.

El rei D. Fernando, mui ledo d'aquesto, respondeu a todos que lhe prazia muito, e que os havia por seus e lhes faria muitas mercês, e lhes acorreria com suas gentes e por corpo se cercados fossem e lhe mister fizesse.

E as cidades e villas que tomaram sua voz foram estas: Carmona, Samora, Ciudad Rodrigo, Alcantara, Valencia d'Alcantara; e mais: de Galliza, a cidade de Tuy, Padron, Arrocha, a Coruña, Salva-

terra, Bayona, Alhariz, Milmanda, Arahujo, a cidade d'Orense, a villa de Ribadavia, e Lugo, a cidade de S. Thiago, que se deu mais tarde e com certas condicções.

E assim como estes logares se deram a el-rei D. Fernando assim se vieram logo para elle, com suas gentes, todos os fidalgos e cavalleiros que eram da parte d'el-rei D. Pedro, assim de Galliza como de Castella, afóra aquelles que estavam nos logares que tomaram voz por Portugal; e os nomes d'alguns d'elles são estes:

D. Affonso, bispo de Ciudad Rodrigo, que deu a el-rei os castellos de Feolhosa e de Lumbrales; o conde D. Fernando de Castro; Alvaro Perez de Castro, seu irmão bastardo, que depois foi conde; o mestre d'Alcantara, D. Pero Giron; Fernando Affonso de Samora, João Affonso de Beça, João Affonso de Moxica; Soeiro Annes de Parada, adeantado de Galliza; Gonçalo Martins de Caceres, Alvaro Mendez de Caceres, Affonso Fernandez de Lacerda, João Perez de Novoa, João Perez d'Aça; Fernão Rodriguez, Alvaro Rodriguez, seus irmãos; Affonso Fernandez de Burgos, Mem Rodrigues de Seabra, Affonso Lopez de Texeda, Affonso Gomez Churichão, Diogo Affonso de Carvalhal, Gomez Garcia de Foyos, Martim Garcia d'Aliazira, João Fernandez Andeiro, Pedro Affonso Giron, Martim Lopes de Cidade, Affonso Vasquez de Vámonso, Affonso Gomez de Lira, Lopo Gomez, Fernão Caminha e seus filhos, Diego Affonso de Proanho, Fernão Gutterez Tello: Diasanchez, adeantado de Caçolla; Garcia Perez do Campo, Pero Diaz Pallameque, Diego Diaz de Gayoso, Fernando Alvarez de Queiroz, Garcia Prego de Mon-

tão, Diego Sanchez de Torres, João Affonso de Samora, Diego Affonso de Bollanho, André Fernandez de Vera, Alvaro Dias Pallaçoillo, Gonçalo Fernandez de Valladares, Bernalde Annes do Campo; Martim Chamorro, filho do mestre d'Alcantara.

Estes e outros que não nomeamos se vieram para el-rei D. Fernando, d'elles juntos em companhia e outros por si com suas gentes, fazendo entender a el-rei que, assim como aquelles logares tomaram sua voz, que assim fariam outros muitos, em tanto que entendiam que era pequena maravilha ser rei de Castella ou da maior parte d'ella; quando ser não quizesse que podia fazer rei um dos filhos d'el-rei D. Pedro seus sobrinhos, que tinha Martim Lopez em Carmona, assim que d'uma guisa ou d'outra não se lhe podia d'isto seguir senão mui grande honra e proveito, desde ahi vingança da morte d'el-rei D. Pedro seu primo, em que mostraria grande façanha que lhe todo o mundo teria a bem.

El-rei disse que de Castella seria rei quem Deus quizesse, mas que elle se trabalharia a todo seu poder de vingar a morte d'el-rei D. Pedro seu primo; e dizem alguns que mandou fazer queixume ao papa e a el-rei d'Inglaterra e a seus filhos, do mal e deshonra que D. Henrique havia feito a el-rei D. Pedro, seu primo, em o matar d'aquella guisa e lhe tomar o reino, e que a isto foram D. Martim Gil, bispo de Evora, e o almirante, quando os el-rei mandou em mensagem ao principe e a outros senhores, em duas galés.

CAPITULO XXVI

Das avenças que el-rei D. Fernando fez com el-rei de Granada, por fazerem guerra a el-rei D. Henrique.

El-rei D. Fernando era grandioso de vontade e querençoso d'aquillo que todos os homens naturalmente desejam, que é accrescentamento de sua boa fama e honroso estado, e quando viu que sem seu requerimento o mundo lhe offerecia caminho assim azado para cobrar tão grande honra, sem mais aguardar contrarios que avir podessem, determinou em toda maneira de seguir este feito e levar adeante, vendo em sua vontade tantas ajudas para ello prestes que lhe pareceu ligeira cousa toda Castella ser sua em pouco tempo

E sendo certo como el-rei de Granada não quizera fazer treguas com el-rei D. Henrique, por azo da morte d'el-rei D. Pedro, cujo muito amigo era, por as rasões que ouvistes, tratou logo com elle suas avenças, e foram n'esta guisa:

Que ambos fizessem guerra a todos os que sua voz tomassem e fossem em sua ajuda, e esta guerra fosse por mar e por terra; e que el-rei de Granada não fizesse paz nem tregua com el-rei D. Henrique, mas todavia fosse em ajuda d'el-rei D. Fernando, continuando a guerra contra elle; e que quaesquer villas que tomassem voz por el-rei D. Fernando que fossem seguras d'el-rei de Granada, e isso mesmo as que tomassem voz por el-rei de Granada fossem seguras d'el-rei D. Fernando;

e que se o rei mouro fizesse vir gentes de Bellamarim ou d'outros logares, em sua ajuda contra el-rei D. Henrique, que elle fosse teúdo de pagar o soldo, sem custar a el-rei D. Fernando nenhuma cousa, e por esta guisa, vindo gentes estrangeiras em ajuda d'esta guerra a requerimento d'el-rei D. Fernando, que el-rei de Granada não fosse teúdo a lhes pagar parte do soldo que por sua vinda houvessem d'haver;

e que quaesquer villas ou logares que tomassem voz por el-rei de Granada depois que as conquerisse ou indo para as conquerer, que sendo taes logares por seu mandado destruidos que não fosse porém esta paz quebrada, pois que o não faziam senão com medo;

e por esta maneira fizesse el-rei D. Fernando aos quanto lhe prouvesse de o fazer que tomassem sua voz sem quebrar porém esta avença, a qual os reis firmaram entre si por tempo assignado de cincoenta annos, com grandes juramentos segundo a crença de cada um, feitos de uma parte á outra, a não fallecer d'ello por causa que aviesse.

CAPITULO XXVII

Que maneira tinha el-rei D. Fernando com os fidalgos que se de Castella para elle vieram.

E ouvido, antes d'isto, quaes logares tomaram voz por el-rei D. Fernando, e os nomes d'alguns fidalgos que se para elle vieram, bem é que saibaes que geito tinha el-rei com elles, e desde ahi se usou d'algum senhorio nas villas e cidades que então sua parte tiveram.

E, dizendo primeiro da maneira que el-rei com elles tinha, esta era mui honrosa e de grande gasalhado, cá além de el-rei ser grado e liberal, não sómente aos seus mas ainda aos estrangeiros, a estes assignadamente mostrava el-rei grandes gasalhados e partia com elles muito gradamente, em tanto, que era prasmado dos de sua terra e lh'o diziam por vezes no conselho; e elle respondia aos fidalgos que lhe em isto falavam que os seus haviam casas e terras em que abastadamente podessem viver, e os que vinham desacorridos haviam mister bem apo-

sentados e fazer-lhes muitas mercês; então lhes rogava a todos que sempre dessem de si muita honra aos estrangeiros, dizendo que n'isto se mostravam sempre os bons fidalgos: — darem de si muita honra e acolhimento a quaesquer bons que vinham desacorridos.

Assim que, dizendo por miudo quantas grandezas contra èlles mostrou, seria longo processo d'ouvir, porém queremos que tanto saibaes que depois da morte d'este rei D. Henrique, estando uma vez el-rei D. João, seu filho, em uma villa de Castella que chamam Medina del Campo, pousava ali em umas pequenas casas, de guisa que, ceando elle em uma estreita camara que n'ella havia, estavam alguns fidalgos fóra rasoando em muitas cousas, dos quaes era um Fernam Peres d'Andrade e Alvaro Pires do Soiro e Garcia Gonçalves de Grisalva e outros.

E começaram de falar nas grandezas dos reis de Portugal e de Castella — quaes d'elles foram mais grados — e uns d'elles diziam que el-rei D. Henrique fôra mui grado, e outros nomearam el-rei D. Affonso, e assim dos antigos reis de Castella cada um segundo lhe prazia; e, pero ahi portuguezes não estivessem, começaram de louvar muito el-rei D. Diniz de Portugal, dizendo que entre os reis de Hespanha que de grandezas uzaram elle tivera grande vantagem; e falando n'isto começaram alguns de dizer que el-rei D. Fernando era o mais grado rei de que se os homens podiam acordar, e os que isto diziam, a provar sua intenção, chamaram João Affonso de Moxica, que com outros fidalgos estava ahi cêrca departindo em outras cousas, e contaram-lhe todo o seu razoar e a duvida em que eram so-

bre as grandezas dos reis que na Hespanha foram, e que, porque alguns tomaram bando por el-rei D. Fernando dizendo que elle o fôra o mais de todos e elle viera a Portugal depois da morte d'el-rei D. Pedro, que dissesse que grandezas achara n'elle, e elle respondeu dizendo:

—«Eu não hei razão de saber todas as grandezas que el-rei D. Fernando mostrou contra aquelles senhores e fidalgos que se para sua terra foram; sei, porém, que recebiam d'elle todos muita honra e grandes gasalhados, e a muitos que nomear poderia deu villas e terras de juro e herdade e grandes dadivas de dinheiros e bestas e outras cousas. E de mim vos digo que, estando uma vez na cidade de Evora, que elle me mandou um dia trinta cavallos e trinta mulas e trinta arnezes e trinta mil libras em dinheiro, que eram mil e cento e tantos marcos de prata, e quatro azemolas, as duas d'ellas com duas camas e as outras duas com roupa de estrado, e mais me deu de juro e herdade uma sua villa que chamam Torres Vedras; e por aqui podereis vêr que daria aos outros senhores e fidalgos de mór estado e condição que eu.»

Então disseram todos que nenhum dos reis que antes foram acharam que tal grandeza mostrasse contra algum estrangeiro que a sua terra viesse.

CAPITULO XXVIII

Da maneira que el-rei tinha nos logares de Castella que por elle tomaram voz.

FALANDO outrosim do senhorio de que el-rei D. Fernando uzou nas villas e cidades que sua voz então tomaram, sabei que não foi levemente assim tomada que elle não uzasse n'ellas de todo poderio, como nos outros logares de seu reino, mas assim cumpridamente se lhe deram e obedeceram em todas as cousas, como a seu rei e senhor natural; e elle tal titulo e nomeação tomou d'alguns logares quando lhes escrevia suas cartas, assim como escrevendo a Samora chamava-se «rei de Portugal e do Algarve e da mui nobre cidade de Samora», dizendo que por morte d'el-rei D. Pedro, seu primo, elle era de direito herdeiro dos reinos de Castellas e Leão, e seu senhor natural.

Elle mandou fazer moeda de seus signaes, d'ouro e prata, e graves e barbudas, em alguns logares que sua voz tomaram, assim como em Samora e

na Coruña e em Tuy e em Valencia e em Miranda, e poz n'ellas seus thesoureiros e officiaes, segundo para ello cumpriam, os quaes dispendiam e davam por suas cartas e mandados aquellas moedas, que se então corriam por todo o reino de Portugal.

El-rei deu grandes privilegios á cidade d'Orense e de S. Thiago e dos outros logares que sua voz por elle tinham, dando grandes officios e tenças com elles, muitos vieram a elle d'essas villas e cidades, e pediam-lhe os bens dos que se iam para el-rei D. Henrique, e ganhavam d'elle graças e privilegios e officios, e tudo lhes era dado ledamente; elle dava os bens das egrejas e mosteiros que os em Portugal haviam, e isso mesmo nos logares que tomaram sua voz, não sómente aos clerigos mas ás pessoas leigas se lh'os primeiro pediam, e deu a commenda de Toronho, e as villas e logares que lhe pertencem, a Rui de Meira, freire da ordem de S. João, e mandou ás villas e logares da ordem d'Alcantara que houvessem por logo-tenente do mestre d'essa ordem Garcia Perez do Campo Craveiro.

Todas as cousas defezas d'um reino ao outro corriam então para estes logares, segundo a cada um prazia de levar; assim que não sómente os havia el-rei por seus, como sua herança propria, mas ainda esperava d'haver muitos mais, segundo que lhe alguns faziam entender.

E, pela guisa que el-rei D. Fernando dava os bens d'aquelles que se iam e tinham por parte d'el-rei D. Henrique, assim por esse modo dava el-rei D. Henrique as terras e bens dos que tomaram voz por Portugal, e os perseguia a todo seu poder.

CAPITULO XXIX

Como foi tratado casamento entre el-rei D. Fernando e a infanta D. Leonor, filha d'el-rei d'Aragão.

Em tudo isto, el-rei D. Fernando houve accordo com os do seu conselho que para proseguir a guerra contra el-rei D. Henrique não podia ter melhor maneira que commetter a el-rei D. Pedro, d'Aragão, que a infanta D. Leonor, sua filha, que fôra esposada com o infante D. João, filho do dito rei D. Henrique, que a casasse com elle; e por tal casamento entendia elle de levar seu feito muito adeante, com as outras ajudas que tinha, cá el-rei de Granada d'uma parte, e el-rei d'Aragão da outra, e elle por seu cabo, com as gentes e logares que tomaram voz por elle, pareceu-lhe muito azado para mais cedo acabar o que começar queria.

E foi assim de feito que lh'a enviou pedir, e foram lá por mensageiros Badasal d'Espinola e Affonso Fernandes de Burgos e Martim Garcia, cavalleiros de seu conselho, e falando a el-rei sobre isto prouve

de a casar com elle, e mandou um seu cavalleiro, que chamavam *monse* João de Villaragut, com poder bastante para firmar este casamento, o qual chegou a Lisboa, onde el-rei D. Fernando estava; e feitas suas avenças foi el-rei esposado com ella, por palavras de presente, na egreja de S. Martinho da dita cidade, porquanto el-rei pousava então nos paços que chamavam dos Infantes, que são cerca d'essa egreja.

E foi posto nos tratos uma condição, a saber: que el-rei d'Aragão o ajudasse e fizesse guerra com todo seu poder, contra el-rei de Castella, dois annos continuados, e que mil e quinhentas lanças fossem pagadas á custa d'el-rei D. Fernando; e, porquanto estas gentes d'armas cumpria de haver pagamento por moeda que se costumasse a correr no reino d'Aragão, foi firmado n'esta preitesia que el-rei D. Fernando mandasse lá tanto ouro e prata, de que se podesse lavrar moeda de florins e reaes, que bastasse para paga das gentes que houvessem de fazer guerra, as quaes não comecem andando na terra d'el-rei d'Aragão depois que a guerra começasse de ser.

E havia el-rei D. Fernando de pôr certos refens, por ser el-rei d'Aragão seguro do pagamento que os seus houvessem d'haver emquanto servissem n'aquella guerra.

CAPITULO XXX

Como el-rei D. Fernando foi a Galliza e se lhe deu a Coruña.

Começou el-rei D. Fernando a guerra e poz seus ponteiros pelas comarcas, desde ahi nos logares que sua voz tinham, e mandava que todos os logares fossem velados de certas pessoas em cada vela e outras sobre-velas que as requeriam, e como era o sol posto fechavam as portas de cada logar e abriam-n'as sol levado, e estavam ás portas certos homens com suas armas, que não deixavam entrar pessoa nenhuma dentro que conhecida não fosse, e por cima do muro muitas pedras e traves, para deitar aos de fóra se tal cousa cumprisse.

O pão de todos os covaes era carretado para a villa, e gados affastados dos extremos para dentro do reino; todas as arvores altas de redor dos logares eram cortadas e feitas em trações, por os inimigos não haverem azo de fazer d'ellas cousa com que lhe empecessem.

Estes avizamentos e outros mandou el-rei ter em todos os logares, e, posto que alguns digam que elle não tomou n'esta guerra senão titulo de vingador da morte d'el-rei D. Pedro, seu primo, isto não foi d'esta guisa; mas faziam entender a el-rei, e elle assim o dizia, que pois el-rei D. Pedro era morto que elle ficava herdeiro nos reinos de Castella e de Leão, cá era bisneto legitimo d'el-rei D. Sancho de Castella, neto da rainha D. Beatriz, filha do dito rei D. Sancho. Porém, elle nunca se entremettera de começar tal demanda, nem buscar esta avoenga de tão longe, se não foram os logares que se lhe deram de seu grado e os muitos fidalgos que se vieram para elle, que lhe isto faziam entender.

E, porque ainda em Galliza alguns logares não tinham sua voz, ordenou el-rei d'ir lá, por receber logares que se lhe davam, e socegar a terra que estava por elle, e cobrar da outra o mais que podesse; mas sua ida foi de tal guisa que mais sua honra fôra não ir lá d'essa vegada.

E partiu el-rei por terra, indo com elle D. Alvaro Perez de Castro e D. Nuno Freire, mestre de Christo, e outros senhores e cavalleiros e gentes muitas, e mandou ir oito galés por mar á Corunha, e por capitão d'ellas Nuno Martins de Goes; e chegou el-rei a Tuy e foi ahi mui bem recebido d'Affonso Gomez de Lira, alcaide da cidade, e dos moradores todos d'ella.

El-rei falou então com Lopo Gomez, seu filho, que fosse adeante á Corunha, e, se visse que os da villa duvidavam de o receber por senhor, que elle, com aquelles que comsigo levava, se pozesse no muro de cima da porta da villa e que d'ali defendesse aos do logar que não cerrassem a porta até que el-rei entrasse, que seria logo cêrca.

Lopo Gomez chegou á Corunha e nenhuma cousa disse aos do logar da intenção que levava, salvo que se ia para ali por vêr que maneira os portuguezes queriam ter.

N'isto, chegou el-rei D. Fernando á vista do logar e os da villa o sahiram todos a receber, e entre elles João Fernandez Andeiro, que era o mais honrado do logar, porque as outras gentes são d'elle pescadores e outros homens não de grande conta. E João Fernandez, porque ainda não vira el-rei de Portugal, ia dizendo alta voz entre os outros todos: «Hu vem aqui meu senhor el-rei D. Fernando?» El-rei, quando isto ouviu, deu d'esporas ao cavallo em que ia, e disse: «Eu sou, eu sou», e então lhe beijou a mão elle a aquelles todos que iam de companhia.

E porquanto el-rei d'esta guisa foi recebido na Corunha não se poz em obra nenhuma cousa do que Lopo Gomez houvera de fazer.

CAPITULO XXXI

Como foi tomado Monte-rei.

Tendo a villa da Corunha voz por el-rei D. Fernando, como dizemos, mandou el-rei carregar em Lisboa navios de trigo e cevada e vinhos, que levassem tudo áquelle logar, para ser abastecido, e os outros logares de redor que mingua houvessem de mantimentos.

E, estando uma nau e uma barca ante a villa á descarga, vieram outros navios dos inimigos e tomaram a nau e a barca, e bem cento e quarenta moios de trigo e cevada que n'ellas ainda estavam, e mais onze toneis de vinho, e levaram tudo e queimaram os navios, e mandou el-rei correger os muros de Tuy e de Baiona de Minhor e d'outros logares como quem os entendia de possuir longamente.

As galés de Portugal que andavam pela costa tomaram algumas naus boiantes e um barco no rio de

Pontevedra, em que acharam dez marcos de prata e cincoenta duzias de pelles de cobra e outras cousas de pouco valor.

O conde D. Fernando de Castro foi-se lançar sobre Monte-rei, e levava noventa escudeiros seus, e Vasco Fernandes Coutinho sessenta, e João Perez de Novoa cem, e Mem Rodrigues de Seabra oitenta, e assim Fernão Rodrigues de Sousa e outros fidalgos, cada um com suas gentes; e eram ahi mais alguns vassallos do infante D. João, assim como Vasco Martins Porto Carreiro e Gil Fernandez de Carvalho e Martim Ferreira e Fernão Rodriguez do Valle e d'outros mui bons escudeiros até cem; e d'elles foram com o conde sobre o logar, outros ficaram por essas fronteiras, segundo lhes era ordenado.

E pagaram aos que eram armados águisa, trinta soldos por dia, e aos bem armados, que não eram águisa, vinte, e aos outros quinze soldos; e andava aquelle que tinha carrego de pagar este soldo pelos logares onde cada uns estavam, e ali lhes fazia pagamento.

E poz o conde arraial sobre Monte-rei, combatendo-o com engenhos e bastidas, e pero bem defezo fosse dos que dentro estavam, ácima foi filhado e teve voz por Portugal.

CAPITLO XXXII

Como o el-rei D. Fernando partiu da Corunha quando soube que el-rei D. Henrique vinha para pelejar com elle.

El-rei D. Henrique, estando em Toledo, houve novas que el-rei D. Fernando de Portugal se fazia prestes para lhe fazer guerra, e soube quaes logares tomaram sua voz, e quantos fidalgos se foram para elle, e como tomava titulo de herdar os reinos de Castella por ser bisneto lidimo d'el-rei D. Sancho, como dissemos; e foi certo como mandava fazer armada de galés e que nos logares que tomaram sua voz colhiam suas gentes e lhes mandava el-rei D. Fernando soldo.

El-rei D. Henrique, sabendo estas novas, partiu logo de Toledo e foi para Samora, que estava contra elle, e foi isto no mez de julho d'este anno de quatrocentos e sete; e poz seu arraial da parte da ponte.

E jazendo assim el-rei sobre Samora, cuidando trazer com os da cidade algumas preitesias por que

lhe obedecessem e fossem seus, houve novas como el-rei D. Fernando entrara em Galliza, e como se lhe dera a Corunha e que toda aquella terra lhe queria obedecer; e como soube isto partiu logo de sobre Samora e foi para Galliza, com todas suas gentes, com intenção de pelejar com el-rei D. Fernando. E vinham com elle *monse* Beltram de Claquim e todos os bretões que com elle eram, e quantos senhores e grandes cavalleiros em seu reino havia.

El-rei D. Fernando, que d'isto estava dessegurado, e não ia prestes salvo por receber villas, quando soube que el-rei D. Henrique vinha com todo seu poder com intenção de lhe dar batalha, não houve em seu conselho de o attender, e como soube que era em terra de Galliza deixou seus fronteiros nos logares que por elle tinham voz, a saber: na Corunha, D. Nuno Freire, mestre de Christo, natural d'aquella comarca, com quatrocentos homens de cavallo, e em Tuy Affonso Gomez de Lira, e em Salvaterra e nos outros logares seus capitães, e mandou a D. Alvaro Perez de Castro que acautellasse aquellas gentes que foram com elle e se viesse com ellas por terra até Portugal; e el-rei metteu-se em uma das galés que levara Nuno Martins e veiu n'ella até cidade do Porto.

El-rei D. Henrique, onde vinha, soube novas como el-rei D. Fernando era partido e como se tornara para Portugal, e accordou com *monse* Beltram de Claquim e com o conde D. Sancho, seu irmão, e com esses senhores que com elle vinham, que entrasse por Portugal, para vêr se poderia trazer algumas preitesias com el-rei D. Fernando, que fosse seu amigo e não houvessem guerra.

E deixou o caminho da Corunha, que trazia, e veiu por entre Tuy e Salvaterra, e passou o rio do Minho a vau, porque era em tempo que o podiam fazer, e como entraram por Portugal começaram de fazer tal guerra qual homem com má vontade faz em terra de seus inimigos, quando não acha quem lh'o embargue.

CAPITULO XXXIII

Como el-rei D. Henrique cercou Braga e a cobrou por preitesia.

Chegou el-rei D. Henrique a Braga, e como o logar era grande e mal cercado, sem haver ahi mais d'uma torre, em logar ainda que não prestava, era bem azado para se tomar.

Lopo Gomez de Lira, sabendo como na cidade estava muito pouca gente, e ainda esses poucos que eram muito mal armados para defender a cidade, lançou-se dentro, antes que el-rei de Castella chegasse, com uns dez de cavallo e trinta peões.

El-rei D. Henrique, começou de a combater, e, pero o muro fosse baixo e os de dentro mui mal armados, não a podia el-rei tomar; e jazendo por dias sobre ella ordenou de a combater uma vespera de S. Bartholomeu, e poz-lhe uma bastida e combateu-a de guisa que morreram dos de dentro quarenta e oito homens, por mingua de não serem armados; pero com tudo isto não a poude el-rei tomar.

Então os da cidade, vendo que a não podiam defender, preitejaram-se a certos dias que o fizessem saber a el-rei D. Fernando, que estava em Coimbra, e Lopo Gomez, vendo isto, sahiu-se de noite, antes do prazo acabado, e foi-se; a cidade não foi acorrida ao tempo que se preitejou e deu-se a el-rei D. Henrique, que entrou dentro n'ella com todos os seus. Os do logar pozeram as cousas que levar poderam dentro na sé, onde lh'as não tomaram, e depois que el-rei ahi esteve uns seis dias, vendo como era má de manter, desde ahi a terra gastada de mantimentos, pozeram-lhe o fogo e foram-se a Guimarães, que são d'ahi tres leguas.

El-rei D. Fernando, quando soube como se Braga dera, houve grão queixume dos do logar, dizendo que se puderam mais manter se quizeram, mórmente que elle se fazia prestes para lhe ir acorrer, e culpou muito n'isto Gonçalo Paes de Braga e Martim Dominguez, mestre escola, e outros, dizendo que elles foram em azo e ajudadores de se dar a cidade a el-rei D. Henrique e dar os bens d'elles a quem lh'os pedia; e depois soube el-rei quanto elles fizeram por se defender e que não eram em culpa, e perdoou-lhes o erro em que não cahiram e houve-os por bons e por leaes, e mandou que lh'o não lançasse nenhum em rosto.

CAPITULO XXXIV

Como el-rei D. Henrique cercou Guimarães e se lançou dentro o conde D. Fernando de Castro.

Quando el-rei D. Henrique chegou a Guimarães, achou o logar mais defensavel e melhor apercebido que Braga, cá se lançou dentro Gonçalo Paes de Meira, um bom cavalleiro e para muito, com seus filhos Fernão Gonçalves, e Estevão Gonçalves, que depois foi mestre de S. Thiago, e comsigo quarenta de cavallo, e assim outros fidalgos d'aquella comarca, de guisa que era dentro assaz boa gente.

E el-rei poz seu arraial sobre elle, primeiro dia de setembro, e cercou a villa toda, de redor, com a muita gente que trazia, e os de dentro sahiam fóra, assim de cavallo como de pé, e escaramuçavam com elles; e isto foi logo no começo, emquanto o arraial estava arredado. Mandou el-rei mais chegar o arraial e armar engenhos, e começou de combater a villa, e os de dentro trabalhavam de a de-

fender, de guisa que os de fóra não aproveitavam nada em seu combate. El-rei D. Henrique dizem que jurou que se não alçasse d'ali a menos de a tomar, e mandava-a combater tão a miude que dava mui pouca folgança aos da villa.

E sendo assim aficada por tres semanas, de muitas pedras d'engenhos que lhe atiravam, prouve a Deus que nunca nenhuma empeceu a homem nem a mulher nem a alimaria. Os de denro armaram outros engenhos e atiraram aos de fôra, e britaram-n'os e mataram alguns homens, e foi grande alvoroço no arraial; e ao serão entrou Diego Gonçalvez de Castro, pae de Lopo Diaz d'Azevedo, em pannos de burel, dentro na villa, dizendo que era homem do julgado que ia a velar, e os da villa conheceram-n'o e foi logo tomado; e, vendo que não havia n'elle senão morte, confessou que entre elle e el-rei D. Henrique havia tal falla que pozesse o fogo á villa em quatro partes, e que emquanto os da villa acorressem a apagar o fogo que trabalhasse el-rei D. Henrique por entrar a villa; e elles, vendo tal traição como esta, mataram-n'o e deixaram-n'o comer aos cães.

Outrosim, o conde D. Fernando de Castro, que el-rei D. Henrique prendera em Montel, quando el-rei D. Pedro foi morto, vinha então ali preso, não com ferros que fugir não pudesse, mas solto, sob guarda d'um alguazil d'el-rei, que chamavam Ramiro Nunez das Covas; e dizem alguns que disse o conde que queria falar com os da villa que se dessem a el-rei D. Henrique, e trazer com elles algumas boas preitesias, e que indo aquelle que o guardava com elle, para vêr como falavam, desde ahi por sua guarda, que estando cêrca do muro

que se lançou dentro na villa. Ramiro Nunez, quando isto viu, não soube que fazer, com medo d'el-rei D. Henrique, e aventurou-se a perigo de morte e poz-se na villa dentro com elle, e foi logo preso.

Outros affirmam este lançamento do conde D. Fernando dentro na villa muito pelo contrario, cá dizem que um dia sahiu Gonçalo Paes de Meira com seus filhos e gentes, e Gonçalo Garcia da Feira e muitos dos da villa, e deram no arraial d'el-rei D. Henrique e mataram alguns dos castelhanos, e que chegaram á tenda onde o conde D. Fernando estava e que por força o tomaram e o trouxeram para a villa, havendo antes d'isto fala entre elles que o fizessem d'esta guisa; e que jazendo el-rei sobre Braga se quizera o conde D. Fernando lançar dentro, mas porque viu o logar fraco e não defensavel não se trabalhou de o fazer. Mas de qualquer guisa que fosse o que o guardava se lançou com elle dentro na villa, com medo d'el-rei D. Henrique, e culparam-n'o alguns que soubera d'ello parte.

Em tudo isto, el-rei de Castella assessegava seu cêrco sobre a villa, dizendo que se não havia d'alçar de sobre ella até que a tomasse.

CAPITULO XXXV

Como el-rei D. Fernando partiu de Coimbra por ir acorrer a Guimarães, e dos logares que el-rei de Castella tomou.

Deixemos Guimarães estar cercado e tornemos a contar onde era el-rei D. Fernando emquanto se estas cousas faziam; e sabei que el-rei D. Fernando, quando partiu da Corunha e se veiu ao Porto, encaminhou logo para a cidade de Coimbra, onde esteve de socego, e ali lhe veiu recado quando Braga era cercada, e isso mesmo soube certo como el-rei D. Henrique jazia sobre Guimarães; e ordenou de juntar suas gentes e ir acorrer aquella comarca, e pôr batalha a el-rei de Castella.

E mandou logo suas cartas á cidade do Porto que muito á pressa fosse feita uma ponte de barcas, no rio do Douro, por que elle e toda sua hoste podessem passsar em um dia, porquanto sua vontade era em toda guisa ir pelejar com el-rei D. Henrique, e que isso mesmo se fizessem prestes os moradores do logar para se irem em sua companha.

Os da cidade, mui ledos com este recado, foram todos postos em grande trigança para pôr isto em obra, uns a chegar barcas, d'elles a carretar madeira, outros a lançar ancoras e amarrar cabos, de guisa que muito azinha foi feita uma grande e espaçosa ponte, lastrada de terra e d'areia, tal por que folgadamente podiam ir atravez seis homens a cavallo; e isto feito fizeram-se prestes todos os homens d'armas e de pé e besteiros, com a bandeira da cidade, para irem em companha d'el-rei á batalha.

Partiu el-rei D. Fernando de Coimbra com todas suas gentes, e dizem que chegou até o Porto, e el-rei D. Henrique houve novas d'isto, e ainda affirmam alguns que el-rei D. Fernando lhe escreveu suas cartas que o attendesse; e vendo como não podia tomar Guimarães partiu-se logo do cerco e foi-se para aquella comarca e tomou Vinhaes e Bragança e Çadavi e o outeiro de Miranda, em mui poucos dias, cá uns foram tomados por arte, outros por se não poderem defender. Assim como foi tomada Miranda, que, antes que el-rei D. Henrique chegasse a ella, mudaram-se alguns seus e fingiram-se que eram recoveiros portuguezes e que haviam mister viandas da villa por seus dinheiros, os do logar, não se catando de tal arte, deram-lhes logar que entrassem dentro, e elles, entrando, tiveram logo a porta, e n'isto chegaram á pressa os que iam cerca para lhes acorrer, e d'esta guisa houveram a villa.

Outrosim, os homens de Çadavi defendiam mui bem o logar indo el-rei D. Henrique sobre elle, e houveram alguns do arraial fala com Vasco Esteves e com alguns outros que lhe dessem entrada na villa, e que não receberiam nojo e lhes faria el-rei

muitas mercês, e elles, outhorgando isto, tomaram as chaves e abriram as portas, e entraram os inimigos e foi tomado o logar; e os moradores de dentro, que d'isto parte não sabiam, andando fugido este Vasco Esteves, lançaram depois inculca sobre elle e tomaram-n'o, e foi enforcado em uma ameia do muro.

E todos os montes d'aquella comarca foram então cheios d'homens e mulheres e moços, gados, e viveram na Abbadia Velha e em Ventusello e em todas as aldeias dos montes altos, e todos os monjes e abbades dos mosteiros d'aquella comarca todos fugiram; e foi isto do mez d'agosto até Santa Maria de setembro.

E deixou el-rei D. Henrique recado na villa de Bragança e foi-se para Castella, e dizem que o azo de sua partida tão cedo, e de não attender el-rei D. Fernando para pelejar com elle, foi novas, que lhe vieram sobre Guimarães, como a cidade d'Aljazira, por não ser posta em boa segurança, a cobraram os mouros e destruiram de todo, e que el-rei de Granada viera ahi por seu corpo; e pelo grão pesar que el-rei d'isto houve se partiu assim e se foi para a villa de Toro, e d'ali repartiu suas gentes á fronteira de Granada e outras a Galliza e d'elles contra Samora e aos outros logares que não tinham sua voz e estavam por Portugal.

CAPITULO XXXVI

Como se el-rei D. Fernando tornou, e dos fronteiros que poz em alguns logares.

El-rei D. Fernando, quando soube que el rei D. Henrique era partido de sobre Guimarães não foi mais por deante e tornou-se, e dizem que lhe pesou muito por que se el-rei de Castella partira; e então mandou as gentes, cada uns para suas terras e outros ás fronteiras das comarcas e logares, segundo viu que lhes cumpria, fazendo-lhes gradas e grandes mercês e pagando-lhes logo o soldo por certo tempo.

E foi enviado por fronteiro-mór entre Tejo e Guadiana o infante D. João e o infante D. Diniz, seu irmão, e com elles o mestre de S. Thiago e D. Fr. Alvaro Gonçalves, prior do Hospital, e Fernão Rodriguez d'Aça e Fernão Gonçalves de Meira e Vasco Gil de Carvalho e João Affonso de Bessa e Gonçalo Annes Pimentel e Vasco Martins de Sousa e outros que dizer não curamos; e pagavam

de soldo ao de cavallo tari com faca, armado á guisa, trinta soldos por dia, que eram oito dobras por mez, e ao ginete vinte, que eram por mez cinco dobras, e ao de cavallo sem faca quinze soldos.

Armado á guisa chamavam então, assim de pé como de cavallo, qualquer que era cumpridamente armado, sem lhe fallecer nenhuma cousa, e o que o era communalmente, e não tão bem, chamavam armado á meia guisa; e quando lhes faziam pagamento do soldo descontavam-lhes d'elle quanto montava nas malfeitorias que cada um fazia, e do armazem de Lisboa levavam para cada um logar as armas e cousas que mister havia para sua defensão.

A Elvas foi enviado por fronteiro Gonçalo Mendes de Vasconcellos e com elle gentes de Lisboa, assim como Alvaro Gil e Vasco Esteves de Molles e Estevão Annes e Martim Affonso Valente, todos cavalleiros. Gomes Lourenço do Avellar e Gonçalo Vasques d'Azevedo e Gonçalo Gomes da Silva e João Gonçalves Teixeira e outros foram enviados, em companha do dito Gomes Lourenço, a Ciudad Rodrigo: e Johanne Mendes de Vasconcellos a Extremoz, e D. Fernando d'Olivença a Olivença. O mestre D. Martim Lopes estava então em Carmona, e em Monte-rei Alvaro Peres, e em Tuy Affonso Gomes de Lira e em Milmanda Nuno Viegas o Velho, e em Arahujo Rodrigo Annes, e assim dos outros fidalgos cada uns em seus logares.

E houve el rei D. Fernando mui grande queixume dos moradores de Bragança e de Vinhaes e dos outros logares que el-rei D. Henrique tomou d'esta vez, dizendo que por sua culpa lh'os deram, podendo-se defender por maior espaço, e deu os bens

d'alguns áquelles que lh'os pediam, os quaes se houveram por mui aggravados, dizendo que culpava elles porque se davam tão azinha, não se podendo mais defender, aos inimigos, e não culpava a si, que lhes não acorria, podendo-o mais bem fázer.

Certamente, el-rei D. Fernando era mui prasmado dos povos, dizendo que nenhum rei podia acabar grandes feitos a que se pozesse, se elle por si não fosse presente com os seus, para os esforçar e mostrar sua ardideza, e que nenhuma cousa lhe prestava sua mancebia e ardimento, pois elle espalhava todas suas gentes e se punha em poder e conselho do conde D. João Affonso Tello e d'outros, que por covarde encaminhamento lhe faziam entender que se não trigasse a pôr batalha, cá onde se não precatasse toda Castella lhe obedeceria; e por tal azo como este agastava elle si e o reino com mudança de moedas, por satisfazer a todos, e perdia as gentes e logares que tinha assenhoreandose d'elle a covardice; assim que todo seu feito era de Santarem para Coimbra e depois tornar a Lisboa, em guisa que já as gentes traziam por rifão em escarneo, dizendo: «Eis vol-o vae, eis vol-o vem, de Lisboa para Santarem».

N'este comenos, accendia-se a guerra cada vez mais, e trabalhavam-se os das fronteiras de fazer nojo uns aos outros, fazendo cavalgadas nas terras dos inimigos, trazendo roubos de gentes e de gados, cada uns como melhor podiam.

CAPITULO XXXVII

Como Gil Fernandes entrou a correr por Castella, e da maneira que teve em trazer sua cavalgada.

Assim aveiu n'esta sesão que em Elvas havia um escudeiro bem mancebo, chamado por nome Gil Fernandes, filho de Fernão Gil, neto de Gil Lourenço, prior que fôra de Santa Maria do dito logar, o qual foi homem de bom esforço e para muito, segundo dissemos na historia d'el-rei D. Affonso o quarto.

E este Gil Fernandes, sahindo a seu avô nas condições e ardideza, fez muitos e mui bons feitos, por que depois foi mui nomeado nas guerras que se seguiram, como adeante ouvireis, e o primeiro foi no começo d'esta guerra, antes que Gonçalo Mendes de Vasconcellos viesse a Elvas por fronteiro.

E foi assim que elle se trabalhou de juntar, de seus parentes e amigos, setenta homens d'armas e quatrocentos homens de pé, e passou por Badajoz

e foi correr a terra de Medellim, e apanhou mui grande cavalgada de gados e bestas e de prisioneiros, e o roubo era tão grande que ádur o entendiam todos de trazer a Portugal, mórmente havel-o de defender a quem lh'o tolher quizesse; isto entendiam elles de gravemente poder fazer, em tanto que disseram muitos a Gil Fernandes, porquanto era homem novo e não ainda usado em guerra, que fizera mal de os pôr em perigo, alongando-se tanto por terra de seus inimigos. Gil Fernandes, a que natureza provera de bom esforço e ardimento, affoitamente começou de dizer:

— «Amigos, esforçae e não hajaes temor, e se algumas gentes vierem a nós com ousança e sem receio, pelejemos com elles.»

Então usou d'uma arteira sajaria e bom avisamento, n'este modo. Porquanto o infante D. João era fronteiro-mór d'aquella comarca, disse a um seu tio, que diziam Martim Annes, que se chamasse infante D. João e que elles em tal conta o trariam, e fez logo aos prisioneiros que lhe beijassem a mão como a seu senhor, e elle tal geito lhes mostrava, mandando soltar d'elles, por darem fama pela terra que elle era o infante D. João.

E foi assim de feito que os prisioneiros que deixavam ir juravam a quaesquer outros que aquelle era o infante D. João que levava aquella cavalgada, affirmando que lhe beijaram a mão. Os castelhanos que o ouviam, receando seu nome e poder, não ousavam de sahir a elles, e d'esta guisa veiu aquelle roubo a Portugal sem achar quem lhe fizesse nojo, e era a cavalgada tão grande que trazia mais d'uma legua em longo.

CAPITULO XXXVIII

Como alguns fronteiros portuguezes pelejaram com os castelhanos, e do que aveiu a cada uns d'elles.

Logo cêrca, veiu por fronteiro a Elvas Gonçalo Mendes de Vasconcellos, o qual rogou este Gil Fernandes que fossem correr contra Badajoz, e elle outhorgou de o fazer, mas disse que entendia que na cidade estavam tantos que se não podia escusar a peleja, e que levasse elle comsigo todos os da villa bem acaudellados, e elle com quarenta de cavallo iria correr contra Badajoz, até um logar que chamam a Torre das Palombas, e que os fidalgos que no logar estavam sahiriam logo a elle, e que assim os viria tirando até que houvesse de ser a peleja.

Ordenado por esta guisa, foi Gil Fernandes correr, e do logar sahiu muita gente, assim homens de cavallo como de pé, e vinham-se reffertando com elles, por os trazer onde pelejassem; e quando chegou a Gonçalo Mendes começou de dizer altas vo-

zes que se esforçassem todos, cá aquelle era o seu bom dia; e o cavallo de Gil Fernandes trazia já na testa um ferro de lança com um tração d'haste, e assim andou depois na peleja.

Chegaram os castelhanos e juntaram uns com outros, e foi tal sua ventura d'um cavalleiro de Badajoz que chamavam Fernão Sanchez, que era o fidalgo de mór estado que ahi havia, que um homem de pé, carniceiro de Lisboa, que chamavam Lourencinho, lhe deu com uma almarcova na mão do cavallo, o qual cahiu logo com elle, e Fernão Sanchez em terra, e outro cavalleiro de Toledo, e assim fizeram outros assás de bons, que ficaram logo ali mortos. As outras gentes fugiram para Badajoz, que era bem perto, e o encalço foi seguido até onde se fazer poude, e tornaram-se os portuguezes para Elvas mui ledos com esta victoria.

Isso mesmo, o infante D. João, que era fronteiro-mór d'aquella comarca, e D. Fr. Alvaro Gonçalves, prior do Hospital, em sua companha, juntaram suas gentes, com alguns outros dos castellos de redor que se escusar podiam, e partiram de Extremoz, onde estavam, e foram a Badajoz depois d'aquelle aquécimento de Fernão Sanchez, pelo combater e tomar se podessem; e accommetteram o logar e do primeiro combate entraram a cêrca primeira, e as gentes do logar acolheram-se á cêrca velha e ali se defenderam de guisa que não foram entrados; e os portuguezes pozeram fogo ás casas da primeira cêrca e foram d'ellas muitas queimadas, e derribaram parte do muro, e tornou-se o infante com suas gentes e os outros para seus logares.

CAPITULO XXXIX

Dos logares que Gomez Lourenço tomou, e como João Rodriguez pelejou com os de Ledesma.

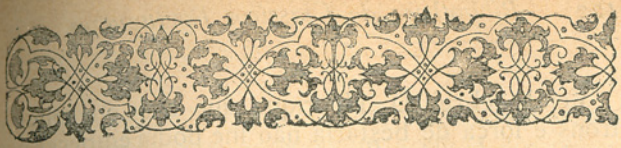
El-rei D. Fernando, como ouvistes, quando tornou da ida de Guimarães, mandou seus fronteiros aos logares que por elle tinham voz, entre os quaes ordenou de mandar Gomez Lourenço de Avellar a Ciudad Rodrigo, e que se viesse Affonso Gomes da Silva, que antes d'isto lá estava; e foram em sua companha Affonso Furtado e Estevão Vasques Philippe e João Rodrigues Porto Carreiro e outros bons que já dissemos, até duzentas lanças, e mandou-lhe el-rei fazer uma mui formosa bandeira de suas armas, que levaram quando partiram de Lisboa, que era no mez d'abril.

Gomez Lourenço chegou á cidade, e depois que foi de socego correu a terra de redor e filhou estes logares, a saber: Sam Fellizes dos Gallegos e o Reco Pardo e a Feolhosa e Carralvo; e poz por fronteiro, em Sam Fellizes, João Rodrigues Porto Carreiro, com vinte e quatro de cavallo.

João Rodrigues, estando no logar, veiu sobre elle o concelho de Ledesma, que eram bem oitenta de cavallo, e João Rodrigues sahiu da villa e pelejou com elles, e foram vencidos os de Ledesma, matando e prendendo muitos d'elles e isso mesmo dos homens de pé que ainda vinham á longa; e foi esta peleja muito soada, porque os poucos venceram muitos, e d'esta guisa que os portuguezes faziam é de cuidar que fariam os castelhanos, mas, porque nenhuma cousa qne elles então fizessem achamos em escripto, não o podemos pôr em historia.

Mas sabei que n'esta sezão, em Lisboa, uma terça feira ao serão, se alçou fogo na Ferraria, da parte do mar, e arderam todas as casas d'aquella rua e mui grande parte da rua Nova, e foi grande queima e muito haver perdido e furtado, e durou o fogo por grande espaço.

Outrosim, no anno seguinte de quatrocentos e oito, vinte e tres dias do mez de fevereiro, desde a meia noite até sahinte de missas, fez mui grande tormenta; e tinha el-rei no porto de Lisboa certas naus, que armava para a guerra que havia com el-rei de Castella, e foi a tormenta tão grande que as mais d'ellas se perderam e quebraram em terra, e perdeu-se muita companha d'ellas e dos outros navios que n'este porto estavam; e era o vento tão grande que as telhas dos telhados, que eram cobertos com cal, assim as levava como se fosssem pennas, e o postigo da porta da Sé foi arrancado e a tranca da porta britada e isso mesmo o fecho, e muitas oliveiras foram arrancadas; e pesou muito d'isto a el-rei D. Fernando, que então estava n'essa cidade.



CAPITULO XL

Como el-rei D. Henrique cercou Ciudad Rodrigo, e porque razão se partiu de sobre o cerco.

Passou o anno de quatro centos e sete e começou a era de quatrocentos e oito, no qual anno, estando el-rei D. Henrique na villa de Toro, soube como Gomez Lourenço do Avellar e as gentes que com elle estavam em Ciudad Rodrigo faziam grandes cavalgadas pela terra de redor, e muita perda e damno por toda aquella comarca que voz de Portugal não tinha; e tendo el-rei d'isto grande sentido ordenou de a vir cercar, e partiu da villa de Toro e veiu pôr arraial sobre ella, e fez-lhe atirar com engenhos e combatel-a de vontade.

Gomez Lourenço e as gentes que com elle estavam, desde ahi Martim Lopes de Cidade, que era o mais honrado cavalleiro que ahi havia, com Pero Mercham e outros do logar que tomaram voz por el-rei D. Fernando, defendiam-se todos de guisa que os do araial haviam bem que fazer.

Vendo el-rei D. Henrique que com engenhos e trons e força de béstaria não lhe podia empecer por combates, ordenou de lhe fazer uma cava, e começaram de a fazer junto com o mosteiro de S. Paio, que está arredado do logar.

Gomez Lourenço soube-o por inculcas que trazia fóra, e no direito onde entendeu que haviam de vir derribou casas dentro na cidade, e fez encher cubas de terra e pedra, e grande bastida de madeira com peitoris de portas das casas n'ella, apercebendo-se do damno que lhe recrescer podia.

Os de fóra acabaram sua cava e pozeram grande parte do muro em contos, e devisado o dia do combate deram fogo á cava e começaram a combater o logar por quatro partes, por não entenderem os de dentro por onde levavam a cava, crendo que por nenhuma guisa os da cidade podessem soffrer a força d'aquelle combate, o qual, durando por bom espaço, e cada uns mostrando suas forças, uns por se defender e outros por entrar, arderam os contos que tinham e cahiram d'elle bem dezoito braços todo em torrões grandes, uns sobre outros, da qual cousa os de fóra houveram grande prazer; e muitos da cidade houve ahi taes que, vendo aquillo, cuidaram por força serem entrados.

Os que combatiam trabalharam logo por subir por cima do muro que cahira, e pondo-o em obra viram os de dentro afortalezados d'aquella parte derribada, de guisa que matavam d'elles e feriam muitos, e maravilhando-se da sua força e avisamento affastaram-se a fóra; e foi ahi morto um cavalleiro que diziam *monse* Lemosim, irmão do senhor de Leberth.

El-rei D. Henrique, vendo que com tudo o que

lhe feito havia não a podia tomar, desde ahi pelas grandes chuvas que estorvavam a vinda dos mantimentos de que o arraial era já minguado, determinou de partir d'ali, havendo dois mezes e meio que jazia sobre ella, e foi-se para Medina del Campo no mez de março meado, e ali ordenou de fazer pagamento a *monse* Beltram e aos estrangeiros, de cento e vinte mil dobras que lhes devia de suas soldadas, e que se fossem para suas terras. E mais enviou Pero Manrique e Pero Ruiz Sarmento a Galliza, com gentes, porquanto soube que D. Fernando de Crasto andava n'aquella comarca com grande poder, fazendo damno nos que sua parte tinham; e d'ali partiu para Toledo e veiu-se a Sevilha, para pôr recado na terra, que recebia damno dos de Carmona e isso mesmo dos mouros, que faziam cada dia entradas, e o peor de tudo isto, da frota das galés e naus de Portugal que jaziam no rio de Guadalquivir, de guisa que Sevilha não tinha o mar desembargado para d'elle haver proveito, como depois do seguinte capitulo ouvireis.

CAPITULO XLI

Como foi cercada Samora pela rainha D. Joanna, e mortos os filhos d'Affonso Lopez de Texeda.

TRABALHANDO-SE el-rei D. Henrique d'haver as villas e logares que sua voz não tinham, e vendo que por nenhuns commettimentos nem preitesias que trouxesse aos que eram alcaides d'elles lhe prestava para os haver por sua parte, cercava-os e combatia-os com todas artes e forças que para tal feito eram pertencentes, e os que tinham taes fortalezas não trabalhavam menos de se defender d'elle como se el-rei e os seus fossem mouros inimigos da fé que os houvessem de cobrar e haver a seu poder; e não sómente el-rei com suas gentes, mas ainda a rainha sua mulher, que para isto bastante coração havia, isso mesmo se trabalhava de cercar alguns d'elles, entre os quaes cercou Samora, que tinha Affonso Lopes de Texeda com seus irmãos e outros fidalgos com muitas gentes, mantendo voz por el-rei D. Fernando.

E foi o logar por dias assim aficado que se preitejou Affonso Lopes com a rainha que se a certos dias lhe não viesse acorro que o desse sem outra contenda. A rainha outhorgou a preitesia, com tal condição que Affonso Lopes lhe entregasse em refens, por segurança d'isto, dois seus filhos que tinha comsigo, os quaes por grado do pae lhe foram entregues.

Passou o termo entre elles divisado e não lhe veiu outro nenhum acorro, salvo se foi *mice* Gregorio de Campo Morto, que se lançou dentro do logar com sessenta homens d'armas, não embargando que a villa jazesse assim cercada, mas isto não prestou nenhuma cousa para se ella poder defender; e foi requerido Affonso Lopes que desse o logar, pois o termo já era passado, e elle se escuzou por taes palavras e com tal som que de o fazer havia pouca vontade, da qual cousa a rainha houve assim grande queixume que disse, affirmando por juramento, que se lhè Affonso Lopes não desse o logar como ficára com ella, pois o termo já era passado, que lhe mandaria degolar os filhos ante seus olhos, se os elle olhar quizesse, e assim lh'o mandou dizer.

Affonso Lopes, ouvindo aquesto, usou d'um modo mui extranho, o qual não é de louvar como virtude, mas façanha sem proveito, comprida de toda crueldade; e disse áquelles que lhe isto disseram que, se a rainha, por esta rasão, lhe mandasse degolar seus filhos, que ainda elle tinha a forja e o martello com que fizera aquelles, e assim faria outros.

Os que esta resposta ouviram, posto que Affonso Lopes afoitamente n'ello falasse, não poderam crêr que dois seus filhos assim ázados para amar dei-

xasse morrer d'aquella maneira, como assim seja que na morte do filho nenhum póde sentir mór dôr que o pae, mórmente de tal geito.

E foi assim que os trouxeram em vista do muro, frontando e requerendo Affonso Lopes que desse o logar, como ficára, se não que os matariam logo em sua presença, e elle respondeu que os matassem se quizessem. Bradavam os filhos chorando ao pae que os não deixasse matar e se amerceasse d'elles, dizendo:

—«Oh! pae, por Deus e por mercê, havei de nós dó e não nos deixeis assim matar. Oh! pae senhor, dae esse logar, pois vos não veiu acorro, e não morramos assim sem porque.»

Estas e outras doridas razões, que não minguava quem lhes ensinar dos que presentes eram, bradavam os filhos ao pae que lhes acorresse, e não sómente elles, mas todos os que estavam cerca isso mesmo bradavam que se amerceasse d'elles. E durando isto por grande espaço, detendo-se aquelles que de os matar tinham cargo, ácima nenhumas palavras nem brados dos filhos nem de muitos que se chegaram a vêr o demover poderam de sua intenção, e os filhos foram mortos áquella hora, por fallecer do que promettido tinha, e elle não poude manter o logar e depois o houve el-rei D. Henrique por preitesia.

CAPITULO XLII

Da frota das naus e galés que el-rei D. Fernando enviou a Barrameda, e do que as gentes padeciam emquanto ali jouveram.

El-rei D. Fernando, no começo d'esta guerra, mandou armar grande frota de galés e naus, a saber vinte e oito galés suas, e quatro a soldadas de *mice* Reinel de Guirimaldo, e trinta naus de seu reino e das que se vieram para elle da costa do mar; e ia por almirante nas galés *mice* Lançarote Peçanho, e por capitão João Focim, um d'aquelles cavalleiros que se vieram de Castella para el-rei D. Fernando, o qual se partiu primeiro, com seis galés e duas galeotas, aos quinze dias de junho, e depois partiu o almirante com toda a frota.

E a intenção d'el-rei era que esta frota jouvesse á entrada do rio de Sevilha, para embargar que nenhum navio podesse ir nem vir com mercadorias nem outros mantimentos para a dita cidade, e empachado longamente aquelle porto por esta guisa que Castella recebia tão grande perda e damno por

esta rasão que seria a elle mui grande vantagem para cumprir sua vontade. Além d'isto, parte das galés e navios correriam andando a costa e ganhando de seus inimigos o que haver podessem, dariam sempre volta sobre a foz do rio, e ali jariam de socego com as outras quando vissem que cumpria, e que d'isto se não podia seguir salvo mui grande proveito.

Partiram as naus e galés juntamente, no mez de maio, d'ante o porto de Lisboa, com grande parte de gentes do reino, qne era formosa companha de vêr, e iam nas galés, por patrões, *mice* Badasal d'Espinola e Brancalleom, genovezes, e João de Mendonça e Gonçalo Durães de Lisboa e Gomes Lourenço de Carnide e outros cujos nomes não fazem mingua, posto que se aqui não escrevam, e chegaram a um logar que chamam Barrameda, que é á entrada do rio de Sevilha, e ali ancoraram todas.

Os castelhanos, quando os ali viram, não lhes prouve de sua visinhança, e diziam contra elles, por modo d'escarneo, «que não foram ajudar el rei D. Pedro emquanto era vivo e que então lhe iam ajudar os ossos depois da morte.»

Jouve ali a frota por espaço de tempo, e destruiu toda a ilha de Cadez e fez muito damno por aquella comarca, assim no mar como por terra, porém que não achamos que mais tomassem, logo como chegaram primeiro, que um baixel carregado d'azeites, com seis quintaes d'alácar, e uma galé a que pozeram nome a *Bem ganhada*. E agastava-se muito a cidade de Sevilha, por azo da servidão do rio, que d'esta guisa estava embargada.

Passado o verão e vindo o inverno, começou a gente de adoecer e os mantimentos de minguar, e

morriam alguns e soterravam-n'os em terra, e d'ali os dessoterravam os lobos e comiam-n'os; e, posto que lhe el-rei mandasse navios com biscoito, que se fazia no Algarve e em Lisboa, e outros mantimentos e cousas que lhe mister faziam, não era a abundancia tanta que lhe satisfazer podesse, em guisa que, por frio e fome e comer desacostumadas viandas, vieram muitos a morte e fraqueza e continuadas dôres; e, se alguns por morte ou fugimento falleciam da frota, logo era cumprido o conto d'outros tantos que novamente traziam a ella, e isso mesmo mudavam os patrões que serviam um tempo e mandavam outros que servissem nas galés.

E mandava el-rei lá muito burel e pannos de linho e de côr, e vestires feitos para alguns que andavam mal vestidos, e descontavam-lh'os no soldo, quando lhes levavam os dinheiros de que lhes faziam pagamento.

Se el-rei, por rasão d'embaixadas ou por outra alguma cousa, havia mister d'estas naus e galés para enviar a outra parte, tomava aquellas que lhe prazia e mandava-as fornecer e pagar seu soldo; e depois que vinham d'onde eram enviadas tornavam-se para a frota d'onde antes partiram.

Parte das naus e galés vinham ao Algarve e a Lisboa, e n'estes logares lhes pagavam ás vezes seu soldo, e tomavam refresco e mantimento, e tornavam-se logo para a outra frota; mas não embargando isto, o mui longo tempo que continuadamente ali jouveram, que foi um anno e onze mezes, passando muita fome e frio e outras dôres, fez que se perdeu muita gente d'ella, ca lhe cahiam os dentes e os dedos dos pés e das mãos, e outras attribulações que passavam, que seria longo de dizer.

CAPITULO XLIII

Razões sobre as treguas que alguns disseram que el-rei de Granada fizera com os castelhanos.

Alguns, que primeiro que nós escreveram, affirmam, dizendo em suas historias, que el-rei D. Henrique, quando partiu de Medina del Campo para Sevilha, como tendes já ouvido, que antes que chegasse á cidade soube no caminho como o mestre de S. Thiago, D. Gonçalo Mexia, e o mestre d'Alcantara, D. Pero Moniz, haviam feito tregua com el-rei de Granada, de que dizem que lhe muito prouve; e não falam por quanto tempo, nem com que condições esta tregua foi feita. E isto nos parece contradizer muito á verdade, por algumas certas rasões; e deixada a primeira que deveram de dizer, a saber a razão por que foi feita, e com quaes preitesias e por que tempo, tomemos a segunda, dizendo assim que o rei mouro, requerido no começo d'esta guerra, por el-rei D. Henrique, que lhe desse tregua, por nenhuma guisa lh'a quiz

outhorgar, tendo que elle indignamente occupava os reinos de Castella, que por herança direita convinham ás filhas d'el-rei D. Pedro, seu irmão, a saber a D. Beatriz, que se finara em Bayonna de Gasconha, e dês-ahi a D. Constança, casada com o duque d'Alencastre, e que porém firmou então el-rei de Granada treguas com el-rei D. Fernando, e não com elle; e um dos capitulos n'ellas conteudo era, segundo tendes ouvido, que el-rei de Granada não fizesse paz nem tregua com el-rei D. Henrique, mas todavia continuasse guerra contra elle.

E se alguem disser que o mouro, não embargando isto, podia quebrar a tregua e juramento que feito havia, segundo sua crença, e ser amigo d'el-rei D. Henrique, responde-se que isto não parece d'outhorgar, ca, se assim fôra, não era a tregua cousa que se encobrir podesse, segundo as entradas que os mouros faziam a miude em Castella, nem el-rei de Granada não enviara pedir, n'esta sesão, a el-rei D. Fernando que lhe enviasse de sua terra algumas cousas em que lhe faria prazer, assim como enviou, ca el-rei D. Fernando, a seu requerimento, lhe enviou então em prezente seis alãos e seis sobujos, todos com collares brollados e fuzis de prata dourados e as tréllas d'elles d'ouro fiado, e trinta azarmas, todas com contas e anguadas de prata douradas, que levavam quarenta e seis marcos de prata em guarnimento; e levaram-lhe este presente, que apodavam a seiscentas dobras, sete moços do monte, d'el-rei D. Fernando, o qual presente, posto que pequeno fosse, lhe não fôra enviado se el-rei de Granada quebrantara a tregua que com elle feita tinha.

Nem nós não achamos que el-rei D. Henrique mandasse vir da fronteira dos mouros as gentes

que lá tinha enviadas por guarda da terra, demais que sendo depois Carmona cercada, onde estavam os filhos d'el-rei D. Pedro, vinha el-rei de Granada em sua ajuda com muitas gentes, como adeante ouvireis, o que não fizera se tivera tregua com elle; e por estas razões nos parece não darmos fé aos que fallaram do britamento d'esta tregua d'el-rei de Granada.

CAPITULO XLIV

Como as galés de Castella quizeram pelejar com as de Portugal e não tiveram geito, e por que azo se partiu a frota dos portuguezes do rio de Sevilha.

Quando el-rei D. Henrique chegou a Sevilha, viu como a cidade estava mui agastada e apertada, por azo da frota de Portugal, que lhe tinha empachada a entrada do rio; e dizem alguns que não estavam então ahi mais, de toda a frota, que dezesseis galés e vinte e quatro naus, mas não assignam quaes nem quaes não, nem quem eram os patrões d'ellas.

El-rei fez logo lançar vinte galés na agua, mas não podiam haver remos que as forneccessem, porquanto el-rei D. Pedro fizera levar muitos remos de Sevilha para Carmona, quando a fazia abastecer, assim que se não podiam armar de todo, e porem repartiram cem remos a cada galé e minguavam-lhe oitenta, entendendo que estes bastavam sómente para chegar á frota de Portugal e pelejar com ella; mas taes havia ahi dos mareantes que eram

muito contrarios a isto, dizendo que as galés, por esta guisa, iam em muito grande perigo, porque quando viesse a jusante da maré lançal-as-hia em poder da frota de Portugal, que tinha naus armadas em sua ajuda, e podiam-se desordenar e ser desbaratadas.

El-rei, não embargando isto, fez entrar nas galés muitos cavalleiros e homens d'armas e bésteiros e outras gentes, e partiram pelo rio a fundo, e el-rei por terra com muitas companhas; e, chegando as galés a Coira sobre Guadalquivir, souberam os portuguezes como vinham armados de muito boa gente, para pelejar com elles, e el-rei por terra com grandes companhas, para seu acorrimento se lhes mister fosse. E vendo como todos vinham gente folgada e fresca, demais em presença e vista d'el-rei, que lhes daria dobrado esforço para pelejar com grande acorro que tinham muito prestes, e elles por contrario cansados e fracos e muitos doentes, houveram conselho de se lançar a largo no mar, onde, querendo pelejar com elles, teriam vantagem das galés de Castella, as quaes não poderiam ser acorridas assim no mar como no rio; e foi assim de feito que se pozeram as naus e galés todas dentro no mar.

N'outro dia, chegaram as galés de Castella ás Forcadas, e souberam como a frota de Portugal se lançara no mar largo, e as galés de Castella chegaram até S. Lucar de Barrameda e não ousaram ir mais por deante, por os poucos remos que tinham, e não se atreviam entrar no mar, especialmente pelo acorro que haver não podiam.

El-rei chegou ahi esse dia com suas companhas, e quando viu a frota de Portugal andar no mar al-

to, e que a sua não podia bem lá ir a seu salvo, houve accordo que d'aquellas vinte galés armasse sete para enviar a Biscaya por remos, e isso mesmo armar naus para vir pelejar com a frota de Portugal. E foram logo fornecidas sete galés de tudo o que lhes cumpria, e com ellas *mice* Ambrosio Bocca Negra, seu almirante, e partiram de noite, por as não vêr a frota de Portugal, e el-rei tornou-se a Sevilha e as trez galés suas que ficaram, e as naus e galés dos portuguezes tornaram-se a deitar na entrada do rio, onde primeiramente estavam; e a isto não poude el-rei pôr remedio salvo esperar estas sete galés com as naus que mandava armar em Santander e em Castro Dardialles e outros logares da costa, as quaes, como foram armadas, encaminharam logo para Sevilha.

E aconteceu que uma nau d'el-rei D. Fernando, de que era mestre Nicolao Annes Estorninho, ia para Barrameda e levava cem mil libras para pagar soldo á frota de Portugal, e atravez do cabo de Santa Maria de Faro chegaram a ella as galés de Castella e mataram o mestre com outros, e d'elles captivaram e queimaram a nau e tomaram os dinheiros.

As galés de Portugal eram então todas pelo rio acima, cá das naus não fazem menção as historias, e quando as galés deram volta e tornaram para onde antes jaziam viram as naus e galés de Castella ordenadas de guisa que tinham tomada a entrada da foz, que nenhum navio podia por ali passar sem primeiro haver contenda; e não se atrevendo a pelejar com elles foram em grande cuidado de sua sahida. Então pozeram fogo a dois navios que tomaram, carregados d'azeite, e deixaram-n'os ir

pelo rio afundo; o fogo era grande e cada vez maior, e quando chegaram ardendo ás naus e galés de Castella foi-lhes forçado de lhes dar logar e desordenarem-se de como estavam amarradas, por não receberem damno. As galés de Portugal, por onde os navios do fogo passaram, sahiram umas depois outras quanto mais podiam, antes que se as naus e galés de Castella tornassem a carregar como da primeira, e assim sahiram todas sem maís pelejar umas com as outras.

E alguns em suas historias, que d'este feito escreveram, dizem que ficaram no rio dentro trez galés de Portugal que não poderam sahir tão azinha, e que foram tomadas pelas de Castella; outros desvairam d'isto, os quaes contam que não ficou nenhuma, e provam-n'o por uma forçada rasão, dizendo que se assim fôra que algumas naus ou galés de Portugal foram então filhadas, segundo estes auctores escreveram como lhes prouve, que na paz que no seguinte anno os reis entre si pozeram, fizera d'aquesto menção, cá, pois um dos capitulos n'ella conteudos é que os reis possam tirar dos logares que d'entregar houveram quaesquer açalmamentos que cada um n'elles tivesse postos, e isso mesmo que se entregasse quaesquer prisioneiros que tomados foram sem nenhuma rendição, muito mais razão era falar na entrega de taes galés ou navios com tantas gentes e armas e cousas n'ellas tomadas, que é maior cousa que o abastecimento d'um pequeno logar assim como Sam Fellizes e a Feolhosa e outros similhantes; e que pois taes pazes d'isto não falam que não devem dar fé a tal escriptura.

E tornando a falar nas naus e galés dos portu-

guezes, cuja estada havia feito muito damno não sómente a Sevilha mas áquella terra toda, depois que as outras de Castella vieram, ellas se partiram d'ali todas da maneira que ouvistes, salvo uma galé que lá se perdeu em Santa Maria del Puerto.

E mandou el-rei D. Fernando desarmar as naus e galés, nas quaes se perdeu muita gente, como dissemos, porque tiveram dois invernos n'ellas, que taes houve ahi, segundo diziam, que foram n'ellas mettidos sem barbas e que á tornada vieram cãos.

E el-rei gastava seus thesouros e perdia as gentes, com pouco accrescentamento de seu estado e honra.

CAPITULO XLV

Como os de Carmona mandaram dizer a el-rei D. Fernando que lhes acorresse, e da resposta que deu ao mensageiro.

HAVENDO já um anno e nove mezes que esta guerra durava, começando-se a era de quatrocentos e nove, estavam os de Carmona mui esforçados, com pouca vontade de dar a villa a el-rei D. Henrique, nem tomar sua voz, por o grande esforço que tinham em el-rei D. Fernando, que lhes promettera que, sendo cercados, os fosse descercar.

E foi assim que morto el-rei D. Pedro, como dissemos, estava Martim Lopez de Cordova, mestre de Calatrava, em Carmona, com muitas gentes comsigo, e quando os outros logares tomaram voz por el-rei D. Fernando foi esta villa de Carmona um d'elles, segundo ouvistes, e escreveram-lhe logo como estavam ali juntos e prestes para seu serviço, e que se acontecesse que os d'el-rei D. Henrique

viessem cercar que lhe pediam por mercê que lhes acorresse como áquelles que de toda a vontade queriam ser seus.

El-rei foi ledo com aquestas novas, e disse que lh'o agradecia muito, e fez-lhes saber que fossem bem certos, se tal cousa aviesse de serem cercados, que elle lhes acorreria em toda guisa; e por mór segurança d'isto mandou-lhes um alvará assignado por sua mão. D'esta resposta foram elles mui contentes, e trabalharam-se d'açalmar e abastecer melhor o logar, que se lhe tal cousa aviesse o podessem bem defender.

Elles estando n'esta esperança, souberam como el-rei D. Henrique ordenava de os ir cercar, e enviarem á pressa um cavalleiro a el-rei D. Fernando, para lhe fazerem saber como el-rei de Castella juntava suas gentes para vir sobre elles, o qual chegou a el-rei e disse:

—«Senhor, o mestre D. Martim Lopez e aquelles nobres homens que estão na vossa villa de Carmona enviam mui humildosamente beijar vossas mãos e se encommendam muito em vossa mercê: á qual fazem saber que elles são bem certos que el-rei D. Henrique tem juntas suas gentes para os vir cercar, e penso, Senhor, disse elle, que já ora são cercados; e porém vos enviam pedir por mercê que vos praza de lhes accorrer de guisa que elles se não percam por mingua do vosso bom acorrimento, cá bem deveis, Senhor, d'entender que, sendo elles entrados por força ou por outro qualquer modo, o grão cajom e deshonra que lhes de tal feito podia vir.»

El-rei o recebeu mui bem e disse que haveria sobre elle seu conselho, e depois que o houve com

os de sua fala mandou-lhe dar a resposta por um seu privado, o qual lhe disse n'esta guisa:

— «Cavalleiro, vós dizei áquelles senhores que estão na villa de Carmona que elles trabalhem, como mui bons que são, por defender mui bem o logar, assim por suas honras como por fazerem grande e boa façanha; que sejam certos que El-rei, meu Senhor, por agora, tem tanto de fazer n'outras cousas que lhe muito cumprem que os do seu conselho lhe dizem que por nenhuma guisa pode encaminhar como lhes acorrer possa por o presente, e que porém lhes roga que lhe perdoem por ora isto não poder fazer, mas como houver logar e tempo azado de o pôr em obra que elle o fará muito de boamente.»

O cavalleiro foi d'isto mui triste, e não disse nenhuma cousa áquelle que lhe esta resposta deu; e aguardou um dia quando el-rei sahia da missa, e fincou os joelhos ante elle, e tendeu o alvará da promessa que el-rei havia mandado aos de Carmona, e disse, alta voz, perante todos:

— «Senhor, vós sabeis mui bem como promettestes áquelles nobres homens que estão em Carmona, e teem vossa voz, de lhes accorrerdes, se fossem cercados, tanto que vol-o fizessem saber, segundo é conteúdo n'este vosso alvará; e ora elles vol-o fizeram saber por mim, e vós me mandaste dar em resposta que os do vosso conselho vos dizem que o não podeis por ora fazer.

Eu, Senhor, a vós que sois rei não digo nada, ca a mim não cumpria de, a tão nobre senhor como vós, dizer nenhuma cousa sobre isto, mas digo a qualquer do vosso conselho, que vos isto diz e aconselha que elle é traidor e falso, e vos não acon-

selha bem, nem verdadeiramente, em vós deixardes perder tal logar como aquelle, com tantos nobres homens como n'elle estão para vosso serviço, e demais quebrantardes vosso promettimento, que lhe feito tendes, por nenhuma outra cousa que vós tenhaes de fazer; e porém eu sou prestes de fazer conhecer, a qualquer que seja, que o que eu digo é verdade e que elles mal e falsamente vos aconselham isto, ca, se elles souberam que lhe vós não havies d'accorrer, elles seguraram suas vidas por outra guisa, e não foram postos em perigo como são ora; mas elles pensando de serem por vós defesos, como era rasão, vos deram a villa e se offereceram a morrer por vosso serviço, não curando das avenças nem preitesias que lhe el-rei D. Henrique promettia com muito sua prol e honra, as quaes lhe agora de mui mámente faria, por a sanha que já d'elles tem.»

El-rei respondeu que, pois já determinado era em seu conselho por aquella guisa, que se não podia por então mais fazer. O cavalleiro se alçou e partiu d'ante elle, bradando e fazendo queixume d'isto a quantos o queriam ouvir; e não quiz tornar com este recado a Carmona, mas mandou á pressa, o mais escusamente que se fazer póde, tirar a mulher e os filhos do logar, antes que fosse cercado, e depois lhe mandou dizer a resposta a tempo que não prestou nada, porque já el-rei D. Henrique jazia sobre o logar.

CAPITULO XLVI

Como el-rei D. Henrique cercou Carmona e lh'a deu Martim Lopez por preitesia.

Nós dissémos já em alguns logares como el-rei D. Pedro, antes que morresse, se trabalhava muito de abastecer e afortalezar Carmona o mais que se fazer podia, receando de se vêr em algum perigo e ter ali acorrimento, e não dissemos porque abastecia este logar e afortalezava mais que nenhum dos outros de seu reino; e, por não ser havido por mingua na historia, contal-o-hemos da guisa que o alguns em seus livros escrevem, dizendo que el-rei D. Pedro, fazia muito por saber de seus astrologos a certidão das cousas que lhe haviam de vir, e não sómente pelos lettrados de sua terra mas ainda a Granada mandava perguntar Abenahatim, mouro, grande sabedor e philosopho, que lhe escrevesse a certidão das cousas que lhe podiam aquecer.

E dizem que por elles soube que havia de ser cercado em um logar que tinha uma torre a que chamavam Estrella, e porque em Carmona ha uma torre a que chamam por tal nome, pensou elle que este era o logar, e, não embargando que forte seja, por esta razão se trabalhou elle de o abastecer e afortalezar o mais que se fazer póde, e ali poz seus thesouros e filhos, como já dissémos.

E quando el-rei D. Henrique cercou em Montel soube elle como havia ali uma torre que chamavam Estrella, e foi muito anojado por ello, e por isso, e por outras razões que ouvistes, se trabalhou de sahir d'elle, como temos já contado.

Sobre este logar de Carmona se veiu el-rei D. Henrique lançar com muitas companhas, e posto arraial sobre ella cercou-a d'uma parte, ca se não podia cercar de todo, e mandou fazer uma bastida, e de noite escalaram uma vez a villa e subiram acima quarenta homens armados, que para aquillo foram escolheitos, e os da villa, que isto sentiram, acudiram ali rijamente e pelejaram com elles, de guisa que a alguns d'elles conveio por força soltarem muito contra seu grado, e outros que haviam cobrada uma torre, não podendo mais fazer, foram n'ella tomados por força, e chegou ahi D. Martim Lopez e fel-os matar todos, que não ficou nenhum, de cuja morte el-rei D. Henrique houve pesar e grão sentimento, e teve grande sanha de D. Martim Lopez porque os matara d'aquella maneira, tendo-os presos e podendo-lhes dar vida.

A' cima durando o cerco por espaço de tempo, e minguando as viandas aos da villa e vendo como lhes não vinha acorro de Portugal, nem de Granada, nem d'Inglaterra, pero soubessem que eram

cercados, foi forçado a D. Martim Lopez de se preitejar com el-rei, e foi na convença: que lhe desse a villa e tudo o que ficara do thesouro d'el-rei D. Pedro, e que lhe entregasse preso Matheus Fernandez de Caceres, que fôra chanceller d'el-rei D. Pedro, que estava com elle no logar, e que D. Martim Lopez fosse posto em salvo em outro reino, ou lhe fizesse e-lrei D. Henrique mercê se com elle quizesse ficar; e estas avenças tratou o mestre de S. Thiago, D. Fernando Ossarez, fazendo sobre ello grandes juramentos que el-rei lhe guardaria este seguro.

D. Martim Lopez deu a villa a el-rei e cumpriu tudo o que ficou a fazer, e el-rei mandou-o logo prender e levaram elle e Matheus Fernandes a Sevilha, e mandou-os el-rei matar, e diziam todos que el-rei fizera mui grande mal n'isto, que por queixume que d'elle houvesse por a morte de seus creados, nem por outra nenhuma razão, quebrantasse a segurança que lhe promettida tinha; e pero se o mestre de S. Thiago muito queixasse a el-rei por ello, dizendo que elle o segurava de morte por seu mandado e lhe fizera sobre ello promessas e juramentos, não prestou seu arrazoado para o escapar de morte.

E d'esta guisa cobrou el-rei D. Henrique Carmona e muitas joias que ficaram d'el-rei D. Pedro, e mandou os filhos presos a Toledo, e elle tornou-se para Sevilha.

E dizem aqui alguns que, sabendo el-rei de Granada como os filhos d'el-rei D. Pedro estavam assim cercados, que vinha com muita gente de pé e de cavallo para lhes acorrer, e que vindo no extremo lhe disseram como era tomada Carmona e os filhos de

el-rei presos, e que então se tornou para Granada e não se fez sobre isto mais; e que o azo de sua vinda tão tarde foi certos recados que sobre ello enviou a el-rei D. Fernando, cujas respostas alongaram tanto e com taes razões que o rei mouro houve d'entender que de pôr em tal feito mão el-rei D. Fernando não havia vontade, e que então se fez prestes e vinha d'esta guisa que dizemos.

CAPITULO XLVII

Das razões que alguns disseram falando do casamento d'el-rei D. Fernando com a infante d'Aragão.

GRANDE mingua foi d'alguns auctores, que vontade houveram de fazer historias, em terem tal modo d'historiar qual tiveram, porque cousas necessarias de saber deixaram de todo, sem d'ellas fazer menção, outras tocando em breve falamento ficaram carregadas de grandes duvidas; e se certo e curto falaram algum louvor mereciam d'haver, mas pouco falando, desviados muito da verdade, melhor fôra não dizer taes cousas, mórmente quando por seu escrever fica má fama d'algumas pessoas, que muito é d'esquivar em taes falamentos; e, por não cuidardes que dizemos isto por nosso louvor e sua mingua d'elles, vejamos primeiro seu desvairado modo d'escrever, o qual bem roubado seria do sizo quem o crêsse, e lhe desse fé.

E digamos logo de Martim Affonso de Mello, na chronica que d'estes feitos compoz, o qual, falando

n'este passo do cazamento d'el-rei D. Fernando com a infante D. Leonor d'Aragão, diz que enviou el-rei lá o conde D. João Affonso Tello; e que levou dezoito quintaes d'ouro em pasta, para dar a el-rei d'Aragão por este casamento, e que se veiu sem firmar o casamento, e deixou este ouro na praia de Valencia e que ali jouve por grão tempo, e que isto fez o conde por casar el-rei depois com sua sobrinha, mulher de João Lourenço da Cunha, como de feito casou.

Outro grande historiador, que mais largo arrazoou que este, diz em um livro que el-rei D. Fernando, depois que foi esposado com esta infante d'Aragão, mandou lá duas galés, uma d'ellas muito bem corregida, em que ella havia de vir, com outras naus e galés que el-rei seu pae havia de mandar em sua companha; e que em uma das galés mandou el-rei D. Fernando dezoito quintaes d'ouro e bem setenta quintaes de prata, o qual haver levou o conde D. João Affonso Tello, o qual era o mór privado que então el-rei havia; e que em guisando el-rei D. Fernando por mandar esta embaixada que se namorou de D. Leonor Telles, sobrinha d'este conde, filha de seu irmão Martim Affonso Tello, que fôra casada com João Lourenço da Cunha, e já quite então d'elle, a qual este conde tinha em sua casa sabendo bem parte do amor que lhe el-rei havia.

E que o conde chegou com este haver a Aragão, onde foi descarregado e bem guardado d'aquelles que d'elles levavam cargo; e que vista a infante pelo conde, e por aquelles que com elle iam, que todos disseram que nunca tão feia cousa viram, e mais que disseram alguns que antes perderiam to-

do aquelle haver e sete tantos mais além que casar com tal mulher como aquella.

E que o conde se metteu uma noite na galé, sem falar a el-rei, e amanheceu tão longe no mar que perdeu vista de terra; e que chegando a el-rei D. Fernando que lhe disse que el-rei d'Aragão o quizera prender, dizendo que lhe tinha dada uma sua sobrinha por barregã, e que ficasse lá preso em refens até que sua sobrinha fosse levada a Aragão ou entregue a seu marido; e que el-rei D. Fernando disse então que pois assim era que mais lhe prazia receber d'Aragão lá o haver que elle receber cá sua filha com o que lhe promettera, e que assim se passou este feito.

Estas e outras razões inimigas da verdade deixamos d'escrever, por não alongar, as quaes melhor fôra não serem escriptas que deixar aos homens vãs opiniões que creiam, e dos finados má fama por sempre.

CAPITULO XLVIII

Que moveu el-rei D. Fernando a juntar o ouro que mandou a Aragão e quanto era por todo.

Posto que já falassemos alguma cousa d'estes esposorios d'el-rei D. Fernando com a infante D. Leonor d'Aragão, convem que digamos o mais d'este feito que se depois seguiu, porque aquillo que confusamente é historiado venha á praça com mais clara certidão; dês-ahi, por desabafarmos esta historia, por alguns mal recontada, de tamanhas duvidas como d'ella nascem:

A primeira, que moveu el-rei mandar tanto ouro e prata a Aragão, e quanto era por todo; a segunda, a quem foi entregue em Aragão este haver, e que se fez lá d'elle; a terceira, porque não foi trazida a infante e se desfez este casamento; a quarta, se partiu o conde em sua graça d'el-rei d'Aragão, e porque veiu e porque guisa; a quinta, porque não tornou lá mais o conde, e se houve el-rei d'Aragão parte d'este haver contra vontade d'el-rei D. Fer-

nando; ás quaes, respondendo com muito trabalho, buscando a verdade de cada uma d'ellas, a certidão de todas foi por esta guisa:

El-rei D. Fernando, segundo dissemos, tratou de casar com a infante D. Leonor d'Aragão, por haver seu pae em ajuda contra el-rei D. Henrique, com que havia guerra; e foi esposado el-rei com ella por *monse* João de Vilaragut, que veiu procurador da infante, como já tendes ouvido. E, deixados os outros capitulos das convenças entre elles divisadas, um d'elles foi que el-rei d'Aragão fizesse guerra a el-rei D. Henrique dois annos continuados, na qual guerra el-rei D. Fernando havia de pagar á sua custa mil e quinhentas lanças; e, porquanto estas gentes d'armas cumpria d'haver pagamento por moeda que se costumasse no reino d'Aragão, foi tratado n'esta preitesia que el-rei mandasse lá ouro e prata de que se fizesse moeda para paga do soldo que haviam de haver; e esta foi a razão porque el-rei juntou aquelle ouro que lá foi enviado, e não por levar á noiva em presente, nem o dar a seu pae por a casar com elle, segundo alguns rudemente falaram.

O ouro que el-rei lá mandou não foi em pasta, mas todo em moedas das que elle mandára fazer quando novamente começou de reinar, a saber: dobras das primeiras, que chamavam pé terra, e gentis primeiros, segundos e terceiros; e de dobras castelhanas e mouriscas e outras moedas francezas não seriam mais que até cem marcos. E foi todo junto em Lisboa por esta guisa: o thesoureiro da moeda e do seu thesouro deram umas cem mil peças, e mandou el-rei tomar do thesouro que estava na torre do castello da dita cidade outras cem mil

dobras d'aquellas primeiras que dissémos, que eram de peso de dobra cruzada; assim que seria todo o haver, quanto então foi junto até quatro mil marcos d'ouro, que eram pouco menos de dezoito quintaes; prata, nenhuma não foi lá levada, como alguns disseram, porque aquella que mister haviam para as moedas que depois lavraram toda foi comprada em Aragão.

E este ouro todo mandou el-rei que recebesse um honrado mercador de Lisboa que chamavam Affonso Domingues Baraceiro, ao qual mandou que toda a despeza que lhe o conde mandasse fazer d'elle que a fizesse presente o escrivão que lhe era dado, sem pôr mais outra duvida, e foi-lhe entregue no mez de março da era já nomeada de quatrocentos e oito.

CAPITULO XLIX

Como o conde partiu de Lisboa para Aragão, e como chegou lá com todo o haver que levava.

Este conde D. João Affonso, que dissémos, era então o mór privado d'el-rei D. Fernando, e de que móres cousas fiava, por sua discrição e sajeza, e seria de sessenta annos.

Este ordenou el-rei de mandar a Aragão por encaminhar seus feitos da guerra que se havia de fazer, e trazer logo a infante, segundo entender podemos, porque, não embargando que alguns digam que el-rei mandou não mais que duas galés a Aragão, a verdade é que lá foram sete, ca elle mandou vir de Barrameda a galé *Donzella* e outras cinco, e mais a galé real, que era uma grande e formosa galé, em que havia largas e espaçosas camaras, a qual el-rei mandou mui nobremente guarnecer d'estandarte e muitos pendões e tenda e apparelhos de cordas de seda, onde havia de vir a infante, e mandou pôr, por nobreza, muitos e grandes dentes de

porcos montezes encastoados ao longo da coxia d'ambas as partes da galé, e todos os remos pintados e outros logares por formosura.

Os galeotes eram todos vestidos d'uma maneira, e iam n'ella quarenta bésteiros assás de mancebos e homens de prol, todos vestidos d'outra libré e cintos cobertos de velludo preto, com as armas d'el-rei brolladas.

E bem parece de rasão que o conde houvera logo de trazer a infante, ca el-rei mandou tirar d'aquella Torre do Haver, que estava no castello da cidade, uma corôa d'ouro feita de macha-femeas, obrada com pedras de grande valor e grossos grãos d'aljofar ao redor, e relicarios e anneis d'ouro, e camafeus e outras joias de grão preço, afóra saias e cotas e cipres de dona e outras cousas que pertenciam a guarnimentos de mulher, as quaes levava o conde n'esta galé em que havia d'ir.

Havia el-rei mais outros seus privados e muito mettidos n'estes feitos, de que tambem muito fiava, a saber: um genovez que chamavam *mice* Badasal d'Espinola e Affonso Fernandez de Burgos.

E mandou el rei levar todo aquelle ouro por terra até o Algarve, e iam em companha d'elle cincoenta bésteiros com outra gente, que o guardavam. E foi o conde prestes para se partir, muito acompanhado de bons fidalgos e escudeiros, e partiu de Lisboa aos quinze dias d'aquelle mez de março e chegou ao Algarve, onde foi posto todo aquelle ouro na galé em que elle ia; e fez o conde ahi armar outra galé, que levou em sua companha.

D'ali, seguiu sua viagem e chegou a Barcelona, cidade d'Aragão, onde el-rei então estava, de que foi mui bem recebido e todos os que com elle iam;

e mandando el-rei que o apozentassem mui bem, disse o conde que lhe não cumpria então outra pouzada senão a galé em que vinha, por o haver que trazia n'ella, até que fosse tudo posto em terra; então foram barcos á galé e descarregaram todas as arcas em que o ouro ia, e foi levado aos paços d'el-rei e posto em uma camara bem cerrada, e guardado do thesoureiro que o levava e d'aquelles que iam em sua companha e d'outras gentes assoldadas que com elle estavam costinuadamente; e d'esta guisa foi posta n'elle boa guarda, e não deixado na praia em desamparo, como alguns não bem informados n'isto disseram.

CAPITULO L

Do que o conde ordenou que se fizesse d'aquelle ouro que levava, e como começaram pagar soldo ás gentes que haviam de servir.

O conde, assim em Aragão, tratou com el-rei, por nova convença, outros capitulos da ordenança da guerra e paga do soldo que havia de ser feita, a saber: que a paga das mil e quinhentas lanças que el-rei D. Fernando havia de fazer por seis mezes se tornasse em pagamento de tres mil lanças pagadas por tres mezes, com condição que se el-rei D. Henrique, ao tempo que se começasse a guerra, fosse nas fronteiras d'Aragão, que el-rei fosse teudo d'ir por pessoa, ou enviar o duque, seu primogenito filho, por capitão das ditas tres mil lanças, e o mais com o seu poderio; e outras similhantes cousas que a nosso proposito mingua não fazem, posto que recontadas aqui não sejam.

Dês-ahi, trabalhou logo d'encaminhar com os fidalgos que maneira haviam de ter no proseguimento

da guerra e por que preço cada um, e mais como se logo lavrasse moeda para haverem paga de suas soldadas; e foram feitas escripturas d'avenças e obrigações como cada um havia de servir, e com quantas lanças e quanto havia d'haver por mez, a saber: trinta florins por lança do dia que começásse de servir.

Outrosim, houve licença e carta d'el-rei para fazer moeda d'ouro e prata ali em Barcelona, a saber: florins, taes como el-rei tinha usança de mandar fazer, e reaes de prata dos signaes e cunhos d'el-rei D. Pedro de Castella, de quatro maravedis cada um real. E começaram de lavrar na Casa da Moeda d'el-rei e fizeram logo até duzentos mil reaes de prata e uns noventa mil florins; fazendo logo pagamento de seis domaas a esses capitães, de seu soldo, assim como a *mosse* Rodrigo de Navarra e a *mosse* João de S. Martim, que haviam de servir com quatro lanças, e a D. Gil Garcia de Navarra, que havia de servir com duzentas, e assim a outros aragonezes e castelhanos, segundo as lanças que cada um tinha; e aos que não eram presentes mandaram-lhes o soldo aos logares onde estavam, assim como a Garcia Fernandes de Villa Odre, que estava no reino de Murcia, que havia de servir com quatrocentas lanças, e a Diego Lopez de Montoyo e a outros fidalgos, que seriam por todos os que então foram pagados até duas mil e duzentas lanças.

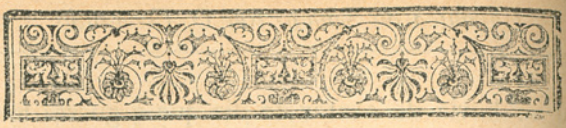
E pagaram mais soldo, a mil e quinhentas lanças das com que el-rei de Aragão havia de fazer sua guerra, d'outras seis domaas como aos outros, porque nos tratos era conteúdo que el-rei D. Fernando lhe emprestasse o soldo d'um anno para ellas, o

qual se havia de contar do dia que a guerra fosse começada em deante.

Dês-ahi, pagavam mantimentos a esses que os haviam de haver, assim como áquelle conde de Barcellos, D. João Affonso, onze florins por dia, e assim a cada um dos outros, segundo lhe era ordenado; e isso mesmo fizeram pagamento a vinte galés, das que estavam em Barrameda, de soldo que lhes era devido d'alguns mezes que tinham servido; e mais mandaram fazer pendões dos signaes d'el-rei, que haviam de levar na hoste, e mandaram recados a Medinacelli, por Lopo Lopez de Gamboa, escudeiro castelhano, e a Almançon e a outros logares, a falar com alguns cavalleiros e saber parte do estado da terra e onde era el-rei D. Henrique ou quem estava pela comarca de Castella por onde a hoste havia de passar.

E tornaram outra vez a fazer pagamento d'outras seis domaas áquelles capitães e suas companhas, assim que tambem todos elles, como as mil e quinhentas lanças d'el-rei, que dissemos, a todos já era feita paga de tres mezes.

N'isto gastava-se o tempo sem fazer cousa que serviço d'el-rei fosse, e dispendiam se os dinheiros em corregimentos e ordenanças que nunca sómente houveram começo.



CAPITULO LI

Como o conde D. João Affonso se partiu para Portugal e porque não foi trazida a infante a Portugal.

SEGUNDO já d'antes havemos tocado, el-rei d'Aragão havia de haver segurança d'el-rei D. Fernando, por razão da guerra, que havia de começar contra el-rei D. Henrique, de guisa que, depois que fosse começada até dois annos seguintes, não desfallecesse soldo ás lanças que elle era teúdo de manter, as quaes haviam de ser pagadas de dois em dois mezes, e el-rei d'Aragão isso mesmo havia de fazer seguro el-rei D. Fernando de proseguir a guerra, não eessando d'ella até o tempo que devisado tinham; e a segurança da parte d'el-rei D. Fernando havia de ser que os ditos condes e *mice* Badasal e Martim Garcia haviam d'estar sempre em Aragão, por refens, até que a guerra fosse acabada, e feita cumpridamente paga a todos os que n'ella houvessem servido.

E por azo da innovação dos capitulos que o conde

de Barcellos innovara com el-rei, assim do mudamento das mil e quinhentas lanças e tres mil de pé, como d'outras cousas conteúdas nos tratos primeiros, as quaes el-rei D. Fernando havia d'approvar, ordenou o conde de vir a Portugal falar a el-rei sobre ello, e isto por licença de el-rei d'Aragão, assim que não se despediu d'elle por nenhuma desavença e desaccordo, mas com sua graça e pagamento, sem outro escandalo que ahi houvesse; ca se elle partira d'Aragão queixoso por alguma guisa, desamparando todo aquelle negocio como cousa finda, não deixara tal mandado a Affonso Dominguez, thesoureiro d'aquelle haver, qual lhe deixou por sua carta, nem se tratara mais nenhuma cousa sobre a ordenança da guerra, como se depois tratou, ca elle deixou mandado a Affonso Dominguez que, do haver que lhe então ficava em poder, e de todo outro que recebesse emquanto por mandado d'el-rei estivesse no reino d'Aragão, fizesse todas as despezas que lhe *mice* Badasal mandasse, assim como as depois fez que se o conde d'ella partiu.

E havendo já uns tres mezes que o conde lá era, no fim do mez de junho partiu para Portugal, e trouxe comsigo a corôa d'ouro e todas as outras joias que levara para dar á infante, as quaes el-rei mandou tornar á torre d'onde foram tiradas, porque, falando elle a el-rei por vezes no casamento de sua filha com el-rei D. Fernando, respondia el-rei que a não podia mandar por então, porquanto não tinha ainda dispensação do papa para poderem casar, mas que elle se trabalharia de a haver o mais cedo que podesse e que logo lh'a mandaria, segundo pertencia a sua honra.

E esta foi a razão porque a infante não veiu então, e não por cousa que o conde n'este feito maliciosamente obrasse, nem por ella ser tal como alguns historiando, feiamente pintaram, ca de corpo e gesto natureza lhe dera tão boa parte que nenhum senhor se descontentaria de a haver por mulher.

E, se ella tal não fôra, não fizera el-rei D. Henrique tanto depois por casar com ella o infante D. João, seu filho, que depois foi rei de Castella, e ella rainha com elle, enviando muitas vezes dizer a seu pae que lh'a desse para o infante seu filho, como fôra tratado quando eram moços, até mandar-lhe rogar que lh'a desse todavia, e que não queria que lhe desse com ella nenhuma cousa de quanto lhe á primeira promettera; a qual cousa não é de cuidar que fizera se ella tão feia imagem fôra, como alguns maldizentes disseram.

Nem el-rei D. Fernando n'esta sezão, nem depois ainda por tempo, não tinha sentido de D. Leonor Telles, de que se depois namorou, nem lhe vinha por cuido nem penso o que se depois seguiu, segundo adeante claramente podereis vêr.

CAPITULO LII

Como os capitulos da guerra foram outra vez mudados, e el-rei d'Aragão mandou seu recado a el-rei D. Fernando.

PARTIDO o conde, como dissémos, no mez de julho seguinte, aos vinte e quatro dias, na cidade de Barcelona, onde então el-rei estava, *mice* Badassal d'Espinola e Affonso Fernandez de Burgos, procuradores que eram d'el-rei D. Fernando, ambos juntamente em companha da infante D. Maria, mulher que fôra do marquez, e irmã d'el-rei D. Fernando, por cujo conselho e accordo se trataram muitas cousas ácerca d'este negocio, chegaram a el-rei, a seus paços, fazendo-lhe recontamento dos capitulos e avenças firmadas sobre o preseguimento da guerra e paga do soldo que havia de ser feita; e que fosse sua mercê que dos dinheiros que Affonso Dominguez, thesoureiro do haver que ali estava, tinha em seu poder lhe deixasse receber dinheiros para soldo de mil e quinhentas lanças, porquanto eram muito necessarias

para fazer logo entrada pelo reino de Castella, pois que elle de presente não podia ser prestes para começar a dita guerra, por mingua de segurança e fremidões que ainda não recebera da parte d'el-rei D. Fernando, assim da paga do soldo que se havia de dar ao deante, como d'outras cousas que se haviam de fazer.

E, depois de muitas razões que sobre isto houveram faladas, accordaram que os capitulos que el-rei d'Aragão havia innovados, para preseguir a guerra com as tres mil lanças que dissémos, se tornassem em mil e quinhentas, segundo primeiro fôra devisado, com outras condições que não curamos de dizer.

E mandou logo el-rei d'Aragão a Portugal, por embaixador, *mosse* Umberte de Fenoial, com poder de firmar com el-rei D. Fernando aquellas avenças que assim foram feitas, e especialmente para se obrigar e prometter, em nome d'el-rei d'Aragão, que tanto que houvesse dispensação do papa para a infante D. Leonor, sua filha, poder casar com el-rei D. Fernando, que seria muito cedo, que logo a enviasse a Portugal, como a sua honra cumpria; e que por segurança d'isto, se el-rei n'ello alguma cousa duvidava, lhe daria em prenda e refens o castello de Alicante, segundo antes fôra falado.

O qual mensageiro chegou a Santarem no mez d'outubro, aos paços de Vallada, onde então el-rei pousava, estando então ahi com elle D. Fr. Alvaro Gonçalves, prior do Hospital, e Ayres Gomes da Silva e outros senhores e fidalgos de seu conselho; e, aos vinte e um dias d'esse mez, el-rei D. Fernando approvou e houve por bem tudo aquillo que por seus procuradores fôra feito e ordenado, das

quaes cousas fizeram suas escripturas juradas e firmadas o mais firme que ser póde, sob pena de vinte mil marcos d'ouro, que pagasse á outra parte o que fallecesse do que entre elles era accordado.

E feito isto partiu-se o embaixador caminho de Aragão, levando bem recadado tudo aquillo por que viera.

CAPITULO LIII

Como foi tratada paz entre el-rei D. Henrique e el-rei D. Fernando, e com que condições.

DURANDO a guerra entre Portugal e Castella da maneira que já tendes ouvido, e tratando-se assim estas cousas entre el-rei de Aragão e el-rei D. Fernando, havia já tempo que o Papa Gregorio XI havia enviado por embaixadores aos reis de Portugal e de Castella, para pôr entre elles paz, D. Beltram, bispo de Commercia, e D. Agapito, de Columpna, bispo de Brixa; e, ainda que nós antes d'isto não hajamos feita menção da vinda d'estes prelados, sabei porém que o anno passado antes que Carmona fosse filhada, chegaram elles a Sevilha, onde el-rei D. Henrique estava então, e falando com elle em razão de paz quanto era necessaria entre os reis, mostrando-lhe os damnos e males que se da guerra seguiam a elles e a seus reinos, e como por tal azo se enxalçaria a soberba dos inimigos da santa fé, authorgou el-rei por sua

parte de consentir na paz, com boas e aguisadas razões.

Depois, vindo elles a Portugal, e falando a el-rei D. Fernando sobre ello não menos razões das que a el-rei D. Henrique haviam ditas sobre este negocio, mas quantos bons conselhos e auctoridades se dizer podiam para o induzir a haver com elle paz e amorio, lhe foram por elles offerecidas e propostas, sobre as quaes el-rei D. Fernando, havido conselho, sem primeiro se despedir das avenças e preitesias que com el-rei d'Aragão havia tratadas, não sabemos qual razão determinou d'haver com elle paz.

E notificado isto a el-rei D. Henrique por elles, accordaram os reis d'enviar seus procuradores para estas avenças tratar em seu nome, a saber: el-rei D. Henrique, D. Affonso Perez de Gusman, aguazil-mór de Sevilha, e do seu conselho; e el-rei D. Fernando, D. João Affonso, conde de Barcellos, o qual estava já prestes para se tornar outra vez a Aragão, e recebidos quatro mil florins para o caminho, e el-rei mandou que cessasse d'aquella ida e fosse tratar esta paz e avença ante el-rei D. Henrique.

E feitas sobre isto, d'ambas as partes, firmes e bastantes procurações para pôrem perpetua paz e amor entre os reis, devisaram de ser todos jnntos, elles e os mensageiros do papa, em uma villa que dizem Alcoutim, bispado de Silves, no reino do Algarve; e juntos ali pessoalmente, salvo o bispo de Commercia, que era então em Aragão, firmaram paz e amorio em nome dos reis, recontada n'esta guisa brevemente:

Que elles fossem bons e verdadeiros amigos para sempre um do outro, e isso mesmo seus filhos e herdeiros e todos os povos a elles sujeitos; e que

um rei não fosse teúdo d'ajudar o outro contra alguma pessoa, posto que com alguma houvesse desvairo, mas que el-rei de Portugal fosse amigo d'el-rei D. Carlos de França, assim como el-rei de França era d'el-rei D. Henrique; e que el-rei de França enviasse seus mensageiros, até seis mezes, a firmar isto com el-rei D. Fernando, como depois enviou.

E por estas pazes serem mais firmes, e os bons dividos d'entre os reis serem sempre accrescentados, foi tratado n'estas avenças que el-rei D. Fernando casasse com a infante D. Leonor, filha d'el-rei D. Henrique, com a qual houvesse por doação em casamento Ciudad Rodrigo, e Valencia d'Alcantara, com todos seus termos, e Monte-rei, e Alhariz, com seus alfozes e fortalezas, os quaes logares fossem para sempre da corôa do reino de Portugal, e alguns escrevem que havia d'haver mais em dinheiro tres contos da moeda de Castella; e que el-rei D. Fernando desse á dita infante todos os logares que foram dados por el-rei D. Affonso, seu avô, á rainha D. Beatriz, em arrhas de seu casamento.

E havia de ser entregue a infante a el-rei, para a receber e haver por mulher, no extremo dos reinos, entre Talleiga e Figueira, do dia d'este trato firmado a cinco mezes primeiros, com condição promettida e jurada por el-rei, assim como cada um dos outros capitulos, que, do dia que lhe fosse entregue a sete mezes, não houvesse com ella ajuntamento carnal; e isto fazia el-rei seu pae porque ella era ainda muito moça, e dizia que lhe queria emtanto guisar mui honradamente tudo o que cumpria para a festa de suas bodas. E esta condição

foi a el-rei D. Fernando mui má d'outhorgar, porém ácima houve-o de fazer; e diziam-lhe alguns que juras de foder não eram para crêr,—que jurasse elle afoitamente este capitulo, ca não minguaria quem tomasse por elle o peccado d'este juramento sobre si. E foi por isto havida dispensação, por o divido que entre elles havia, e publicada na cidade de Sevilha pelo dito D. Agapito, mensageiro do Papa.

Foi mais firmado, entre os reis ambos, que el-rei D. Fernando abrisse mão e desamparasse todos os logares e terras que elle e aquelles que sua voz mantinham cobráram do senhorio de Castella, salvo dos que havia d'haver em casamento, e isso mesmo fizesse el-rei D. Henrique dos que cobrára de Portugal, tirados os abastecimentos e ouro e prata que cada um n'elles tinha posto; e perdoaram d'uma parte á outra, desde o caso maior até o menor, a todos que em serviço dos senhores andaram e se alçaram com villas e castellos e tomaram voz contra elles.

E ficaram os reis a entregar todos seus bens de raiz, salvo se foi aos de Carmona, que ainda n'este tempo tinham voz por Portugal, posto que já tenhamos escripto sua tomada d'ella, por os quaes el-rei D. Fernando fez muito por entrarem n'estes tratos, e nunca el-rei de Castella n'ello quiz consentir, dizendo, por escusa, que perdoar aos de Carmona era cousa por que se podia recrescer grão desvairo entre elle e el-rei D. Fernando, mas que a mulher do conde D. Fernando de Crasto, com seu filho e companha e cousas suas, se fosse a Portugal para seu marido ou onde lhe aprouvesse.

Outrosim, que todos os prisioneiros que n'esta guerra foram filhados fossem entregues d'uma parte

á outra sem rendição nenhuma, posto que avença tivessem feita com aquelles que os tinham em seu poder.

E assim pozeram outros capitulos, que por não alongar deixamos de dizer, porque se partiram geralmente de toda contenda que por qualquer guisa entre os reis até aquelle tempo podesse nascer, os quaes os ditos procuradores juraram aos Santos Evangelhos nas almas dos reis ambos, e fizeram preito e menagem, nas mãos do dito delegado, que elles guardem cumpridamente estas pazes e jurem outros taes juramentos por suas pessoas, submettendo os ditos reis e seus reinos a censura e sentença ecclesiastica indo contra isto por alguma guisa; e que fossem prestos, até primeiro dia de maio, certos castellos em refens, a saber: da parte d'el-rei D. Fernando, Olivença e Campo Maior e Noudal e Marvão, os quaes havia de ter D. Fr. Alvaro Gonçalves, prior do Hospital; e da parte d'el-rei D. Henrique, Albuquerque e Exarez e Badajoz e a Codesseira, que tivesse Affonso Perez de Gusman.

E foram tratadas e juradas estas pazes, com muitas mais firmezas e condições, no dito logar de Alcoutim, postumeiro dia de março da dita era de quatrocentos e nove annos, as quaes el-rei D. Fernando d'ahi a dois dias jurou na cidade de Evora, fazendo preito e menagem, nas mãos do dito delegado, de as ter e guardar cumpridamente, o que elle depois mui mal fez, segundo adeante ouvireis.

E d'ali enviou a Castella o doutor Gil Dosem e Affonso Gomes da Silva, para receberem d'el-rei D. Henrique similhavel firmeza e juramento; e depois foi a Castela Diogo Lopes Pacheco, receber da rainha D. Joanna e do infante D. João, e d'alguns

condes e prelados e ricos-homens que ainda não juraram, outhorgamento dos ditos tratos; e na villa de Toro, onde então el-rei era, no mosteiro de S. Francisco, ali juraram todos em mãos do dito delegado, que presente estava, aos dez dias d'agosto da dita era.

CAPITULO LIV

Como el-rei d'Aragão mandou tomar a Affonso Domingues Barateiro quanto ouro tinha em seu poder.

Quando el-rei d'Aragão soube esta alliança de amizade que el-rei D. Fernando com el-rei de Castella para sempre tratara, e como havia de casar com sua filha, bem é de cuidar quanto lhe desprazeria de fazer tal paz e amizade com seu inimigo que muito desamava, e mandou que tomassem logo a Affonso Domingues Barateiro quanto haver lhe fosse achado, e foram-lhe tomados dois mil e vinte e quatro marcos d'ouro, afóra cento e sete marcos que lhe foram emprestados logo á primeira, quando novamente chegaram; assim que, de quanto ouro lá foi enviado, não houve el-rei D. Fernando outro proveito, salvo de dois mil paus de romania que lhe lá compraram para o armazem de Lisboa, que custaram pouco mais de duzentos e sessenta gentis, e todo o ouro foi despezo de guisa que nunca se d'elle aproveitou; e el-rei d'Aragão

houve aquelles dois mil e cento e trinta marcos muito contra sua vontade, que nunca mais cobrou, pero se d'ello trabalhasse, como adeante diremos.

E mandou el-rei d'Aragão prender o thesoureiro e o escrivão que tinham aquelle haver, e tomar o livro da receita e despeza, e depois os mandou soltar e dar o treslado do livro, mas não conhecimento nem recado de como lh'o tomara; e assim se tornaram para o reino.

E não sómente mandou el-rei tomar aquelle haver, mas ainda uma arca com armas, que a infante D. Maria mandava a el-rei D. Fernando seu irmão, tudo foi tomado que lhe não deixaram trazer nenhuma cousa.

O *mice* Badasal e Affonso Fernandes escreveram uma carta a el-rei, de como fôra tomado aquelle ouro a Affonso Domingues, e por que maneira, e que lhe não pezasse muito porque lhe não deram d'ello recadação, que se o de cobrar havia tão bem o cobraria sem carta de conhecimento como com carta, e que tal tempo se vinha chegando cêrca por que poderia cobrar tudo aquillo e muito mais. Mas tudo foi nevoa quanto enviaram dizer, ca el-rei nunca houve nenhuma parte; e assim se passaram todas as cousas certamente sobre as duvidas que movemos no começo d'esta historia.

Mice Badasal não tornou mais para o reino, e a affeição longa que com a infante houve, gerador sempre de similhantes fructos, lhe fez que vendeu ella quantas rendas tinha em Aragão, e se foi com elle para Genova, e depois a deixou, e viveu minguadamente, morrendo mui affastada do que a sua honra pertencia.

CAPITULO LV

Das moedas que el-rei D. Fernando mudou, e dos preços desvairados que poz a cada uma.

Dois grandes males recebeu o reino por esta guerra que el-rei D. Fernando com el-rei D. Henrique começou, de que os povos depois tiveram grande sentido: o primeiro, gastamento, em grande quantidade, d'ouro e prata que antigamente pelos reis fôra enthesourado, do qual por azo d'ella, foi a Aragão levada mui gran somma d'ouro, como já tendes ouvido; o segundo, isso mesmo foi gasto de muita multidão de prata, por a mudança das moedas que el-rei fez, por satisfazer ás grandes despezas dos soldos e pagas das cousas necessarias á guerra, por cujo azo montaram as cousas depois em tamanhos e tão desarrazoados preços que conveiu a el-rei e foi forçado de pôr sobre todas almotaçaria, e mudar o valor que á primeira pozera em taes moedas.

Onde sabei que no tempo d'el-rei D. Diniz, seu bisavô d'el-rei D. Fernando, se corria geralmente

n'estes reinos uma moeda que chamavam dinheiros velhos, dos quaes doze d'elles faziam um soldo, e vinte soldos era uma libra, e vinte e sete soldos faziam um maravedi velho, que se costumava Além Douro, e quinze d'aquelles soldos era outro maravedi que usaram na Extremadura e pelas outras partes do reino; e cem maravedis, d'estes de quinze soldos, era contia d'um escudeiro vassallo d'el-rei, os quaes cem maravedis valiam setenta e cinco libras, que eram cerca de cinco marcos e meio de prata, porque em quatorze libras d'estes dinheiros velhos era achado um marco de prata de lei de onze dinheiros, e tanto valia então de compra.

E valia d'aquella moeda um escudo de ouro de França tres libras, e aquelle escudo é menos que dobra cruzada e tem avantagem de corôa; e valia um franco de ouro de França duas libras e meia, ca por então não havia em França moeda de corôas nem de dobras.

E d'estes dinheiros velhos quem queria fazer moeda mais pequena cortava um dinheiro pela metade, com uma thesoura, ou o britava com os dentes, á metade d'aquelle dinheiro chamavam mealha ou pogeja, e compravam com elle uma mealha de mostarda, ou d'alfeloa, ou de tremoços e similhantes cousas; assim que as mealhas não eram moeda cunhada por si, mas era um dinheiro partido por meio, e estes dinheiros são os que uzam nas bençãos dos casamentos, posto que se com outros fazer possam, não deixando porém estes se os houver poderem, pelo costume da Egreja e honra da antiguidade.

Reinando depois el-rei D. Affonso, filho d'este rei D. Diniz, requereu os povos e a clerezia que lhe

consentissem mudar a moeda, a saber: que faria dinheiros que nove d'elles valessem doze dos outros, e sendo lhe outhorgado mandou-os lavrar; e chamaram a esta moeda dinheiros novos, em respeito dos outros velhos, e alguns lhes chamavam dinheiros affonsis, porque os fizera el-rei D. Affonso; e nove d'aquelles faziam um soldo, e vinte soldos uma libra, e vinte e sete soldos um maravedi d'Alem Douro, e quinze soldos um maravedi da Extremadura, assim como dos outros dinheiros velhos.

E em dezoito libras e quatorze soldos d'esta moeda era achado um marco de prata de lei de onze dinheiros, e assim subiu logo por compra; e isso mesmo o escudo velho de ouro de França valia tres libras e meia, e o franco de ouro tres libras.

E por tal lavramento ganhava el-rei em cada marco de prata quatro libras e quatorze soldos, e d'aqui pagavam os custos.

E dizem que foi então convença, entre el-rei e os prelados e o povo do reino, que el-rei nunca mais mudasse moeda, mas que se mantivesse d'aquella guisa, sob certas condições e penas que nas escripturas que sobre ello foram feitas são postas, as quaes pozeram em Braga e em Alcobaça e em outros logares em guarda; e contam alguns que dizia el-rei D. Affonso que se lhe o seu povo consentira outra vez mudar a moeda que elle fôra um dos ricos reis do mundo.

Veio el-rei D. Pedro, filho d'este rei D. Affonso, e não mudou moeda por cobiça nem outro ganho, mas fel-a mui boa, d'ouro e de prata, como dissemos; mas foi em pouca quantidade.

Quando el-rei D. Fernando reinou e começou guerra com el-rei D. Henrique, sem prazimento dos

povos do reino, nem o fazendo saber a prelados, nem outro nenhum consentimento, mudou as moedas todas, assim d'ouro como de prata, e fez outras novas quejandas lhe prouve, a saber: dobras d'ouro que chamavam pé terra, as quaes mandou que valessem seis libras; e fez outra moeda d'ouro que chamavam gentis d'um ponto, e mandou que valessem quatro libras e meia; e fez depois de dois pontos outros gentis que eram de mais pequeno peso. e mandou que valessem quatro libras a peça; e depois fez outro terceiro, que valiam tres libras e meia; e depois d'estes lavrou gentis que foram os quartos, que valiam tres libras e cinco soldos. E mandou lavrar uma moeda que chamavam barbudas, e poz-lhe preço de vinte soldos; e eram de lei de tres dinheiros e havia no marco cincoenta e tres. E custava o marco de prata de lei de onze dinheiros, em moeda, vinte e sete libras, e fazia-se n'elle cento e noventa e cinco libras; e assim ganhava el-rei em cada marco cento e sessenta e oito libras, e d'aqui pagava os custos.

E era espanto da simplicidade das gentes, não sómente do povo miudo, mas dos privados d'el-rei e de seu conselho, que mandavam rogar com prata, á Moeda, que lh'a comprassem, entendendo que faziam muito de seu proveito, porque a compraram a dezoito libras de dinheiros affonsis e davam-lhe por ella vinte e sete libras, que eram vinte e sete barbudas, não parando mentes á fraqueza da moeda, mas á multiplicação das libras. E muitos mercadores, que haviam d'ir ao Algarve e a outras partes do reino, iam á Moeda e davam vinte e um soldo de dinheiros miudos pela barbuda, por levar seus dinheiros em mais pequeno logar, não sabendo

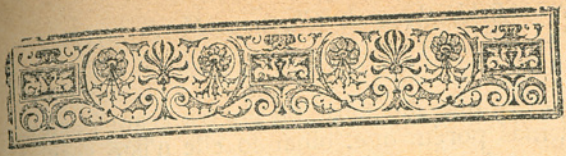
nem esguardando a gran perda que se lhe d'aquillo seguia

Mandou el-rei mais lavrar outra moeda que chamavam graves, e eram de lei de... dinheiros e de cento e vinte no marco, e valia cada um quinze soldos de dinheiros alfonsis: e custava o marco de prata de lei de onze dinheiros vinte e sete libras, e faziam-se n'elle trezentas e sete libras, e assim ganhou el-rei duzentas e oitenta libras.

Fez lavrar mais outra moeda que chamavam pilartes, que eram de dois dinheiros de lei, e havia no marco cento e noventa e oito, e cada pilarte valia cinco soldos; e de um marco de prata de lei de onze dinheiros, que custava vinte e sete libras, lavraram d'elle duzentas e trez libras, e assim ganhava em cada marco cento e setenta e seis, e dos ganhos pagaram os custos.

D'outras moedas que el-rei D. Fernando fez, assim como fortes de prata, que valiam dez soldos, e outros de vinte, e tornezes primeiros, d'oito soldos, e tornezes petites, e dinheiros novos avaliados a oito grãos e d'outras leis e preços desvairados, não curamos mais de fazer menção, por não alongarmos dês-ahi porque se lavrou pouca d'ella.

E não embargando as grandes gaanças que el-rei D. Fernando havia de taes moedas, segundo ouvistes compridamente, por azo da gran despeza da guerra começada assim por mar como por terra, tudo se gastava que não ficava nenhuma cousa para deposito, e mais todo o ouro e prata que elle achara enthesourado; assim que elle damnou muito sua terra com as mudanças das moedas e perdeu quanto ganhou n'ellas, e tornaram-se os logares a Castella cujos eram, e elle ficou sem nenhuma honra.



CAPITULO LVI

Como el-rei D. Fernando mudou os preços a algumas moedas e poz almotaçaria em todas as cousas.

CORRENDO estas moedas que tendes ouvido, e posto el-rei em paz como dissémos, aggravaram-se os povos a elle, dizendo que, por azo das muitas moedas de desvairadas leis e preços, que em sua terra havia feitas como lhe prouvera, eram as cousas postas em grandes e desordenados preços, muito mais do que guisadamente deviam valer; além d'isto, que as gentes simples eram muito enganadas com ellas, tomando umas moedas por outras, e muitos se afoitaram de as falsearem fóra de sua terra e as traziam depois ao reino, e andavam todas de mistura.

El-rei disse que, pelos grandes misteres e encargos que se lhe recresceram por azo da guerra que houvera com el-rei D. Henrique, lhe conviera mandar fazer moedas de desvairadas leis e preços, por melhor poder pagar as contias e soldos e as outras

despezas que lhe para tal guerra eram pertencentes; mas porém que, olhando elle n'isto serviço de Deus e desencarregamento de sua consciencia e prol de seu povo, pois a Deus aprouvera de o pôr em paz com seus contrarios, que elle teria n'ello maneira por que o valor das moedas fosse corrigido e as cousas tornassem a seus razoados preços,

Então mandou que as moedas que foram feitas em Lisboa e em Valença e no Porto valessem por esta guisa, a saber: os dinheiros que chamavam graves, que valiam quinze soldos dos dinheiros affonsis, que não valessem mais de sete, e as barbudas que valiam vinte soldos tornassem a valer quatorze; e os pilartes, que valiam cinco soldos, valessem tres e meio; e os reaes de prata oito soldos.

E não embargando tal mudança de valor como este, por as grandes perdas que os povos ainda recebiam, mandou el-rei fazer outro maior abaixamento, a saber: a barbuda, que de vinte soldos tornára em quatorze, que não valesse mais de dois soldos e quatro dinheiros; e o grave quatorze dinheiros, e o pilarte sete, e os fortes dez soldos; e assim corregeu as outras moedas de Samora e de Tuy e da Coruña e de Miranda, que eram de tal nome como estas, mas não de tão boa lei, até mandar que os dinheiros novos que elle mandára fazer durando a guerra não valessem mais que senhas mealhas.

E vendo el-rei que, não embargando este abaixamento das moedas, pelo costume que as gentes tinham de vender as cousas por preços desaguisados, olhando mais taes pessoas a propria prol que o bem

communal que todos devem desejar e querer, e que tarde ou nunca abaixariam d'elles, ordenou almotaçaria em todas as cousas. E mandou que no reino do Algarve não valesse o alqueire do trigo mais de cinco libras, e o da cevada cincoenta soldos; e Entre Tejo e Guadiana o alqueire do trigo tres libras, e a cevada e centeio trinta soldos; e na Extremadura o alqueire do trigo quarenta soldos, e o da cevada e centeio vinte; e na comarca da Beira e Entre Douro e Minho o alqueire do trigo vinte soldos; e no Porto trinta, e o da cevada e centeio e milho dez soldos; e na comarca de Traz-os-Montes o alqueire do trigo trinta soldos, e a cevada e centeio e milho quinze. E assim poz preços nos vinhos e carnes e azeites e pannos e em todas as outras mercadorias; e isso mesmo nos escrivães e tabelliães e nos outros officiaes.

E mandou a todas as villas e cidades de seu senhorio que logo os juizes e vereadores pozessem almotaçaria nas cousas em que a elle não pozera, segundo vissem que era bem e aguisado, e isso mesmo os preços que haviam de dar aos serviçaes; e que lhe enviassem o treslado de tudo, para vêr se o ordenaram segundo proveito commum, e lhes dar pena se o d'outra guisa fizessem.

E disse que, porquanto era direito escripto que cada um deve de ser constrangido para vender as cousas que tiver para uso e mantimento dos homens por preço aguisado em tempo de necessidade, que porém mandava que todo o pão dos rendeiros e dos outros, que o tivessem em celleiros e encovado, fosse vendido primeiramente, e depois que este fallecesse que então constrangesse mos que tivessem de sua colheita, se mister fizesse; e

se tal necessidade viesse que cumprisse de se repartir que então escolhessem dois homens-bons sem cobiça, um d'elles dos melhores do logar e o outro dos pequenos do povo, que fosse homem entendido e de boa condição, que o repartissem egualmente e não dessem d'elle parte áquelles que o tivessem de seu. E que para isto não fosse escusado o celleiro de pão de nenhum conde, nem fidalgo, nem d'arcebispos, nem abbades, nem d'outra nenhuma pessoa; e qualquer a que dessem juramento que pão tinha, e o negasse todo ou d'elle, que o perdesse, e mais os bens, para a corôa do reino.

Estas e outras muitas cousas ordenou então elrei por proveito e bem do povo, as quaes mandou aos juizes e corregedores do reino que as fizessem cumprir, sem malicia, sob pena de lhes custar as cabeças.

CAPITULO LVII

Como el-rei D. Fernando se namorou de D. Leonor Telles e casou com ella escondidamente.

Em tempo d'el-rei D. Affonso o quarto e d'el-rei D. Pedro, seu filho, não havia em Portugal mais que um conde, o qual se chamava de Barcellos, e este condado deu o dito rei D. Pedro a D. João Affonso Tello, de que já é em cima feita menção. Este D. João Affonso houve um filho que foi conde de Vianna, e foi casado com uma filha de João Rodrigues Porto Carreiro, e houve d'ella um filho que chamaram o conde D. Pedro, que foi governador da cidade de Ceuta no tempo do mui nobre rei D. João, como adeante ouvireis. Este dito conde D. João Affonso Tello havia um irmão a que diziam Martim Affonso Tello, o qual houve dois filhos e tres filhas, a saber: D. João Affonso Tello, que foi conde de Barcellos, e o conde D. Gonçalo, que foi conde de Neyva e de Faria; e as filhas, uma, bastarda, houve nome D. Joanna, que foi cammendadeira de Santos e deixou a commenda, como o fazer podia, segundo sua ordem, e ca-

sou com João Affonso Pimentel; e a outra foi D. Maria Telles, casada com Lopo Dias de Sousa; e a outra chamaram D. Leonor Telles, mulher que foi de João Lourenço da Cunha, filho de Martim Lourenço da Cunha, senhor do morgado de Pombeiro.

Ora assim, aveiu n'esta sezão que reinando el-rei D. Fernando, como dissemos, mancebo e ledo e homem de prol, trazia sua irmã D. Beatriz, filha que fôra de D. Ignez e d'el-rei D. Pedro seu pae, gran casa de donas e de donzellas, filhas d'algo e de linhagem, porque ahi não havia rainha nem outra infante, por então, a cuja mercê se houvessem de acostar; e por affeição mui continuada veiu nascer n'elle tal desejo de a haver por mulher que determinou em sua vontade casar com ella, cousa que até aquelle tempo similhante não fôra vista. Que cumpre de dizer mais sobre isto, proposto d'haver dispensação para casarem ambos, eram os jogos e falas entre elles tão a miude, misturados com beijos e abraços e outros desenfadamentos de similhante preço, que fazia a alguem ter deshonesta suspeita de sua virgindade ser por elle minguada.

N'isto veiu-se a tratar casamento entre el-rei D. Fernando e a infante d'Aragão, o qual não veiu a fim, segundo temos recontado. Depois, firmou el-rei D. Henrique pazes com elle, como dissemos, e foi posto que casasse el-rei D. Fernando com sua filha a infante D. Leonor, a qual lhe fosse entregue d'ahi a cinco mezes, como largamente já tendes ouvido; e tendo elle feito tal trato com el-rei D. Henrique, como cousa que havia de ser, estando el-rei D. Fernando em Lisboa, aconteceu de vir a sua côrte, da terra da Beira onde então estava, D. Leonor Telles, mulher de João Lourenço da Cunha, que

já dissemos, por espaçar alguns dias com D. Maria sua irmã, que andava em casa da infante e sua morador.

El rei D. Fernando, como era muito costumado d'ir vêr a miude a infante sua irmã, quando viu D. Leonor em sua casa, louçã e aposta e de bom corpo, pero que a d'antes houvesse bem conhecida, por então mui aficadamente esguardou suas formosas feições e graça, emtanto que, deixava toda bemquerença e contentamento que d'outra mulher poderia haver, d'esta se começou de namorar maravilhosamente, e ferido assim do amor d'ella, em que seu coração de todo era posto, de dia em dia se accrescentava mais sua chaga, não descobrindo porém a nenhuma pessoa esta bemquerença tão grande que em seu coração novamente morava.

N'isto, não tardou muito que João Lourenço mandou recado a sua mulher que se fosse para elle; da qual já tinha um filho, que chamavam Alvaro da Cunha.

El-rei D. Fernando, quando ouviu que João Lourenço mandava por ella, foi muito annojado de tal embaixada, como aquelle de que se nunca partia desejo de cumprir seu pensamento, e sendo forçado de o descobrir falou em grão segredo com D. Maria sua irmã, dizendo-lhe que azasse de guisa como D. Leonor não partisse d'ali, fingindo-se ser ella muito doente, e que com tal recado se tornassem a seu marido os que por ella vieram; e, falando claramente seu desejo com D. Maria, disse que sua vontade era de a haver antes por mulher que quantas filhas de reis no mundo havia.

D. Maria era sizuda e corda, e foi muito turvada quando lhe isto ouviu dizer, e vendo que por tal azo el-rei queria desencaminhar seu casamento que feito tinha com a infante de Castella, mórmente

sendo sua irmã casada e mulher de bom fidalgo como era, e ser seu vassallo, começou de lh'o contradizer assás muito.

El-rei respondia a todos os seus ditos, e em razão do casamento d'ella disse que elle azaria como ella fosse quite de seu marido, e ella disse que, posto que descarada fosse, que não cuidasse elle que ella havia de ser a sua barregã; e el-rei, preso do amor d'ella jurou a D. Maria que antes que dormisse com ella depois do quitamento que antes a recebesse por mulher.

Sobre isto correram muitas razões, de guisa que quanto ella trabalhava por lhe desfazer seus amores e mudar de seu proposito nenhuma cousa aproveitava, antes lhe parecia que cada vez cresciam mais; então falou com ella tudo o que el-rei aviera, e uma com outra houveram accordo de o falarem com seu tio; e depois que ambas falaram com o conde falou elle sobre isto a el-rei, e nenhum bom conselho, que lhe dar podesse n'este feito, veiu a fim de o torvar do que em vontade tinha de fazer.

D'esta cousa parte a infante, a que todos tres disseram em grão segredo, e por conselho de todos por fazerem prazer a el-rei, azaram como ella buscasse caminho de ser quite de seu marido por azo de cunhadia, que é ligeira d'achar entre os fidalgos, como quer que muitos affirmavam que João Lourenço houvera dispensação do Papa antes que com ella casasse; mas vendo que lhe não cumpria porfiar muito em tal feito deu á demanda logar que se vencesse cedo, e foi-se para Castella, por segurança de sua vida.

E certifica-se que antes que el-rei dormisse com ella primeiro a recebeu por mulher, prezente sua irmã e outros, que esta cousa traziam callada.

CAPITULO LVIII

Como el-rei D. Fernando fez saber a el-rei de Castella que não podia casar com sua filha.

Feito isto assim escusamente, posto que o quitamento fosse de praça, viu el-rei que lhe cumpria ser partido do que promettera a el-rei D. Henrique em razão do casamento de sua filha com elle.

E estando el-rei de Castella em Toro, onde por então fazia côrtes, por abaixar os preços das moedas, que antes pozera mui altos, por razão da guerra e paga dos soldos, com que a terra era damnada, e mais por ordenar que os judeus e mouros de seu reino trouxessem signaes devisados porque fossem conhecidos, chegaram mensageiros d'el-rei D. Fernando, pelos quaes lhe fez saber que não houvesse por nojo de elle não poder casar com sua filha, porquanto elle era casado com uma dona de Portugal que chamavam D. Leonor Telles de Menezes, mas não embargando isto que sua vontade era de ficar

e ser seu amigo e lhe mandar entregar as villas e logares que de Castella tinha, segundo nos tratos era devisado.

El-rei D. Henrique houve melancolia e pezou-lhe muito com estas novas por deixar el-rei de casar com sua filha assim como fôra tratado entre elles, e casar-se d'aquella guisa com tal mulher, desfazendo muito em sua honra e estado; e ainda que por este britamento dos tratos elle podera tornar a ello por guerra justa ou d'outra maneira, pero tão desejoso era de haver paz e socego, que deu logar a isto, por el-rei D. Fernando ficar seu amigo e lhe entregar as villas e logares que tomaram saa voz.

E respondeu aos mensageiros que pois assim era, que el-rei não prazia de casar com sua filha, que não fazia d'ello conta, cá a ella não minguaria outro tão honrado casamento, e elle que lhe mantivesse todas as outras cousas que nos tratos era conteudo.

E com esta resposta se tornaram para Portugal e despediram d'elle.

CAPITULO LIX

Como el-rei D. Fernando e el-rei D. Henrique innovaram certos capitulos sobre as pazes d'Alcoutim.

PARTIU el-rei de Castella de Toro depois que as côrtes foram acabadas, e andou por seu reino e veiu á cidade de Tuy, sendo então el rei D. Fernando na sua cidade do Porto, e d'ali mandou por embaixadas a el-rei D. Henrique um ricohomem de sua casa, muito seu privado e de grande estado, e Affonso Domingues, cavalleiro de seu conselho, sobre algumas duvidas e contendas que entre elle e el-rei de Castella recresciam, assim por razão do casamento da infante D. Leonor, filha d'el-rei de Castella, com que el-rei D. Fernando houvera de casar, como dos logares de que se havia de fazer entrega de uma parte á outra, e isso mesmo dos refens que por guarda dos ditos tratos haviam de ser entregues, segundo nas pazes que dissémos feitas na villa d'Alcoutim fôra largamente devisado.

E chegando elles a el-rei de Castella, e proposta sua embaixada, firmaram outra composição e avença sobre algumas duvidas e contendas que por razão d'aquellas pazes novamente recresciam; e a primeira cousa que logo accordaram assim foi que el-rei D. Fernando fosse escusado de casar com a infante D. Leonor, e que a doação que lhe el-rei de Castella fizera, por razão de tal casamento com sua filha, de Ciudad Rodrigo e de Valencia d'Alcantara e de Monte-rei e de Alhariz, que a renunciasse de todo e qualquer direito e posse e propriedade que n'ellas já havia, e as entregasse ao dito rei de Castella até certo tempo, e isso mesmo outros castellos, que eram seus, que ainda tinham voz d'el-rei D. Fernando, assim como Arahujo e Cabreira e Alva de Lista e outros; e que el-rei D. Henrique entregasse a el-rei de Portugal a villa de Bragança, que tinha Garcia Alvarez d'Osorio, e o castello do outeiro de Miranda e outros quaesquer que fossem embargados pela sua parte depois que se a guerra começára entre elles.

E aquelle rico-homem havia de receber todos os logares d'ambos os reinos, e fazer menagem por elles para os entregar aos reis, e dar em refens a el-rei de Castella dois mui honrados escudeiros seus filhos; e el-rei D. Fernando havia mais de dar em refens, por guarda d'estas avenças, D. João, conde de Vianna, filho de D. João Affonso, conde de Ourem, e João Affonso Tello ou Gonçalo Telles, sobrinho do dito conde, irmãos de D. Leonor.

Outro sim, sobre algumas penhoras e tomadas d'haveres e navios, que se depois das pazes d'Alcoutim fizeram d'um reino ao outro, ordenaram certas maneiras como fossem entregues a seus do-

nos; e feito juramento por el-rei de Castella por guarda d'estas cousas, e isso mesmo pelo conde D. Sancho, seu irmão, e pelo conde D. Pedro, seu sobrinho, e por outros fidalgos e prelados que dizer não curamos, partiram-se os embaixadores para Portugal.

E d'ahi a oito dias, sendo mez de maio, mandou el-rei D. Henrique á cidade do Porto, para receber em seu nome similhantes juras e menagens, D. João Garcia Manrique, bispo d'Orense, e João Gonçalvez de Baçom, cavalleiro; e nos paços do bispo, onde el-rei D. Fernando pouzava, lhe fizeram requerimento para outras taes juras e promettimentos como el-rei seu senhor havia feitos sobre as ditas avenças. Então el-rei, primeiramente, e dês-ahi o infante D. Diniz, seu irmão, e D. João Affonso, conde d'Ourem, e D. Affonso, bispo do Porto, e outros cujos nomes aqui não fazem mingua, fizeram aquellas juras e menagens que pelos embaixadores foram requeridas; e feitas de tudo bastantes escripturas despediram-se d'el-rei e foram-se seu caminho.

CAPITULO LX

Como os povos de Lisboa falaram a el-rei em feito de seu casamento, e da resposta que lhes el-rei deu.

Da bemquerença e amores que el-rei D. Fernando tomou em Lisboa com D. Leonor Telles, como já dissémos, foi logo fama por todo o reino, affirmando que era sua mulher, com que já dormira, e que a tinha recebida a furto; e desprouve muito a todos os da terra, da maneira que el-rei n'isto teve, e não sómente aos grandes e fidalgos que amavam seu serviço e honra, mas ainda ao commum povo, que d'isto teve grão sentimento. E não prestou razões que lhe sobre isto falassem os de seu conselho, dizendo que não era bem casar com tal mulher como aquella, sendo mulher de seu vassallo, e deixar taes casamentos de infantes filhas de reis como achava, assim como d'el-rei d'Aragão e d'elrei de Castella, com tanta sua honra e accrescentamento do reino; e vendo que seu conselho não aproveitava cessavam de lhe falar mais n'ello.

Os povos do reino, arrazoando em taes novas, cada uns em seus logares, juntaram-se em magotes, como é usança, culpando muito os privados d'el-rei e os grandes da terra que lh'o consentiam; e que pois lh'o elles não diziam, como cumpria, que era bem que se juntassem os povos e que lh'o fossem dizer. E entre os que se principalmente d'isto trabalharam foram os da cidade de Lisboa, onde el-rei então estava, os quaes falando n'isto foram tanto por seu feito em deante que se firmaram todos em conselho de lh'o dizer, elegendo logo por seu capitão e propodor por elles um alfaiate que chamavam Fernão Vasques, homem bem razoado e geitoso para o dizer; e juntaram-se um dia bem tres mil, entre mesteiraes de todos mesteres e bésteiros e homens de pé, e todos com armas se foram aos paços onde el-rei pouzava, fazendo grande ruido em falando sobre esta cousa.

El-rei, quando soube que aquellas gentes ali estavam, e a razão por que vinham, mandou-os perguntar, por um seu privado, que era o que lhes prazia e a que eram ali assim vindos; e Fernão Vasques respondeu em nome de todos, dizendo:

«Que elles eram ali vindos porquanto lhes era dito que el-rei seu senhor tomava por sua mulher Leonor Telles, mulher de João Lourenço da Cunha, seu vassallo, e, porquanto isto não era sua honra, mas antes fazia grão nojo a Deus e a seus fidalgos e a todo o povo, que elles, como verdadeiros portuguezes, lhe vinham dizer que tomasse mulher filha de rei, qual convinha a seu estado, e que quando com filha de rei casar não quizesse que tomasse uma filha d'um fidalgo de seu reino, qual sua mercê fosse, de que houvesse filhos legitimos que reinassem de-

poz elle, e não tomasse mulher alheia, ca era cousa que lhe não haviam de consentir; nem elle não havia por que lhe ter isto a mal, ca não queriam perder um tão bom rei como elle por uma má mulher que o tinha enfeitiçado.»

A gente era muita que isto dizia por desvairadas maneiras, não embargando que Fernão Vasques propunha por todos; e el-rei lhes fez responder:

«Que lhes agradecia muito sua vinda e as razões que por seu serviço diziam; que no caso entendia que faziam como bons e leaes portuguezes, amadores de sua honra; e que ella não era sua mulher recebida, nem Deus não quizesse; mas que porquanto lhes elle por logo não podia responder como cumpria, a qual resposta havia mister de ser com bom conselho, segundo elles viam que era razão; que em outro dia fossem todos ao mosteiro de S. Domingos d'essa cidade e que ali lhes falaria sobre aquillo e haveria seu accordo com elles».

Fernão Vasques disse a todos que aquillo era mui bem dito, e que assim o fizessem em outro dia. Partiram-se então todos contentes da resposta, jurando e dizendo que se a el-rei partir de si não quizesse que elles lh'a tomariam por força, e fariam de guisa que nunca a el-rei mais visse; e que se muitos vieram então que muitos mais viriam em outro dia, armados.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

INDEX

PAG.

Do reinado d'el-rei D. Fernando e das condições que n'elle havia 5

CAPITULO I. — Como el-rei d'Aragão e el-rei D. Henrique trataram suas avenças com el-rei D. Fernando..... 13

CAPITULO II. — Das preitesias que el-rei D. Henrique fez com el-rei de Navarra..... 17

CAPITULO III. — Como el-rei D. Pedro se viu com o principe de Galles, e ajuntaram suas gentes para entrar por Castella 19

CAPITULO IV. — Como el-rei de Navarra ordenou de não ser na batalha em ajuda d'el-rei D. Pedro..... 21

CAPITULO V. — Das gentes que el-rei D. Henrique tinha para pelejar, e como ordenou de pôr sua batalha... 23

CAPITULO VI. — Como el-rei D. Pedro e o principe ordenaram sua batalha e foi el-rei D. Pedro armado cavalleiro 26

CAPITULO VII. — Como o principe de Galles enviou a el-rei D. Henrique uma carta, e das razões conteúdas n'ella..... 29

CAPITULO VIII. — Da resposta que el-rei D. Henrique enviou ao principe por sua carta..... 32

CAPITULO IX. — Como se fez a batalha entre os reis ambos e foi vencido el-rei D. Henrique..... 35

CAPITULO X. — Como o principe disse contra o mariscal de França que merecia morte, e como se livrou por juizo dos cavalleiros..... 39

CAPITULO XI. — Das razões que el-rei D. Pedro houve com o principe sobre a tomada dos prisioneiros.... 41

CAPITULO XII. — Das avenças que foram feitas entre o principe e el-rei D. Pedro sobre as cousas que lhe promettidas tinha 43

CAPITULO XIII. — Quaes pessoas matou el-rei D. Pedro depois que partiu de Burgos, e como tratou paz com el-rei D. Fernando de Portugal..... 48

Capitulo XIV. — Do que aveio a el-rei D. Henrique depois que fugiu da batalha, e á rainha sua mulher... 51
Capitulo XV. — Como el-rei D. Henrique se viu com o duque d'Anjou, e do grande acolhimento que achou em el-rei de França..... 54
Capitulo XVI. — Como el-rei D. Henrique ordenou de tornar para Castella, e como el-rei d'Aragão embargava a passagem por seu reino..... 57
Capitulo XVII. — Como el-rei D. Henrique eutrou em Burgos e cobrou o castello e a judiaria..... 61
Capitulo XVIII. — Como el-rei D. Henrique cercou a cidade de Leão e mandou lavrar a moeda dos sessenes 63
Capitulo XIX. — Como el-rei D. Pedro fez vir el-rei de Granada em sua ajuda, e como se houvera de perder a cidade de Cordova..... 65
Capitulo XX. — Como el-rei D. Henrique houvera de cobrar Toledo, e como juntou suas gentes para pelejar com el-rei D. Pedro..... 69
Capitulo XXI. — Como houveram batalha el-rei D. Henrique e el-rei D. Pedro, e foi vencido el-rei D. Pedro 72
Capitulo XXII. — Das razões que houve Mem Rodrigues de Seabra com *monse* Beltram de Claquim, sobre o cêrco d'el-rei D. Pedro..... 75
Capitulo XXIII. — Como el rei D. Pedro sahiu de Montel, e como foi morto e em que logar..... 78
Capitulo XXIV. — Como foi sabido pelo reino que el-rei D. Pedro era morto, e da maneira que el-rei D. Henrique teve em alguns logares..... 82
Capitulo XXV. — Quaes logares tomaram voz por el-rei D. Fernando, e d'algumas gentes que se vieram para elle..... 84
Capitulo XXVI. — Das avenças que el-rei D. Fernando fez com el-rei de Granada por fazerem guerra a el-rei D. Henrique..... 87
Capitulo XXVII. — Que maneira tinha el-rei D. Fernando com os fidalgos que se de Castella para elle vieram 89
Capitulo XXVIII. — Da maneira que el-rei tinha nos logares de Castella que por elle tomaram voz..... 92
Capitulo XXIX. — Como foi tratado casamento entre el-rei D. Fernando e a infanta D. Leonor, filha d'el-rei d'Aragão..... 94

Capitulo XXX. — Como el-rei D. Fernando foi a Galliza e se lhe deu a Coruña 96
Capitulo XXXI. — Como foi tomado Monte-rei 99
Capitulo XXXII. — Como el-rei D. Fernando partiu da Coruña quando soube que el-rei D. Henrique vinha para pelejar com elle 101
Capitulo XXXIII. — Como el-rei D. Henrique cercou Braga e a cobrou por preitesia 104
Catitulo XXXIV. — Como el-rei D. Henrique cercou Guimarães, e se lançou dentro o conde D. Fernando de Castro 106
Capitulo XXXV. — Como el-rei D. Fernando partiu de Coimbra, por ir acorrer a Guimarães, e dos logares que el-rei de Castella tomou 109
Capitulo XXXVI. — Como se el-rei D. Fernando tornou, e dos fronteiros que poz em alguns logares 112
Capitulo XXXVII. — Como Gil Fernandez entrou a correr por Castella, e da maneira que teve em trazer sua cavalgada 115
Capitulo XXXVIII. — Como alguns fronteiros portuguezes pelejaram com os castelhanos, e do que aveio a cada um d'elles 117
Capitulo XXXIX. — Dos logares que Gomez Lourenço tomou, e como João Rodriguez pelejou com os de Ledesma 119
Capitulo XL. — Como el-rei D. Henrique cercou Ciudad Rodrigo, e porque razão se partiu de sobre o cêrco. 121
Capitulo XLI. — Como foi cercada Samora pela rainha D. Joanna, e mortos os filhos de Affonso Lopez de de Texeda 124
Capitulo XLII. — Da frota das naus e galés que el-rei D. Fernando enviou a Barrameda, e do que as gentes padeciam emquanto ali jouveram 127
Capitulo XLIII. — Razões sobre as treguas que alguns disseram que el-rei de Granada fizera com os Castelhanos 130
Capitulo XLIV — Como as galés de Castella quizeram pelejar com as de Partugal e não tiveram geito, e porque azo se partiu a frota dos portuguezes do rio de Sevilha 133
Capitulo XLV. — Como os de Carmona mandaram dizer a el-rei D. Fernando que lhe escrevesse, e da resposta que deu ao mensageiro 138

CAPITULO XLVI. — Como el-rei D. Henrique cercou Carmona e lh'a deu D. Martim Lopez por preitesia 142
CAPITULO XLVII. — Das razões que alguns disseram falando do casamento d'el-rei D. Fernando com a infante d'Aragão 146
CAPITULO XLVIII. — Que moveu el-rei D. Fernando a juntar o ouro que mandou a Aragão, e quanto era por todo 149
CAPITULO XLIX. — Como o conde partiu de Lisboa para Aragão, e como chegou lá com todo o haver que levava 152
CAPITULO L. — Do que o conde ordenou que se fizesse d'aquelle ouro que levava, e como começaram pagar soldo ás gentes que haviam de servir 155
CAPITULO LI. — Como o conde D. João Affonso se partiu para Portugal, e porque não foi trazida a infante a Portugal 158
CAPITULO LII. — Como os capitulos da guerra foram outra vez mudados, e el-rei d'Aragão mandou seu recado a el-rei D. Fernando 161
CAPITULO LIII. — Como foi tratada paz entre el-rei D. Henrique e el-rei D. Fernando, e com que condições 164
CAPITULO LIV. — Como el-rei d'Aragão mandou tomar a Affonso Domingues Barateiro quanto ouro tinha em seu poder 170
CAPITULO LV. — Das moedas que el-rei D. Fernando mudou, e dos preços desvairados que poz a cada uma 172
CAPITULO LVI. — Como el-rei D. Fernando mudou os preços a algumas moedas e poz almotaçaria em todas as cousas 177
CAPITULO LVII. — Como el-rei D. Fernando se namorou de D. Leonor Telles e casou com ella escondidamente 181
CAPITULO LVIII. — Como el-rei D. Fernando fez saber a el-rei de Castella que não podia casar com sua filha 186
CAPITULO LIX. — Como el-rei D. Fernando e el-rei D. Henrique innovaram certos capitulos sobre as pazes d'Alcoutim 188
CAPITULO LX. — Como os povos de Lisboa falaram a el-rei em feito de seu casamento, e da resposta que lhes el-rei deu 191